

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FREIRE FILHO, José Maria de Sá . José Maria de Sá Freire Filho (depoimento, 2010). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 45min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**José Maria de Sá Freire Filho  
(depoimento, 2010)**

Rio de Janeiro

2020

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Bernardo Buarque de Hollanda; Jimmy Medeiros; Klécia Renata de Oliveira Batista; Rosana da Câmara Teixeira;

**Levantamento de dados:** Bernardo Borges Buarque de Hollanda;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Bernardo Borges Buarque de Hollanda;

**Técnico de gravação:** Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 03/09/2010

**Duração:** 3h 45min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto pessoal do pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda intitulado "Torcidas organizadas: criando fontes", que tem como objetivo constituir um banco de entrevistas de história oral acerca das torcidas organizadas nos âmbitos nacional e internacional.

**Temas:** Atividade profissional; Club de Regatas Vasco da Gama; Clube de Regatas do Flamengo ; Esportes; Esquerda; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Eventos e comemorações esportivas; Família; Formação acadêmica; Polícia; Torcidas de futebol; Violência;

## *Sumário*

*Entrevista: 03.09.2010*

Arquivo 1: Origens familiares; a formação escolar; os diferentes percursos no ensino superior; a graduação em Educação Física e em Fisioterapia; a escolha pelo Flamengo já na adolescência; o primeiro jogo do Flamengo assistido no Maracanã; os grupos de amigos no Leblon e a influência do Flamengo; a filiação à Torcida Jovem do Flamengo; a mobilização das diferentes torcidas do Flamengo; a organização dos pelotões da Torcida Jovem; a conciliação da vida universitária com a torcida; os pontos de encontro com os torcedores; as conduções de ônibus da Zona Sul para o Maracanã; a força das outras torcidas do Flamengo na Zona Sul; os diferentes cargos ocupados pelo entrevistado na Torcida Jovem; os monitores da Torcida Jovem; lembranças sobre o jogo no Maracanãzinho em 1991; os jogos de basquete como o grande lugar de encontro da torcida; a criminalização das mortes dos torcedores; a trajetória até a presidência da Torcida Jovem; a relação com o então vice-presidente da chapa, Snoopy; a dificuldade de conciliação entre torcida e vida pessoal; a trajetória de Snoopy; a sucessão da presidência da Torcida Jovem; a situação de abandono da torcida nos anos 2000.

Arquivo 2: As qualidades para a liderança de uma torcida; a organização das festividades do Flamengo; os conflitos com as diferentes torcidas do Flamengo; a divisão das novas organizações de torcida; as disputas de poder entre as divisões internas de torcida; as brigas entre torcidas do mesmo time; a entrada do funk na torcida; reflexões sobre a vivência nas diferentes gestões do clube; a questão da venda de ingressos; as relações da polícia com as torcidas organizadas; a relação do clube com os jogadores; a questão dos materiais das torcidas do Flamengo; a relação da torcida com a imprensa; a invasão das salas do Maracanã.

Arquivo 3: A época da invasão das salas do Maracanã; a responsabilidade das lideranças de torcidas; a possibilidade de retaliação às lideranças dos clubes; a relação do Flamengo com o Botafogo; a territorialidade das torcidas do Rio de Janeiro; o espírito transgressor da Torcida Jovem; a relação com as torcidas do Botafogo; as brechas na lei de proibição do uso de materiais de torcida nos jogos; reflexões sobre figuras históricas utilizadas como símbolos da torcida; a alteração dos cânticos da torcida; a Polícia Militar e a torcida; o surgimento do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (Gepe); as reuniões com diferentes clubes para a formulação da Associação das Torcidas do Rio de Janeiro (Astorj); os incidentes entre torcidas e a impunidade das mortes de torcedores; a morte do torcedor Rafik.

Arquivo 4: O assassinato do torcedor Germano; a investigação policial da morte de Germano; a rivalidade entre o entrevistado e Mauro Ribeiro, da Fúria Jovem Botafogo; a tentativa de traçar novos caminhos na torcida; as alianças com torcidas de todo o Brasil; reflexões sobre seu futuro na torcida; a violência da torcida acompanhada das transformações da sociedade; as diferentes interpretações sobre as torcidas organizadas; as perdas de diferentes pessoas ao longo da trajetória na torcida; a responsabilidade sobre os incidentes de torcida enquanto líder.

Entrevista: 03.09.2010

Bernardo Buarque de Hollanda – É José Maria?

José Filho – De Sá Freire Filho.

B.H. – Muito bom dia. Rio de Janeiro, 03 de setembro de 2010. Entrevista para o projeto “Torcidas organizadas, criando fontes”, com o entrevistado José Maria de Sá Freire Filho, representante da Ftorj e da torcida Jovem do Flamengo. Na entrevista de hoje temos como entrevistadores Jimmy Medeiros, Clécia Batista Maria, Rosana da Câmara Teixeira e eu, Bernardo Buarque. Bom Zé Maria, como eu havia te falado, a nossa ideia é um pouco traçar o seu perfil e o da história da torcida. Então eu queria que você começasse contando um pouquinho seus dados, aonde você nasceu. Um pouquinho sobre sua família? Quando? Um pouco aí sobre a sua história familiar.

J.F. – Sou filho de um fiscal de renda – que não está nem mais vivo – meu pai. E de uma dona de casa, chamada Gilda. Nasci no bairro do Catete, depois foi... Minha vida cigana foi morar de um ponto para o outro, na Tijuca, foi Piedade. E depois, aos cinco anos eu me criei no Leblon. A gente foi morar no Leblon e eu fui criado boa parte da minha vida lá no bairro do Leblon. Não tenho nada a falar assim, Graças a Deus, contra os meus pais. Tive de tudo, não me faltou nada, e boa parte do que eu sou hoje é... Claro que a base que eu tive de educação da parte deles. Muitas coisas eu posso até não ter seguido [Riso], mas a base da minha formação, meu caráter são todos deles.

B.H. – Você nasceu quando?

J.F. – Nasci em 10 de março de 1975, como eu falei, lá no bairro do Catete.

B.H. – Eles eram casados?

J.F. – Não assim *casados*... Moraram juntos. Meu pai tinha uma diferença muito grande. Meu pai teve... Minha mãe foi a quinta, não é? Para você ver, o velho não era fácil. Então ele... Minha mãe foi a quinta mulher, depois ele teve mais duas e pouco tempo ele estava na oitava.

*Casado* mesmo ele teve o primeiro casamento, depois teve no último aqui com essa senhora que esteve com ele – Isabel – antes dele falecer aos 83 anos.

B.H. – Seus avós, você conheceu?

J.F. – Conheci, conheci. Conheci minha avó paterna, mas depois... Era muito pequeno, sete ou oito anos, ela faleceu. E os meus avôs maternos estão vivos ainda.

B.H. – Todos do Rio de Janeiro?

J.F. – Todos do Rio de Janeiro. O meu avô é da Bahia, mas estão todos morando no Rio. Meu avô é da Bahia e minha avó daqui também do Rio de Janeiro.

B.H. – Então você a partir dos cinco anos foi criado no Leblon.

J.F. – Isso. Bairro do Leblon.

B.H. – Adolescência...

J.F. – Adolescência toda. Boa parte da minha vida. *Agora* eu moro em Laranjeiras. Casei e estou morando aqui em Laranjeiras, mas até ano passado estava no Leblon.

B.H. – E você estudou onde?

J.F. – Eu me alfabetizei na Gama Filho. O meu pai antes de ser advogado, antes de ser fiscal, ele foi policial na época de Getúlio Vargas, a polícia especial. Ele trabalhou com o Ministro Gama Filho lá na Universidade. Então, por ser filho de funcionário, eu me alfabetizei ali... Até o comezinho foi ali. Depois que eu fui morar no Leblon fui estudar no Saint Patrick's no final do Leblon, ali perto do baixo Leblon e depois eu tive a minha... Passei pelo Saint Patrick's até a quinta série. Depois por problemas de não passar na série eu fui pulando de escola, fui para o [colégio] Divina Providencia, fui para ADN, fui para o Pinheiro Guimarães, depois fui fazer faculdade e segui em frente.

B.H. – E você escolheu que faculdade para fazer?

J.F. – Isso... Ih, vai ser uma história longa então [Risos]. Vai ser uma história longa, porque eu sempre... À princípio, quando eu comecei, eu fui... Minha primeira faculdade que eu comecei a fazer foi Biologia, sempre fui bom aluno em Química, Ciências Biológicas, eu falei: “Então vou fazer biologia e tudo”, mas na prática eu fui fazer Biologia na Gama, fui trabalhar na Gama Filho também depois de um tempo após sair do quartel – passei o período militar normal, servindo no Forte do Leme durante quase dois anos, depois dei baixa e tudo. Meu pai conseguiu uma vaga para eu trabalhar na secretária, aquelas coisas lá da Gama Filho. Ele conseguiu me colocar lá, comecei a trabalhar, automaticamente como funcionário você tem bolsa e tudo. Pensei: “Ah, vou fazer Biologia, gosto tanto e tal”, mas na prática eu falei: “Não era isso que eu queria”. Aí “pun” eu fui fazer Nutrição. Fiz só seis meses e aí “pun”, Direito. [Risos] Porque parece que assim: “Pô, o cara está banalizando o estudo”. Não porque é tão fácil, eu não pagava, então “vou tentar outra até achar”. Aí eu fui para Educação Física. Fiz Educação Física até o meu 6º período. Depois eu tive uns problemas na Gama Filho de corte e tudo. Eu até pedi para sair, porque eu não estava mais feliz com o emprego, estava até envolvido com a torcida na época. A Torcida já estava influenciando um pouco a minha vida, então eu abri mão, larguei a instituição que eu trabalhava, tranquei a faculdade e fiquei um tempo - dois anos e poucos - sem estudar, sem ir a faculdade. Depois, quando eu voltei, voltei para fazer fisioterapia, eliminei algumas matérias, foi uma loucura! Mas hoje eu sou fisioterapeuta, me formei em Educação Física depois e não pretendo fazer mais nenhuma faculdade [Riso]. Escolhi mais essa área porque eu me identifiquei, eu me identifiquei com essa área de movimento, esporte, reabilitação. É uma área que eu gosto, gosto de trabalhar. Assim, achei, procurei pra caramba, mas achei.

B.H. – Quando que você se formou?

J.F. – Me formei em 2004. E concluí Educação Física logo... Meio de 2005, 2006. Tive que voltar um periodozinho, monografia, as matérias para ajustar e aí eu concluí isso. Mas quase não exerço. Sou fisioterapeuta mesmo, não exerço a profissão.

B.H. – Essa relação com a torcida tem alguma coisa a ver com o início de adolescência no Leblon... Dos ares ali no Leblon?

J.F. – Se eu for falar que o que me levou a ser Flamengo – porque meu pai é América, minha mãe é tricolor, meu avô é tricolor, minha avó nem sei se tem time, nunca entrou nesse mérito. Meus avôs... Minha avó paterna eu não sei, eu era muito pequeno, eu não tenho esse conhecimento. Mas, eu não tinha ninguém. Acho que eu fui o único iluminado na casa [Risos]. Então eu acho que eu não tive nenhuma influência da parte de família. Mas eu fui morar no Leblon novo, minha mãe me colocou para nadar no Flamengo. Fiz natação no Flamengo, fui fazer vôlei. Nunca fui muito bom de futebol, não é à toa que estou na arquibancada, estou torcendo. Se fosse bom em futebol, nem estaria aqui hoje [Risos]. Estaria fazendo outras entrevistas por aí, mas nunca fui muito bom. Sempre gostei, mas quando bota a bola meu pé, é uma desgraça! [Risos] Mas eu sou melhor do que o Val Baiano agora, se bobear. O Val Baiano está uma desgraça, mas tudo bem.

B.H. – Agora você tem porte de jogador, porque quando você entrou, a moça ali, funcionária, perguntou se você era o jogador. [Risos]

J.F. – Quando você acompanha às vezes o time viajando eu já escutei “você é jogador?” Falei: “Não, eu sou torcedor” [Risos]. “Que isso, deste tamanho!?”. Falam de basquete e falam de futebol. Mas, o que me levou a ser Flamengo é esse convívio desde pequeno no clube. E aí foi aos poucos. Eu me lembro que, moleque eu via... Assisti Zico jogando. Final de carreira dele, mas *tipo assim*, 83... Treinando falta, coisa que eu assistia. Às vezes a bola caia lá fora, a gente pegava: “Aqui, Zico”, jogava para ele de novo. Então essa paixão começou ali pequeno, no clube. E eu só fui ao Maracanã, depois dos 12... 10,11, 12 anos. Eu fui ao Maracanã com 11, 12 eu comecei a frequentar a torcida. Então, foi um grupo de amigos, claro que um grupo que morava ali perto, a grande parte rubro-negro. Então assim: “Ah, vamos embora, o filho de fulano e beltrano vai, então você pode ir”. Juntava um grupinho e ia. Era bem diferente dos dias de hoje, do que está acontecendo hoje, Mas, tinha os seus problemas. Então eu comecei a ir ao Maracanã assim. Eu lembro que meu primeiro jogo, sem ser torcida, foi um Flamengo e Bangu. A gente perdeu. Eu falei: “Gente, que pé frio”. Eu entrei em desespero. Em 86, 87, lembro-me que foi um jogo que, logo quando eu entrei, foi uma final entre Flamengo e Fluminense: 1 a 0 - Flamengo. A gente foi campeão no segundo ou terceiro turno. Foi uma coisa assim. Gol do Marquinhos. E ali começou aquela coisa, vamos acompanhar e fui acompanhando dentro das possibilidades, porque eu era muito novo. Até o grupo, não é? “Esse moleque não vai, é um problema” Então assim: “bota ele

fora”. O que eu pude acompanhar, o que eu pude seguir e sigo até os dias de hoje, eu vou indo. Não tenho como explicar o que nos move a acompanhar o clube.

B.H. – É curioso alguém que se tornou Flamengo por frequentar o clube. Um dado... É menos frequente. Em geral é a família que tem um papel muito forte.

J.F. – É, eu não tive. Por parte do meu pai: “ah, o América”, “América, pai? Pô”. Não rolou assim. Minha mãe nunca foi fã, então nunca estimulou. Meu avô é tricolor fanático, mas ele nunca se meteu, não sei se era por respeito ao meu pai, porque meu avô e meu pai, eles têm... Meu pai é até mais velho do que meu avô. Para você ver como meu velho era safado, ele pegou uma menina da idade da filha dele. Eu tinha duas irmãs por parte de pai: uma já faleceu. Faleceu até nova, com 38 anos. E a que está viva. Minha irmã atualmente está com 62. Então era uma diferença *muito* grande, mais de 20 e poucos anos. Então eu acho que meu avô não se meteu circuito “Pô, vou entrar lá, o cara é fluminense e meu pai...” Eu fiquei lá a escolha da luz divina. Então veio, bateu uma hora lá [Risos]... Então Flamengo! Então foi meio encaminhado. Minha mãe não gosta. Minha mãe foi lá em casa ontem... Eu até evito usar roupa de clube, porque uma série de coisas que aconteceu durante a minha vida com a torcida que ela... Eu tinha que ir à lixeira buscar as coisas, jogava tudo fora, tinha que ir lá catar. Aquelas coisas de mãe, mãe a gente tem que entender e respeitar. Então, eu evito.

R. T. – Mas a torcida veio pelo bairro então.

J.F. – Começou no bairro.

R. T. – No bairro. Os amigos do bairro.

J.F. – Aham.

B. H. – Tinha essa coisa, a galera da João Lira...

J.F. – João Lira, baixo Leblon. São vários grupos. São vários grupos de amigos. Eu morava no Dias Ferreira, ali perto do La Mole, o Celeiro... Eu morava em cima do Celeiro, então ali já tinha um grupo que ia para [Falange]. Eu comecei a ir em 86 ficar perto do povão, entre a Jovem e a Raça e assistindo. Mas, o que me levou para a Jovem foi esse jogo do Fla-Flu que



eu passei e tem um colega nosso – é até um senhor. Eu até sacaneio “Está um senhor já, hein?”. Ele me entregou um papelzinho bem chinfrim: “Filia-se à Torcida Jovem!” Hoje em dia é: “Aliste-se!” Hoje em dia têm um monte de coisas. Depois do [Léo] militarizou o negócio. Mas era: “Filia-se, traga duas fotos” e tal... Não tinha nem sede ainda. Depois a gente foi ter a sede no Edifício Central, depois na Senador Dantas e agora estamos na Álvaro Alvim. Mas então me filiei àquela coisa assim, ganhei minha camisa... Eu era tão pequenininho perto da Falange que era a grande na época e a Raça, mas sei lá, era o perfil... Era engraçado, era um grupo em que estávamos sempre fazendo o nosso barulho. Às vezes parava e nós estávamos fazendo barulho. Então, assim, um perfil diferente. Gostei, fiquei, acabei ficando lá. E aí fui criando amizades, enraizando amizades e ficando até hoje.

B.H. – Então foi observando na arquibancada, não foi uma coisa assim: Já tinha um pessoal do Leblon que era da Jovem e por isso você aderiu.

J.F. – Não, tinha. Tinha, mas era assim, colegas meus como o Edmar: Ele era da Falange... Mas a Falange era do lado Jovem. Na hora do jogo todo mundo ia junto, não tinha esse negócio... Hoje em dia está muito segregado. Pô, a Jovem aqui, “se tiver alguém da Raça...” *Mas que isso?* Todo mundo é Flamengo, entendeu? Então você ia junto, tinha o [Bolito]. “Gol!” A gente discutia: “Pô, que esse cara é um *merda*, tal” Mas, todo mundo participava do jogo. O cara com a camisa da Falange, camisa da Jovem, a Raça... Cada um tinha sua camisa, mas a paixão ali é a mesma. Então tinha uma interação até melhor do que hoje em dia.

B.H. – Tinham jogos até que as torcidas, quando o Flamengo estava mais fraco se juntavam.

J.F. – É. É triste ver alguns episódios que tiveram alguns anos passados de brigas dentro do Flamengo. Pô, mas que isso, cara? Acho que a torcida, a finalidade dela é estar para o Flamengo. “Porra, sou da Raça, sou da Jovem”. Agora tem a Urubuzada. “Que isso?” Sabe? A gente se enfraquece, a gente se enfraquece, a gente perde nosso poder que a gente tem de Nação Rubro Negra de incentivar o clube com esse tipo de individualidade, aquelas coisas “Ah, não, eu não vou ali para Jovem” “Não, vamos juntar e tal”. A última vez que a gente se juntou, eu agradeço até os amigos da Raça, os amigos da Urubuzada, da Manguaça. Foi em um desgraçado jogo do Thiago Neves 4 a 1 que ele fez o créu, a gente estava perdendo, levando um baile de futebol e estava bem incisivo o negócio de Raça e Jovem. Negócio de

bairro, aquela coisa de bairrismo. Então eu me lembro que estava em baixo de chuva e eu sou uma pessoa fácil – cada um com as suas manias – quem me achar no Maracanã, eu vou estar no primeiro ou segundo degrau ali atrás do placar. Pode fazer sol ou chuva. Chovendo todo mundo sobe. Você que imediato sozinho só eu fico ali. Minha maneira, um tipo de superstição, é ali. Torrencialmente eu estou ali. Então começou a *chover, chover, chover*, estava chovendo bastante. O jogo estava favorável para a torcida do Fluminense, estava todo mundo junto. Começou o segundo tempo, começou a bateria Jovem esquentar a Raça e a gente começou a cantar alguma coisa, aí o pessoal desceu para fazer a festa na chuva, não é? “Vamos descer, desce para fazer festa na chuva!” A Raça fez a mesma coisa. Só que na hora começamos a ver: desceram de lá, desceram de cá, começaram um para cima do outro. Aí eu pensei: “vai dar o que a gente não quer, vai dar problema” e eu me lembro que eu corri na frente, aquele pessoal lá, o Luizinho veio até o [Macu] a gente foi lá “Não, não” “É juntar, união”. Nós estávamos parados e começaram a juntar, aí a gente juntou, fez aquele bolo, chegou a Urubuzada. A última vez que teve uma união Raça e Jovem. Aí juntou a Urubuzada, juntou Manguada, ficou aquele bloco andando na chuva de um lado para o outro. É bonito isso, porque a torcida é isso! Eu entrei, a torcida é isso! Hoje, infelizmente, muitos entram e, às vezes, não sabem o que é a história e entram assim: “Ah não...”, quer se auto afirmar. É complicado, hoje em dia se você analisar a torcida, eu acho um pouco complicado.

B. H. – E aí você escolheu então um pouco a arquibancada, a Jovem. E passou a ir porque a Jovem tinha dois núcleos fortes no final dos anos 80 que era – corrija-me se estou errado – que era Copacabana e Saens Peña.

J. F. – É. Zona Sul de um modo geral. Zona Sul de um modo geral era bem forte, porque o clube é localizado na Zona Sul. Então muitos jovens como eu pegaram com os pais ou ali, Flamengo ali. Realmente Tijuca é um grande... Não é à toa que é o pelotão central ali. Então todo mundo se convergia para ali. E essa coisa de visão de pelotão foi o até na época do Leo, que instituiu isso. Era um trajeto que se seguia. Saia ali da Gávea que era o primeiro pelotão - Zona Sul. Depois ia para Jacarepaguá, que era o segundo. O terceiro que era Marechal, Cascadura. Quarto: Olaria, Bonsucesso. Quinto: Méier. Depois chegava ao sexto “mas você está perto do Maracanã”. Ali que era a *concentração*. Então, depois foi criando meio que aleatoriamente. Até o nono pelotão, foi assim meio que mapeado, meio montado assim. Também tinha, eu acho, Irajá, Vista Alegre, aquela região toda. Oitavo: São Gonçalo. Depois que foi dividido dessa forma. Isso antes de virar pelotão, exército rubro negro, já era feito

meio que dessa forma. As pessoas até se organizarem, se juntarem para irem todos juntos ao Maracanã, porque o problema já existia. O problema de torcida já existia, mas em uma proporção diferenciada dos dias de hoje, mas...

R. T. – Você entrou que ano mesmo?

J. F. – 87. Tinha doze anos.

R. T. – Você nunca saiu. Não teve nenhum momento assim de...

J. F. – Na época da faculdade eu ia, mas não estava na dedicação. Era aquela coisa, dedicação você... Tinha aquele negócio... É uma cachaça, você vai... “Vou dar um pulo na sede ali falar com o pessoal, eu vou ficar no máximo 20 minutos”. Você entra lá uma 13h e quando vê, já são 19h da noite! “Gente, caraca, não dá, vamos embora, vamos sair”. É uma coisa que te prende e, sabe, no momento em que eu estava na faculdade eu evitava passar pelos meus amigos porque poderia perder aula... Poder... “Vamos embora que tem um jogo hoje, vamos embora...” Eu não me afastei, eu fui um pouco mais comedido nessa época. Isso eu tinha, eu estava... Eu me formei até perto de muitos amigos meus até mais velho. Estou com 35 agora. Eu me formei com 28,29, já era para estar cansado de estar formado, entendeu? Então, assim, se não for agora, vai ser mais difícil depois, vai ser mais complicado. Eu foquei e me formei, mas eu não abri mão, não larguei, não abandonei. Estou mais para fazer isso agora, estou cansado. Vou para o Maracanã ficar torcendo hoje sem me envolver na parte, hoje em dia, administrativa. Até estou desmamando. Os moleques que estão lá... Essa molecada que está lá, a gente dá uns conselhos, dá uns toques, mas é com eles, porque eu tive meu momento em 98 e agora é o momento deles. Então, tem muita coisa que tinha que fazer, que passar, a gente vai passando, está ajudando. Mas, é um momento deles, então vamos ver o que vai ser daqui por diante.

R. T. – Mas como é que foi então essa trajetória na torcida de quando você entra para a...

B. H. – E quando você, uma vez que você entrou, você já fazia esse ritual de ir para sede? Ou de se aglutinar e ir direto para o jogo, como é que era?

J. F. – Quando a gente começou esse...

B. H. – Ou era assim, se encontrar direto na arquibancada?

J. F. – Não. Quando a gente começou... Tinha um grupo do Leblon, era um grupo bem numeroso. O grupo da Zona Sul era bem numeroso. Então a gente estava no Leblon na esquina da Afrânio de Melo Franco com a Ataulfo de Paiva, que eram as nossas reuniões às sextas-feiras à noite eram lá. Na época até o nosso monitor era da Zona Sul – o André – que hoje em dia é até um chefe de cozinha. Falei: “gente, agora você é um chefe de cozinha” [Risos] André [animalzinho] então ele era nosso monitor. Edmar era sub monitor, que hoje em dia é taxista. Então, assim, hoje em dia, cada um está nos seus ofícios. Então a gente se encontrava às sextas-feiras para ouvir as determinações vindas da sede. Ou na sede, ou “que dia vai ser o jogo?” “o jogo vai ser dia tal”, “na Sáenz Peña que horas?” “Então a gente tem que se encontrar no Leblon tantas horas para pegar um ônibus coletivo ou para chegar à Saenz Peña tantas horas, para ir ao jogo tantas horas”. Nunca dava certo, a gente se atrasava. Às vezes chegava na hora do jogo, mas foi assim. Foi tendo essa rotina que foi implementada. Chegava em dia de jogo, eu, moleque, às vezes eu nem dormia, aquela ansiedade, aquela coisa, não dormia, não comia direito!<sup>1</sup> Queria ir logo para o jogo e tudo, mas... É bom lembrar esses momentos. Hoje em dia eu não sei como é que está. Eu não sei se tem a mesma... É uma parada muito suave, é uma pureza. “Eu quero ir para o meu jogo”. Às vezes chegava cedo e, tipo, dava para amarrar as bandeiras, pegar aquelas pilhas de papel higiênico – que na época tinha – que a gente botava na arquibancada. E hoje em dia eu não vejo isso em um garoto que tem 12 anos que eu vejo na minha frente. Eu não vejo e mesmo assim é uma coisa que eu tinha nos olhos, tipo aquela vontade. Hoje em dia está um pouco diferente, eu acho que está um pouco diferente. Mas eu não estou ali para julgar ninguém, estou ali para ajudar.

B. H. – As linhas de ônibus, por exemplo, se eu não me engano também a TJB ia pelo 464.

J. F. – 464, 434. Às vezes... O 464 passava pela praia e o 434 ele ia pela Lapa. Foi um ônibus de bastantes guerras ali na Zona Sul. Porra. [Risos] Um ônibus de bastante problema, mas...

B. H. – Porque a Jovem ia em qual linha?

---

<sup>1</sup> O entrevistado bateu as palmas para evidenciar a euforia desse momento.

J. F. – Como era no Maracanã e a gente tinha que ir para o Maracanã direto a gente pegava o 460. Zonal Sul o 460 passava no Rebouças. Mas eu lembro que tinha... O *tesão* de passar pelo [Rajá] ali, o *tesão* de passar na praia de Botafogo para falar: “somos os maiores, somos os melhores” aquela coisa da auto afirmação. Mas assim passava por lá. Isso era mais na volta. A ida – até pelo fator de horário – nunca ninguém chegava na hora. “Ah, 11h na Afrânio de Melo Franco”, dava 12h, 12h e pouco. A galera do Leblon estava ali, mas “ah, está faltado a galera de Copa, a galera de Copa, além de Botafogo” aí chegava o cara com quase duas horas. Então atrasava toda a saída, então tinha que pegar o 460 para ir para o Maracanã direto, ou para ir descer de São Cristóvão para ir até Saens Peña. Mas a volta... “Não, via Botafogo!”, todo mundo. [Risos]. Aquela coisa, não é? Claro, eu não vou ser hipócrita, porque eu posso estar hoje com uma maneira diferenciada de olhar, mas é a fase “Vamos passar!” Então quem era contra esse pensamento, até o nosso chefe que, na época, era nosso monitor, ele morava em Botafogo, então ele não queria passar por lá, porque ele poderia... Ele conhecia alguns da Jovem Botafogo “Pô, vocês vão acabar me ferrando” e tal. Caiu! Foi rápido, foi deposto. Entrou outro porque nego queria problema, nego queria guerra, mas, aí foi acontecendo [Risos]

B. H. – E as outras, a Young, a Força Jovem não tinham força na Zona Sul?

J. F. – Não tinham muita expressão. A Força Jovem tinha até na época, isso nos anos 90, 91 ali pela Farma de Amoedo. A galera da Farma tinha uns personagens ali que pontuavam a Zona Sul ali, mas a expressão maior na Zona Sul era a Torcida Jovem do Flamengo, vamos falar assim. A Raça tinha um núcleo bom ali na Gávea, a Jovem ali na Zona Sul toda e sobrevivendo ali, aquela região de Botafogo, Flamengo e tudo, mas eram as torcidas que tinham, mapeando a Zona Sul daquela época. A Força Jovem era mais Zona Norte, até a qualidade dos caras, era mais a Zona Norte ali de São Januário, Vila Isabel, então era bem... Méier. Era bem reduto deles, mas o nosso era mais Zona Sul. Depois esses polos foram mudando. A Zona Sul foi enorme. Hoje em dia, se você for ver o pelotão da Zona Sul é micro, meia dúzia de moleques e hoje em dia Campo Grande nosso é grande. Então, as coisas foram mudando de acordo com o passar do tempo.

B. H. – A sua entrada na torcida com 12 anos, garoto, não é?

J. F. – É. Eu entrei com 12, comecei a frequentar com 12, mas ativamente, de participar – você às vezes é um número – mais um ali para ajudar a carregar a uma bandeira, a cantar, a

ouvir o jogo. A princípio com 12 era estar ali no Maracanã, vendo o jogo. Tinham os benefícios às vezes de comprar uma camisa mais barata ou às vezes ter a credencial, mas nessa época nem tinha. Com 12 nem tinha, mas juntar um grupo para entrar, era muito pouquinho... Eu por ser pato novo “ah, pato novo” “Esse aqui não, vai ter que pagar”. Então eu com 13, 14,15 anos já estava mais... A gente começa a frequentar a parte do meio e aí começam as mudanças. Eu posso dizer assim, [por ter sido presidente] passei por quase todas... Vamos falar assim, dos cargos ou das patentes, vamos falar assim. Eu passei quase por todas, eu passei por todas, se for analisar assim. Monitor, sub monitor, monitor, diretor de torcida, depois fui presidente. Eu pude passar por tudo. Não estou falando assim: “Ah, foi uma escola”. Não, eu passei, eu vivi a torcida. Vivenciei aquilo. Não foi uma coisa assim: “Ah, toma aí”, cai no teu colo, “Pega!”. Mas vivenciei dentro da minha pequena – tem muitos que tem muito mais vivência do que eu. Mas, [também não estão frequentando], eu peguei minha pequena vivência e fui levando.

R. T. – Quando você foi presidente?

J. F. – 98

R. T. – Então quanto tempo da entrada para a saída?

J.M. – Isso eu queria ver.

J. F. – 98, 99, 2000, aí mudou.

J.M. – Mas você entrou em 87, você foi virar monitor em que ano? Como é que foi o caminho?

J. F. – Ah espera aí, agora vamos abrir os arquivos aqui da cabeça. [Risos]

B. H. – Você falou [isso de patente], tinha uma história – não sei se chegava a existir – do sócio bronze, prata e ouro.

J. F. – Isso é uma ideia antiga, mas depois foi implementada, na verdade em 2001. 2001? É. 2000, 2001. Por outro presidente nosso – o Marcelo, até com o Snoopy. Tentou, mas não deu certo, porque você tinha... Quando se fala em grana “Ah, quero ser ouro”, “Ah, me dá o ouro, depois eu pago”. Aí, todos que eram antigos ouros não pagavam. “Porra!” Todos querem ser ouro, mas não querem pagar. Então assim...

B. H. – Mas não funcionou, não é?

J. F. – É, não funcionou. Hoje em dia nós temos o sócio contribuinte, sócio... A gente adotou até um perfil do Flamengo. Eu peguei... As últimas reformulações foi até eu que ajudei junto com os advogados a tentar mudar ou melhorar, até para proteger a instituição. Então a gente se baseou assim: os sócios têm como se similar com o do Flamengo, como grande benemérito, benemérito, contribuinte, é... Só tem o benemérito, contribuinte e grande benemérito. Grande benemérito são as pessoas que foram ex-presidentes. Os beneméritos são os que têm um tempo [de instituição]. E os contribuintes vão chegar a ser beneméritos? Vão, mas depois... Ah, entrou hoje, foi monitor, está ajudando, aí você passa a ser... Tem uma graduação dentro disso. A gente tentou, mas vamos ver se dá certo. Não vou estar lá para acompanhar isso, não vou aguentar. Tentei ajudar a mudar, a organizar isso, mas vamos ver se vai dar certo.

B. H. – Monitor existia quando você entrou na torcida?

J. F. – Quando eu entrei não tinha essa... Quando eu entrei era até o falecido... Eu tinha muito pouco contato. O presidente era o Niltinho e já existia a ideia. A ideia de “Ah, vamos dividir por grupos, até para se encontrar” a ideia existia em 87, 88, mas não existia esse negócio aí. A palavra “monitor” poderia até existir, mas posso estar sendo leviano hoje, poderia até existir a palavra, sou responsável. Mas esse negócio de divisões instituídas foi 88, 89 com o Léo quando assumiu, aquele negócio de [luva preta, black tie, exército rubro negro]. Aí começou a dividir, colocar como pelotão, exército, tanque, tudo. Então isso foi dividido mais porque... Quando eu entrei não tinha... Foi logo depois. Estava no processo, isso estava em processo ainda. Mas aí eu entrei e fui ser monitor lá do Leblon na época, foi em 90, 91. Isso é. Foi logo depois do bendito jogo do Maracanãzinho, um moleque foi arrastado lá, um cara da Raça.

B. H. – Foi 91 isso, não foi?

J. F. – É, foi em 91. Foi em 91, eu posso ter... Em 91 fui monitor, mas monitor...

B. H. – Você estava nesse jogo?

J. F. – Estava.

B. H. – Correu muito nesse jogo? [Risos]

J. F. – Corri. É porque é assim: o Maracanãzinho você sobe, chega lá no último degrau tem um fosso, não é? Tipo um fosso [forte]. Aí eu me lembro que tinha um desgraçado de um

colega nosso, chamado peixe frito maior porque ele era um escurinho. Ali foi uma “porradaria”. Totalmente sem... Não tinha como, tinham poucos policiais e tudo. E aí que era uma coisa anunciada. Eu parto do seguinte: o que está acontecendo hoje e o que aconteceu naquele dia, tudo são [fatos] anunciados. Nego só quer pegar o problema e depois diz: “Ah não, tinha que prevenir”. Tem como prevenir, tem como detectar, mas isso não cabe a... Eu ficar apontando isso. Existe hoje em dia – as polícias estão equipadas para um monte de coisas, mas... Voltando a falar de 91. Então eu estava esse dia, teve esse tumulto todo, era um grupo que estava esse dia do Flamengo, eram mais de moleques. O grande público estava... A ordem da diretoria era “ninguém invade, porque é terreno do [Niltinho], não sei o que, ninguém vai pisar nesse dia e tal”. Eu, moleque, tudo com fogo dentro... “Vamos, vamos que vamos, não sei o que”. Foi. Teve aquilo tudo, fui uma briga intensa, no final eles tiveram vantagem, 12 por um, corre e tal. Ali eu corri *pra cacete*, subi, quando cheguei, ali o Peixe Frito: “Não vou pular, não, cara” é *Vapt-vupt* ele me jogou, eu caí em cima da [PM], foi aquela chuva de gente, todo mundo caindo no fosso, todo mundo pulando para fugir. Fugi, mas não teve maiores problemas. Até o rapaz que foi arrastado saiu andando, com a cara toda tatuada, para não dizer outra coisa. Mas, tipo assim, ali foi uma coisa que... Depois a gente tomou um... A gente sofreu uma pequena represália dos nossos antigos da torcida: “Falei para vocês não irem!” Depois a gente teve um castigo lá, bem característico dele, mas foi um jogo bem chatinho.

B. H. – E do contrário, a Força Jovem estava com a diretoria, não é? [Deu para identificar] o Roberto, presidente.

J. F. – Estava, estava. Estava o Roberto...

B. H. – O presidente hoje é vereador.

J. F. – É, hoje ele é vereador.

B. H. – Estava nessa briga.

J. F. – Estava. Eu tenho todos esses vídeos. Eu sempre gostei muito de tirar foto, de gravar as coisas assim, na televisão. Algumas eu até perdi, minha mãe jogava fora “Ah, eu joguei fora” [Risos] Eu ficava desesperado, porque às vezes me dava o maior trabalho: botava lá, programar, botava no [Globo] Esporte, porque tinha uns videozinhos que dava para programar. Pô! Minha mãe pegava e jogava *fora*. Mas sempre tinha um colega meu que gravava. Eu tenho até um colega nosso, o Alex - vulgo Jabuti – ele tem um acervo com mais



de cem fitas de todos esses joguinhos assim. Famoso arroz de fogo que teve lá em Olaria, os jogos de basquete que teve em 89,88, que foi um merdelê só. Todos os jogos do Flamengo, em que o Vasco teve lá, foi problema na entrada, durante, na saída. Então assim, teve muita coisa gravada. [Riso]

B. H. – Os jogos de basquete passaram a ser o grande lugar de encontro, não é? Porque...

J. F. – Tinha facilidade...

B. H. – Proximidade...

J. F. – Proximidade e facilidade, porque nego não acreditava, aí vamos botar lá um camburão, um efetivo pequeno. Na época a polícia deixava! Não tinha como segurar. Hoje em dia não sei se também vai ter como segurar. Eu estou com uma preocupação até recente que vai ter showbol agora terça-feira. Eu acho que vai dar problema, espero que não. Showbol acho que vai ser Flamengo e Vasco, Flamengo e Botafogo, depois vai ter Vasco, América logo depois. É uma hora, “você vão chegar todos juntos, no Maracanãzinho, a entrada é franca” a polícia não está sabendo, eu vou ter que comunicar o evento. Falar: “Oh, vou comunicar aos senhores para ajudarem nisso aí porque senão vai dar problema”. Só que, hoje em dia, o problema acho que é até um pouco mais grave. As pessoas matam hoje em dia, estão matando. Acho que é... Sei lá. Na torcida você tem ascensão por duas coisas – pelo que eu vivi no tempo de torcida: você tem ascensão por ser *o cara* que bate, que faz e que acontece, sabe? Você cresce sendo assim. Ou se você bota a cara para alguma coisa. Eu nunca fui lutador, já tive muitos problemas, participei de vários problemas [Riso]. Mas não sou o cara que me destaquei. “Zé Maria é uma cara, brigador, ‘porradeiro’”. Eu não sou. Mas eu sou o cara que em todos os problemas, bons e ruins, eu estava lá, para tentar falar pela a instituição, para tentar botar a cara. Então, você adquire respeito por esses dois... Ou você se mostrando presente para ajudar a instituição o que for, ou indo no fórum para representar, ou fazer qualquer coisa. Não estou falando dos problemas. Mostrando a cara, puxando as responsabilidades para você para falar e defender a instituição ou sendo o cara nas ruas, sendo o “bam, bam, bam”. Então, eu, nessa minha dedicação que eu tenho, a minha paixão pelo Flamengo e pela torcida, eu fui crescendo. Poxa, eu sempre estava lá, eu sempre estava no final do jogo para carregar uma bandeira desde moleque sempre estava na hora. Não digo, na hora, pois sempre atrasava, mas eu sempre estava nos jogos, eu nunca faltei. Era certo de eu estar, então essa confiança no grupo vai crescendo e vai conquistando o seu espaço. Então, ou seja, “o Zé Maria é uma cara que...” nego fala assim: “Pô”... As pessoas que me conhecem

na rua dizem: “Pô, você é de torcida, cara? Você é totalmente diferente, você não bebe, você não fuma, não se droga”, “Caraca, você está no meio de um monte de maluco”. Realmente, é um monte de maluco. Vai ver que eu sou maluco, mas não estou demonstrando para você. [Risos] Mas criam uma imagem. Todo torcedor cria uma imagem. E complicado, nos trabalhos que eu tive, quando eu trabalhei na Gama Filho, como eu te falei, eu tive que sair da Gama Filho em 98, porque eu assumi a presidência. Quando você assume uma responsabilidade dessa, você fica... A torcida te suga  *muito, muito*. A sua presença, a sua atitude, a sua orientação. Então eu não consegui conciliar mais a faculdade com o meu trabalho e ser presidente da Torcida Jovem do Flamengo. Foi uma época complicada, eu comecei... Fora os problemas...

R. T. – Mas como isso aconteceu? Você ser presidente da Torcida, esse trajeto?

B. H. – E só tentando seguir essa sequência, porque você falou das mortes, você entrou em 87 e em 88 teve a morte do Cléo da Mancha. Então essa criminalização começou nessa virada, não é?

J. F. – É.

B. H. – Hoje tem isso já caracterizado como morte. Só para seguir a sequência, em 91, você estava falando do basquete...

J. F. – Não...

B. H. – [ Você entrou no momento que essa criminalização estava... ]

J. F. – Aconteceu com o Cléo, depois, posteriormente com o Dicá. Então assim...

B. H. – [Budi]...

J. F. – [Budi]. As mortes acontecem. Elas aconteceram anos atrás. Eu estou falando que hoje, em uma guerra, em uma briga de torcida, as pessoas te batem até matar. Hoje em dia é assim. Antigamente quando você brigava, batia e chutava, o cara apagava, nego já ia para outro e deixava aquele outro lá dormindo. Mas é uma verdade. Hoje em dia mataram o Germano assim na Praça XV. Mataram um rapaz agora do Vasco, tem duas semanas, assim. É assim: eles batem até matar. Até onde vai isso? É um grupo de jovens, que querem se auto afirmar: “eu matei fulano de tal.” Então é uma coisa... Querem se auto afirmar pela força, pela... “Ah, eu peguei fulano de tal e bati a até a morte”. Cria até um status dentro desse grupo. Mas sei

lá, não sei até onde vai ser isso. Acho que tem uma impunidade muito grande, entendeu? Tem frases aí... Volta e meia têm frases de torcidas que incentivam a guerra. Então a última frase que eu mandei perguntar se achava bom, como é? Sem justiça não há paz, Deus é o juiz e nós somos a lei. Então a gente cria... Gente! Realmente sem a justiça, se pegasse um desses... Lá no Cléo, pegasse, botasse [escrachasse] “está preso”. Já dava uma segurada na arma de fogo. Não sei, essa evolução... Essas pesquisas que realizam no mundo inteiro, eu não sei como seria. Eu não sei, eu falo de dentro, vocês que estão de fora analisando todos os pontos, vocês podem me dizer isso melhor. Agora, eu não sei, na época teve o Cléo, depois teve o Dicá, teve o [Budi], teve o [Donato]. Teve um monte de gente que morreu com arma de fogo. Hoje em dia, acontece...

B. H. – Fora de situação de jogo, foi um negócio premeditado.

J. F. – Isso são pessoas conhecidas que a gente está falando. São pessoas que tinham um nome na torcida e os desconhecidos que morrem, às vezes em Bangu com um tiro, morrem em São Gonçalo [às vezes fica aleijado] tem muito isso aí, às vezes com problemas... São cadeirantes, têm pessoas que ficaram com paralisia cerebral, morto vivo. Então, a gente não sabe, é complicado.

B. H. – Aquele jogo que incendiaram um ônibus, fizeram uma emboscada e o rapaz ficou inteiramente.

J. F. – Tem um grupo nosso aí. Esse jogo eu não fui.

B. H. – Foi Flamengo e Palmeiras.

J. F. – Flamengo e Palmeiras. Tacaram fogo. Quebraram. Coquetel molotov. Até nosso ex-presidente – o Snoopy – foi queimado. Teve um grupo que foi queimado e foi acusado o Roberto, mas não teve provas, acabou... É aquele negócio, as coisas vêm acontecendo, mas teve uma coisa crescente. A coisa foi crescendo.

B. H. – E se configurou na virada dos 80 para os 90 e nos anos 90 foi realmente... E você entrou e para retomar a sua questão, e você em 98 assumiu.

J. F. – É porque assim... Vou falar até rápido. Eu peguei em 91 e fiquei ali como monitor da Zona Sul. Então todos os problemas da galera da Zona Sul eu ia lá para pegar... “São quantos que vão ao jogo?” São 15, 20, 30. E falar: “São 15 daqui do Leblon” negócio de ingresso, aquela coisa que se fazia para organizar. Passaram tempos depois, o meu monitor era esse

taxista – que era o Edmar –, ele foi para diretoria da torcida, não sei se foi como tesoureiro, que cargo ele foi. Aí eu assumi o pelotão, mas não existia mais essa... O pelotão era tão grande. Nos anos 93,94 não era tão grande. Em 93,94 que eu peguei essa época de monitor da Zona Sul, estava junto com o quartel. Então passou um tempo, eu passei o quartel, entrei na Gama Filho, comecei a trabalhar, mas vivia na torcida, vivia intensamente a torcida. Em 96 eu entrei para a diretoria, como diretor de informática. Porque era engraçado, porque eu não sou expert de informática, eu sou o cara que digita, faço no Excel, só que ninguém fazia isso na torcida, era uma coisa bem limitada [Riso]. Chegava lá e falava “gente!”, começavam a aparecer os sites foi em 97, 98. O primeiro site fui eu quem fiz, fui eu que implementei o site, porque não existia site, então a gente queria fazer um site melhor do que dos caras. A gente olha dos caras. “Pô, a Força tem site, cacete, a gente tem que fazer um site assim, caralho” [Risos] Aí chegava lá ninguém sabia mexer, eu não sabia mexer. Então cheguei na Gama Filho – por estar trabalhando lá dentro – fui lá no departamento de informática, falei: “Pô, cobra quanto, cara?” Era uma fortuna para fazer um site! Peço desculpa até por falar besteira, mas ia dar uma coça nele, pela fortuna que ele cobrou [Risos]. E, na época, eu falei: “Vamos pagar, a gente tem que ter um site!”. O site era bonito, tinha uma imagem que o tanque entrava tipo andando e dava três tiros: Tun, tun, tun e eram os três escudos: Vasco, Botafogo e Fluminense. Tum, estourava, era *lindo!* Você não tinha noção como era lindo. Só que aconteceu o quê? Porra. Cada página, cada coisinha que clicasse, que ele montasse lá era R\$50,00, R\$ 60,00. Era um absurdo! Então tinha as informações de galeria dos ex-presidentes, então quando eu fui ver era... Nego falou: “está envolvido com esse cara, armando com o dinheiro”. Eu falei: “gente!” [Risos] Tudo é assim, quando fala em dinheiro no meio de um grupo assim, é o que gerou muitos problemas atuais, problemas internos. Então quando se vivia nessa época em 87, 88 que tinha uma estrutura, até tinha, deveria ter já algum movimento de capital, mas o grupo era... Eram poucos, mas quando se entra com a marca, entra muito dinheiro, começa a desagregar e começa a dar problemas. Eu identifico o dinheiro, eu acho que em qualquer sistema, quando entra já começa a dar problema. Eu não sei, mas é... Eu estava falando do site, acho que eu perdi o fio.

B. H. – Da sua entrada como presidente, aí pensando em uma sucessão, teve o Niltinho, entrou o Léo, então o Léo ficou um bom tempo...

J. F. – O Léo ficou de 88 até 91. Aí 92 foi o Dr. Nilton [Kremer]. Mas o Dr. Nilton [Kremer] ficou à frente da Jovem, mas o Léo que meio que colocou, ficou ali por trás, porque o Léo estava indo para a Torflá lá no Flamengo. Ser presidente da Associação das Torcidas

Organizadas do Flamengo, aí ficou o Nilton, aí depois do Nilton, veio o Sergio [pão com ovo]. Não durou muito tempo, porque o [Severo] veio e tirou ele na base do papo para não dizer o contrário [Risos]. Do Severo veio o [Cemir] com o Edmar, que era o vice-presidente – esse que era o nosso monitor. Em 96... O Cemir ficou um ano. Em 97 veio o Edmar e nessa gestão – 95, 96 e 97 – eu já estava na diretoria. “Ah rapaz, esse é o meu chip do computador, bota ele para fazer isso aí”. E ninguém mexia. Eu atualizei cadastro, essas coisas assim. Eu chamei o cara da Gama Filho, eu não sabia nada, eu só tinha a ideia e a [grana] para executar. O básico eu mexia, mas engraçado é que no grupo ninguém mexia, ninguém queria saber, não entendia. Era até engraçado, mas depois que eu fiz o site, depois que foi uma fortuna, apareceram vários dizendo: “Eu fazia de graça”. Por que não veio e disse que era de graça, desgraçado? “Porque você não veio aqui falar?” Agora eu paguei, está pago e foi feito. Então em 96 veio o [Cemir], em 97 o Edmar. Aí depois teve esse negócio um jogo do Flamengo e Grêmio no Maracanã, bendito jogo que o nosso time perdeu aqui a porra da Copa do Brasil e foi um merdelê, perdeu e a torcida brigou na arquibancada, quebraram placar eletrônico e o infeliz do James [Consul] – um colega nosso do Rio Grande do Sul que morou aqui conosco – era responsável pela sede. Ele morava na sede lá na rua Senador Dantas. Excelente cara, super organizado, super correto, honesto, mas aí ele deu uma entrevista lá dizendo [que desceu a bancada, fez e acontece, quebrou o placar]. Depois dessa besteira ele foi lá, aí foi um inferno, porque foi polícia na sede, época de Secretário de Segurança querendo pegar algum culpado e todo mundo “Não, parei, parei, vamos fechar, vamos fechar, vamos fechar”. Nessa hora, estavam os moleques: estava eu, [Esmow], Snoopy, um grupo lá. Estava o Léo, o Severo, o Ricardinho, a galera antiga. Ali foi meio que uma fusão. O Edmar até um pouco mais velho do que eu, mas o Edmar estava vindo com a galera um pouco das antigas. Então teve essa galera desse grupo que se formou em 88. Foram quase 10 anos. Em 98 entrei como presidente, o Snoopy como vice, o Marquinhos grandão – que é nosso [mestre] hoje é advogado criminalista, muito bom – era o meu financeiro; Marcos Vinicius era no social, vulgo [Smow], Marquinhos, mais um grupo assim. De cabeça eu não tenho, mas em casa eu posso falar melhor. Então, assim, a gente entrou, eu me lembro que a preocupação dos antigos “ah, a gente tem a conta no banco, não sei o que, esses caras vão torrar esse dinheiro rápido”. Eu, moleque, falei assim: “Porra, irmão...” Eu moleque... Eu falei assim: “conta no banco?” – Eu tinha 22 anos quando assumi. Eu falei: “Pô, caraca, para que isso?” Aí eu fui ver. “Deve ser muito dinheiro”, eu olhei: R\$6 mil. “Pô, o cara está fazendo escândalo por causa de R\$6 mil, R\$ 6.900,00?” Falei: “Marquinhos, vamos fazer um cheque, o que é da Jovem, o que é do presidente”. Fui lá no banco, regularizei, peguei o dinheiro e falei: “Léo, toma isso

aqui, para você não falar que pegaram o dinheiro que vocês guardaram *durante 10 anos*” Porra, pensei que fosse um [negócio] de departamento. Toma esse dinheiro para você comprar... R\$6.900,00 eu vou segurar para começar a gestão, pagar aluguel – a gente não tinha nada próprio na época –, e tocamos. Fizemos algumas mudanças, nossas camisas eram da [Finta] na época, os [tanquinhos] eu cheguei e cortei, porque a gente estava recebendo aqueles boletos mensais de royalties. Royalties não. Quando você recebia por mês da Finta tem um faturamento do Brasil inteiro, é uma merreca. Eu falei: “Gente, os caras estão roubando, vendendo a camisa a [dar no pau] em Manaus, Nordeste e você recebendo só isso por mês?” . “Vamos cancelar”. A gente cancelou. Criamos a marca rubro-negra própria, tiramos aquela coisa do branco. Voltou a ser... Esse daqui já é outro modelo. Voltou a ser a camisa do Flamengo que no estatuto é isso. A camisa do Flamengo e os dizeres da Torcida Jovem, tem que ser padronizado isso. E foi. À princípio foi meio desacreditado nossa gestão, porque, assim, bando de maluco “Pô, esses caras são todos malucos e a torcida vai fechar”. Mas não fechou e criou-se uma nova... A gente conseguiu até agregar muitos jovens, criamos uma nova geração e está seguindo aí. Agora nós temos a nova garotada que está assumindo agora, tipo, botando a cara para aparecer, porque de 98 até os dias de hoje. Eu fui presidente em 98 e estava saindo no final de 99 e em 2000 assumiu o Snoopy. Aí o Snoopy foi preso, então ficou aquele hiato. Então muitas coisas o grupo resolvia, muitas coisas institucionais eu ia lá, porque eu era ex-presidente e podia, às vezes, ir ao lugar para responder, falar. Então eu fui meio que coringa até os dias de hoje, porque ninguém quer botar... Nego quer botar a cara para as coisas... Na hora da foto bonita todo mundo quer botar a cara, nos problemas ninguém aparece, mas a Jovem tem que falar tem que ter uma explicação. Às vezes eu, ou dois, três botava a lá a cara para explicar, tentar explicar o inexplicável em certas horas. [Risos] Então é complicado, é complicado. Então até os dias de hoje, até encontrei com o nosso presidente da Torcida hoje – que é o Daniel – um rapaz que já está há um tempo na torcida, mas falou: “Pô, Zé, chegou um cara que quer fazer entrevista com a Jovem e não sei o que... Tinha que ser você!”. “Mas você é o presidente, cara! Pega isso aí, abraça essa missão e vai.” “Ah, não sei o quê, bá, bá, bá, bá”. Eu falei: “Está bom, me dá isso aqui, mas eu vou falar por telefone. Não vou...” Eu quero desvincular. Porque eu sempre vou ser da Torcida Jovem, mas tem que passar o bastão. Não adianta, porque eu vou estar velho e na Torcida Jovem velho? Não existe. Tem que ter... É o presidente o quê? Na hora de ficar na arquibancada fazendo pose de galo de briga, para todo mundo ficar... Eu, não! Tem que ser o presidente de falar, na hora boa é da Jovem, na hora ruim na hora da polícia na porta: “Atende você agora.” Tem que botar a cara para tudo, tem que botar a cara para todos os momentos, nos momentos bons

e ruins. Então fui lá e “Pô, tem um probleminha para você”. Só me trazem problemas, não me trazem: “Pô, Zé, vai ter uma viagem, consegui uma passagem para você ir ver o Flamengo”. Não! Só trazem problemas [Risos], só me trazem problemas.

B. H. – Achei que você tivesse sucedido o Snoopy, você antecedeu o Snoopy.

J. F. – Não, eu fui presidente e ele foi meu vice. Eu vou até entrar nessa minha gestão, porque eu e o Snoopy sempre tivemos problemas *personais*. E acho que assim as coisas funcionam em administração. Se for todo mundo amigo, tende a sacanear quem não... Quando você tem problemas dentro da administração, um vigia o outro, um toma conta do outro, um, às vezes, cobra do outro. Então se um cobrar do outro a melhoria, tudo anda certo. Então eu tive uns problemas, o Snoopy tinha umas visões muito boas, o Snoopy era um líder, ele juntava um grupo, falava, ele tinha esse poder, ele tinha essa facilidade. Eu sempre fui muito na minha, muito fechado, introspectivo. Só que essa parte de povoar era ele. Então na minha gestão, ele é um cara que agregou, chamou para fazer reunião em pelotão no MI, dava um papo, às vezes eu ia junto. Minha parte era mais de organização. Juntos a gente: “A gente tem aqui, vamos supor, R\$ 1 mil aqui, vamos fazer 5 mil meias” eu falei: “Você está maluco? Meia no verão?” A gente tinha um equilíbrio. Eu era a parte de organização que às vezes faltava e ele a parte de captação de novos associados, aquela imagem. Porque a imagem, quanto mais rebelde... Ele tinha essa característica: Rebelde, um cara que estava à mercê das leis dos homens, mas não acontecia. Então fascinava a garotada da torcida. Que por mim, não. Eu sempre fui um cara... Ah, meu perfil: eu não bebo, não fumo, não me drogo. Na arquibancada estou lá, nego quer aquela coisa diferente. Então o Zé Maria não tem nada a ver com isso daí. Mas eu era um fator importante dentro do sistema ali. O Snoopy era importante nesse outro momento. Então, nosso casamento em 98 foi bem-sucedido, mesmo como os nossos problemas pessoais de discutir e quase sair na porrada dentro da sede por problemas nossos. Mas, como se fala, na Torcida Jovem a gente esquecia tudo e caía junto, em problemas de resolver e até fazer merda junto, a gente estava junto pela torcida. Foi um casamento bom, perfeito, tantas pessoas “Pô, a direção de vocês foi...”. Depois ele continuou, falei, pô, é algo que você cansa de ser muito sugado esses últimos [dois] anos. Eu conhecia outra namorada, torcida tem também a mulher que está com você, se não for... Porra, não dá, porque você não consegue ficar, porque você fica mais com o Flamengo, com a torcida do que com a sua mulher. Então você perde, eu tinha um relacionamento antes de ser presidente, assumi: “Ah, não, nada vai mudar”, mudou *pra cacete*, acabou. Aí quando eu estava saindo da presidência, conheci outra – vai mudar, porque não era mais presidente – continuei com a minha presença lá, Zé Maria

institucional ajudando a torcida, mas não deu certo e a minha atual realmente está aí, estamos juntos, estamos casados. Mas é complicado conciliar, manter uma vida, um trabalho e estar vivendo uma torcida. Ela te suga muito ela te... A culpa nem é da torcida, a culpa é *sua*, você que se entrega. A torcida está lá, você que está indo para lá, mas é complicado.

R. T. – Administrar paixões, não é? [Risos]

J. F. – É. A ideia é: “se for, nem volta” [Risos]. Senti falta dela *pra caramba*.

J.M. – E todas elas flamenguistas?

J. F. – Não... Eu tive uns deslizes na minha vida [Risos]. Porque o primeiro namorinho sério era tricolor e tricolor roxa. Discutia. Eu falei: “espera aí, esquece, não vamos por esse papo que a gente vai brigar”. Não tem o porquê. Namoro de novinho foi com o Vasco, mas eu nem era tão assim. Depois essa do tricolor, depois veio uma que não tinha, veio uma que era Flamengo, depois uma que não tinha, porque nunca soube, ela nunca quis falar e a atual é rubro-negra, acho que por isso que deu certo, rubro-negra me entende. Fizemos até uma tatuagem do Flamengo aqui no pescoço. Está lindo, um *espetáculo*, um *espetáculo*. [Risos]

B. H. – Mas não foi da torcida, não é?...

J. F. – Não. Isso é comprometedor [Risos]. Ele vem com a pergunta, torcida...

B. H. – Mas não tinha pelotão feminina e tal...

J. F. – Na torcida, assim, se eu não falar que me envolvi com alguém da torcida é mentira, mas não vou entrar em detalhes [Risos]. Isso aí faz parte, isso aí faz parte ao longo, porque é um grupo, e é assim: por mais que você... Quando eu fui presidente na época, o negócio ficou *bom* para o meu lado, mas eu sempre soube separar muito bem, foi a época que eu menos apronteí, se for analisar dessa forma. Porque você está ali, os olhos estão todos voltados para você, não vale a pena. Não vou entrar nesse detalhe, não. [Risos]

B. H. – Então vamos seguir essa sequência de presidência. O Snoopy era da onde?

J. F. – Olaria. Mas assim, a mãe dele morava ali na Lopez Trovão, em São Cristóvão, mas ele é de Olaria, a origem dele é de quarto pelotão.



B. H. – Ele teve esse incidente lá com a Força Jovem e acabou preso, não foi isso? Teve um jogo que eles foram lá e tal, e aí ele terminou preso, depois ele fugiu e acabou morto pela polícia, não foi isso?

J. F. – É, ele teve uma liberdade dele. Ele teve uma liberdade assim para... Ele teve assim: em 99 ele foi preso por um problema que teve [piquet] com o Curitiba lá em São Januário, dois rapazes estavam voltando do jogo contra o Friburguense, Vasco e Friburguense e ele foi... Foi uma época que a gente estava brigado, eu falei: “Snoopy, veja lá o que você vai fazer [M]”. Mas fez a bobagem dele lá, foi pego, respondeu por isso. Aí depois, não sei qual foi o meio legal, ele conseguiu um relaxamento. Passou um tempo, saiu, mas aí ele já mudou um pouco o foco, sabe? Acabou se envolvendo com outras paradas, mas, assim, não vou nem entrar... Vou falar do Snoopy que eu conheço: torcedor. Tiveram umas paradas aí que não valem à pena nem citar. Mas, sei que o casamento foi perfeito nessa época. Nosso! Mesmo brigando, mesmo às vezes ele me xingando e eu xingando ele, a Jovem cresceu muito nessa época. *Muito*. Porque de um lado ele era um cara que captava, captava novas lideranças, era um cara que organizava, mas na hora dos problemas efetivos ele não botava a cara por medo. Essa figura que me parecia ser personagem. Ah, se ele for assim à frente de um juiz... “Vem para cá logo, vem comigo”. Aí ia eu. E eu também, na época, por ser muito novo, vivendo nessa época de... Eu cansei de tomar esporro do Ricardinho, do Léo, “Porra, você é o presidente agora, você não pode estar puxando uma briga” “Eu não estou puxando, eu estava junto com o pessoal”. “Não, não pode nem estar junto”. É aquela coisa, mas você vai aprendendo com as porradas que você leva, não é? Então, foi um casamento perfeito, depois ele assumiu sozinho, tiveram esses problemas. A gente acabou sendo preso e ficou aquela coisa assim: sem presidente. Ficou um grupo lá, eu ajudava como podia, de longe.

R. T. – Isso foi quando esse momento?

J. F. – 2000.

R. T. – 2000.

J. F. – Em 2001 fizemos uma eleição, elegemos o Marcelo. O Marcelo [Vaz] que hoje é advogado e também não durou muito, porque... Aí teve... O Marcelo não foi, na minha concepção, ele não foi presidente, ele não geriu a Jovem por *ele*. Quem influenciou muito ele foi o Léo. O Léo eu tenho o maior respeito, um grande presidente, mudou a cara da Jovem, mas eu, particularmente, Zé Maria com Leonardo Ribeiro, eu respeito e tal, mas eu não... Eu

tenho as minhas diferenças, coisas pessoais, que também não vale ressaltar. Mas, na época foi o Léo quem apoiou o Vaca lá – que é o nome do nosso Marcelo Vaca - e botou ele lá. Aí foi a época que tinha campanha política, o Léo estava dentro do clube, aí começou a criar uma coisa meio megalomaniaca dele. Saímos da 1615 e fomos para uma cobertura, uma sala de canto lá enorme... Cresceu, a torcida ficou linda. Mas a gente “Como vai pagar tudo isso?”. Porque a torcida tinha um capital pequeno. Ninguém pagava mensalidade, isso é mentira. As viagens têm o ônibus, se 10 pagarem é muito, o resto todo mundo é amigo, é de graça. Então, é complicado. Como é que vai bancar isso? Tinha ajuda de político, de A, de B, de C. Beleza, mas chegou uma época em que estava àquela coisa, aquela estrutura enorme, às vezes nem parecia a Jovem, parecia uma empresa. Queria falar com o Marcelo, tinha uma pessoa: “Quem quer falar com ele?” eu: “Quem quer falar com ele o quê o *cacete*, eu vou entrar.” Marcelo cresceu comigo, agora tem secretária para falar se vai atender ou não. Existe essa parte institucionalizada, aquela coisa que o Léo tentou até implementar isso, mas não deu certo. Teve um impeachment, o primeiro impeachment da região foi com o Vaca, nós acabamos tirando ele na boa. Aí depois veio o Alex, o Donga e assim foi até anos de 2004 e 2005 que deu uma quebrada. Foi à época que eu estava na faculdade, eu continuei indo, mas eu não fiquei me dedicando e foi à época que começou a torcida a querer minguar e acabar. Assim, nem porque... A Jovem ficou um pouco abandonada, 1616. Porque é 1615 e 1616. Na época de 98 eu aluguei a sala ao lado. Eram tão pequenas as coisas aqui que a gente alugou a sala ao lado para guardar o material, essas coisas.

B. H. – Foi na Senador Dantas?

J. F. – Na Senador Dantas, isso. Então eu... 1615, 1616. Aí fecharam as duas salas. Deixou a [sala] 1616 em aberto. Uma série de problemas administrativos que foram contornados depois de um tempo. Era o meu nome que estava na época, eu que aluguei a sala... Tem uma série de coisas. Em 2002, 2003, 2004 eu estava mais dedicado a faculdade, eu ia, mas não estava botando a minha cara assim, porque senão, ou eu boto a minha cara ou eu não me formo. Aconteceu isso. Então em 2005 a torcida estava às moscas. Eu fui lá em um jogo e a torcida estava às moscas, não tinha nada para vender, estava sem crédito na praça, muitas dívidas com fornecedor. Eu falei: “Gente, o que é isso? Vai fechar a torcida”. Até que chegou um grupo novo lá, o [Eldon], o Sapão, o Bodão e companhia, pegaram lá a torcida, seguraram e defenderam com unhas e dentes ali a coisa e...

B. H. – Eram da onde eles?

J. F. – O Bodão... O Sapão era de Copacabana, o Bodão lá de Higienópolis, em Maria da Graça. Cabeça é do sétimo Campo Grande. Foi um grupo... A torcida estava meio largada, juntou um grupo de jovens: “Pô, não deixar isso aqui morrer”, porque esse gás vem dos jovens. Eu falei “Ah, vamos fechar”, “Não, vamos segurar”. Eles seguraram esse momento aí. Faltou um pouquinho de maturidade em algumas horas, meteram algumas ingerências lá, mas ninguém nasce aprendendo a gerir uma torcida, ainda mais a Torcida Jovem cheia de valente, de brabos, de antigos. É uma coisa complicada. Eu quando assumi, passei por várias coisas. 22 anos, os caras, às vezes, com 30 de torcida! Chegava lá, às vezes eu conhecia, mas chegava com uma banca, você tinha que ver. Prestava continência, mesmo sendo presidente: “Opa, está precisando de alguma coisa e tal?” Então sempre teve esse respeito. Hoje em dia ainda existe, mas é muito diferenciado.

[FINAL DO ARQUIVO 1]

.H. – Estava fazendo o perfil mesmo, terminando essa coisa dos presidentes.

R.T. – Eu só queria fazer uma pergunta. Quais seriam as qualidades para ser uma liderança de torcida que você destacaria? Você falou um pouco desse casamento, que você tinha essa necessidade da organização e ele tinha essa questão do agrupar, do chamar, enfim de reunir as pessoas. O que você destacaria como importante para fortalecer uma torcida em termos de liderança?

J.F. – Cara, hoje em dia... O que aconteceu conosco foi assim: eu tinha mais esse perfil de organização, de querer não só torcer, está o meu nome ali. No estatuto eu respondo como representante, então se tiver alguma coisa, sei lá, o cara podia processar a torcida, com um fornecedor, uma série de coisas, aluguel... Uma série de coisas. Eu sempre fui muito justo e puxei do meu pai, meu pai como fiscal de renda. Então assim “tudo que você abraçar e fizer você vai até o final, honre o seu nome”. Então eu falei “Vou fazer isso aqui” e fiz essa parte com a torcida. Tudo o que eu me comprometia a pagar eu pagava, tudo que eu falava que ia, eu ia. Falavam assim que é muito comum hoje em torcida chegar lá e dizer “Você tem...” “Tenho”, a pessoa não te atende, não quer falar por medo. Se você tem, bota a cara e fala! Então se eu me comprometo com uma coisa eu vou até o final.

.H. – Mas não teve acareação?

J.F. – Mesmo que eu me lasque com relacionamento, com família, com mãe, uma série de coisas que eu tive problemas na minha vida, mas se eu abracei essa missão eu vou até o final. “MD” é igual a “MC”. A famosa missão dada é missão cumprida. Então na parte do Snoopy ele tinha esse perfil de aglutinar, ele é uma liderança. Esse perfil do jovem era aquela coisa. A Torcida Jovem fazia tudo, não tinha repressão, fazia as maiores merdas e ninguém era preso e o estereótipo do Snoopy era aquela coisa bem malandrão e pá, linguajar popular. Eu também sei falar esse linguajar, mas era um negócio dele. Então as pessoas: “Caraca, é o cara”. Legal, ele conseguiu agrupar isso e eu consegui organizar. Em alguns momentos ele saía e eu entrava. Foi um casamento perfeito. Mas, hoje em dia, voltando a sua pergunta, se tiver um grupo unido e cada um fizer a sua parte dentro do que estava estabelecido. Porque no estatuto você tem lá presidente, vice, financeiro, social que é o cara que vai nos pelotões ouvir os problemas ou até criar novos pelotões; você tem o cara do patrimônio que colhe as baterias. O que nós temos na série? Baterias? Quantas baterias? Quantas faixas? Quantas bandeiras? Qual o patrimônio móvel e imóvel? O cara tem que saber. Então, se cada um fizer a sua parte o troço anda, só que todo mundo quer só o cargo, mas não quer fazer, muitos acumulam funções. Na minha gestão o meu financeiro não durou 2 meses porque era o Marquinhos Grandão, estava na faculdade se formando em Direito, não aguentou o rojão, toda hora tinha que chamar ele para ver balancete, aí ele disse “Zé”, me deu a procuração e eu fiquei assinando sozinho. Eu fazia o financeiro e era presidente. O Snoopy. ele foi o vice-presidente e foi o cara que ia aos pelotões, então a gente vai acumulando. Então, se cada um fizer a sua parte, analisando isso hoje, nos moldes de torcida de hoje, tem que ter um grupo unido, tem que ter um grupo que se confie e que tenha confiança nos outros. Se cada um fizer a sua parte eu acho que tem como você gerir uma torcida, porque a torcida, hoje em dia, é uma marca. As torcidas são uma marca hoje em dia. Entra-se muito dinheiro nisso. É como eu falo, quando entra muito dinheiro nisso, dá problema. Então eu não sei como está. Do mesmo jeito que eu não sei como está a parte desse capital porque eu não me meto. Hoje em dia eu faço parte do conselho fiscal da administração. Aqueles coroas, os velhos ficam lá só te olhando para ver se não tem alguma ingerência gritante. Porque chega lá, se tiver, “ou tira ou muda”. Foi o que aconteceu até no caso do Bodão em 2006, teve um escândalo com um negócio de ingresso. A gente disse: “Bodão, você é irmão, você ajudou e tal, um abraço, tudo de bom, sai.” E entrou outro porque tem que ter espaço e você não é dono da torcida. Eu estou falando pela Jovem aqui hoje, mas poderia ser qualquer um. Se quiserem, eu indico e chamo outras pessoas. Vocês vão receber aqui uns com perfil de liderança, outros com perfil de maluco, vocês vão ver cada figura que você vão ver. Mas, só fechando, para ter um sucesso, um

possível sucesso na diretoria de torcida hoje tem que ter comprometimento, infelizmente você vai perder algumas coisas. No meu tempo eu conseguia, ao mesmo tempo, trabalhar, estudar e ser presidente da Jovem. Hoje em dia, as coisas estão mais assim... É muita coisa. Hoje você vende material para loja, você tem site, tem que dar notícia, satisfação ao Flamengo, tem que botar sua posição no clube em relação à A, B ou C. Então tem que ter um grupo que faça cada um a sua parte. Se ficar em cima de dois, como ficou no meu tempo que ficou em cima de mim e no Snoop, é complicado, eu não sei se dá sucesso. As marcas são tão fortes, as torcidas podem tantas coisas boas, maiores e ficam só naquelas minúcias, mas eles que vão direcionar agora porque o que eu tinha que fazer acho que eu fiz. Se eu fiz certo ou errado, eu não sei. Eu fiz. Eu botei a minha cara para bater, mas aí o tempo vai estar aí para dizer isso.

R.T. – Fazer a festa também entra nesse...

J.F. – Claro. Cara, eu fico um pouco triste nos dias de hoje porque eu sou um grande amigo do Alvarenga, um coroa da Urubuzada. Eu chamo de coroa e ele fica danado. Ele é policial federal e tem o nosso público. A torcida do Flamengo é riquíssima, porque a gente é a maior torcida, então a gente tem tudo. Se houver algum problema, se a gente chegar assim na arquibancada: “Tem alguém...” “Tem”. Sempre tem alguém para ajudar. Só que ninguém pensa! Nego só tem cabeça para pensar na merda! Vamos juntar aqui que os caras vão vir de lá. Para isso tem vários generais de guerra, mas para pensar numa coisa assim maneira, são poucos. Então, eu fico triste, hoje em dia, estou falando da Jovem, por eu olhar a Jovem na arquibancada do Flamengo e ver que é a torcida, atualmente, que menos faz festa. Eu fico triste com isso. Eu tinha grandes fotos. Todo jogo a gente tinha um capital para gastar com festa, era 12 x 1, era fumaça, era bandeira. Tinha lá 50, 60 bandeiras balançando. Hoje em dia ninguém pega em uma bandeira. O próprio moleque não tem a cultura de pegar a bandeira e ficar balançando, é difícil. Se botar 30 bandeiras hoje, só 10 ficam balançando, fica tudo no chão. Eu fico triste. E hoje em dia eu vejo o modelo da Urubuzada, a torcida emergente que é composta por ex-integrantes da Raça Rubro-negra, o Vítor, o próprio Alvarenga, o Bocão, o Marcelo, é um modelo.

B.H. – O Bocão da Vila Isabel?

J.F. – Não [Risos] Vou sacanear o Bocão. O Bocão nem mais Raça ele é. Ele é Vila Isabel. [Risos] Eu olho a molecada da Urubuzada chegando 2 horas antes do jogo picando papel, organizando as bandeiras... Eu me via com aquilo na Jovem em 87 que era isso! Porque se a gente não metesse a mão, não ia ter nada! A Jovem nunca fez grandes festas, mas a gente

fazia a nossa festinha de 20, 100 malucos fazia a festa, fazia alguma coisa. A gente fica em um lugar, a gente é mais antigo, hoje em dia ali, a gente fica atrás do gol sei lá, faz um festão. E no meio não tem nada, e, às vezes, a Raça contribui e é por isso que fico triste nos dias de hoje. Vou lá, às vezes eu falo e aí nego fala: “Pô, cara, o Zé Maria é chato e velho”. Eu sou velho, mas sou Flamengo. A torcida está ali pelo Flamengo e a gente tem que fazer o mínimo. Então quando fizeram o negócio do mosaico, a Jovem queria ir contra e eu falei: “Pô, está maluco?” Eu peitei porque tinha problema pessoal e institucional entre a Jovem e a Urubuzada. Teve uma festa da Urubuzada que... Ah, eu vou falar. Teve uma festa da Urubuzada que um diretor nosso foi, teve problema, a porrada comeu, pegaram nosso diretor e jogaram na Lagoa. Virou um pato. Acabou a amizade. Eu falei: “você não é Flamengo”. Se você apanhou de fulano, de “a”, “b” ou “c”, resolve na rua ou como homem ou como quer que seja, mas não vai deixar isso para a arquibancada porque isso fica feio, porra. Todo mundo pergunta: “Cara, não entendo a Raça e a Jovem brigarem”, eu também não entendo! Porra, eu sou amigo e parceiro do Paulo, cansei de falar para Paulo que não aguento mais essa porra. É nego que briga lá em Nova Iguaçu em Baile Funk “lado a e lado b”. Às vezes a briga é em Irajá e chega na arquibancada a porrada está comendo, então é complicado. Esse movimento funk eu vivi, aproveitei e tudo, mas ele refletia nas arquibancadas e quando foi proibido, nego “Cadê o nosso espaço de porrada?” Nego ia para arquibancada para brigar! Ficou feio e isso ficou difícil de controlar, ficou difícil de filtrar porque muitos que participavam disso eram até amigos nossos. Eu falava: “Porra, está de sacanagem, quer ferrar com o meu trabalho?” Porra, só pode ser isso. Foi complicado, as coisas diminuíram, mas ainda existe esse caráter de briga interna dentro da Torcida do Flamengo. Hoje em dia não é mais pelo movimento funk, não tem nada a ver. Mas, hoje em dia, é mais pelo lado da vaidade da torcida e essas novas lideranças cada um quer aparecer mais e quer aparecer pelo lado negativo! Tanta coisa boa para aparecer na torcida e quer aparecer pelo lado o quê? “Eu sou o cara que manda, que briga e que bate, que faz e que acontece”. Ou então aquele cara também que: “ih, deu problema” aquele cara que está lá desenrolando com coronel. São as duas coisas que eu acho que cresce na torcida é isso. Quem vive nas brechas.

C.B. – O surgimento da Urubuzada teve algum impacto nesse sentido, fragilizou ou não?

J.F. – Para mim, nos anos de 88, 87, tinha uma porrada de torcida minha ali. Era a Jovem, Falange a Fla-Doze.

B.H. – Flamante.

J.F. – Flamante, Flapoint, era um monte. Quanto mais, melhor, mostra que os outros não são nada e isso, para mim, era excelente e agora não. Isso não existe. A torcida do Vasco tem hoje uma, duas, três. Uma grande e as pequenas. Tem que ter a liberdade de torcer, de falar...

R.T. – Mas a Urubuzada é uma torcida organizada?

J.F. – É. Algumas têm CNPJ, são filiadas a Ftorj.

B.H. – Porque algumas se dizem movimentos populares. Tem no Fluminense, no Vasco.

R.T. – É algumas surgem se dizendo movimento.

J.F. – São torcidas organizadas do Rio de Janeiro. Bloco organizado da Torcida organizada da Urubuzada. Tem essas coisas lá organizadas pela Ftorj. Agora eles estão com um comportamento, tanto que eu falei para Vitinho mantém esse espírito aí com vocês que está dando certo para caramba e isso é bom para o Flamengo. Aí ele falou: “Pô, Zé, quando eu criei a Urubuzada muitos da Raça vieram, alguns da Jovem até vieram, mas eu prefiro nem aceitar. Porque eu quero o torcedor puro, não o contaminado.” O contaminado já vem da Raça querendo ingressos, mandando [Risos].” Porra, saiu de lá e vem mandar aqui? Não! Vem para meter a mão e ajudar ou então não vem. Então assim é maneiro, chego lá e vejo o trabalho deles. Eles têm reunião semanal. Hoje em dia eu não vejo isso. Eu estou falando pelo Flamengo. Só tem reuniões com os nossos pelotões, ou Raça e regiões quando é véspera de algum clássico, “vamos se concentrar em tal lugar e vamos fazer essa marcha”, fazer a estratégia do dia, mas uma coisa tipo periódica, não. Foi o que aconteceu conosco em 1988 não tinha nada para falar na reunião da Jovem lá na Zona Sul. A gente se encontrava para tomar cerveja. Eu bebia um pouquinho, mas não sou um cara com hábito de beber. “Ah, mas vamos beber um chope?” Eu bebo, mas, às vezes, não tinha nada para falar, batia um papo, tomava uma cerveja. Sentava e ali se construía uma amizade mesmo. Então esse grupo que teve uns anos atrás aí, 88 até 1990 a gente saía muito junto no final de semana, então assim diferente do perfil de hoje. Hoje em dia é muito regional. O grupo que anda junto é o cara que mora em Campo Grande, então os caras de Campo Grande não conhecem o pessoal da Zona Sul. Hoje é muito “Ah, eu sou o cara do pelotão tal”, então quando se tinha apoio político nas torcidas, o político vence nas torcidas porque no apoio é da torcida. Antigamente vinha da Jovem, na diretoria e fazia um churrasco e tal. Hoje em dia eu posso dizer o seguinte, o sétimo pelotão de Campo Grande já tem um candidato, na Ilha do Governador tem outro que são as massas e as grandes galeras e ali o pelotão é deles. Eles querem fazer um churrasco

para eles, então assim não tem uma grande integração. A torcida Jovem era uma coisa só, hoje não tem mais essa integração. Falta um pouco isso. Eu tenho saudade dessa época, de falar com o Chicão, com o [Cemir], Samuel em Senador Camará. A gente tinha uma relação, não tinha uma amizade de todo dia, mas toda sexta feira naquele barzinho da rua Senador Dantas do português – coitado, ele sofria com a gente. A gente ia lá bater papo, beber uma cerveja, às vezes pendurava, mas a gente ficava lá, toda sexta-feira a gente se reunia. Às vezes não tinha jogo no domingo, mas a gente se reunia para falar novidade, para fazer estratégias de torcida, aquelas coisas do *métier*, do submundo podemos dizer assim [Risos], mas existia um vínculo. Eu não vejo isso hoje em dia. O vínculo se caracteriza por quem vive a diretoria que são os presidentes, vices, alguns monitores que ficam de segunda à sexta na sede, ficam no expediente o dia inteiro, na internet vendo televisão, batendo papo e “Ah, véspera de jogo?” Marca reunião com os monitores para falar: “o ingresso é tanto”. Não tem mais... Falta o que passar... “Hoje vamos chegar juntos, vamos chegar cedo ao Maracanã.” Eu não vejo isso e eu fico até um pouco triste com a Jovem, cansam de falar isso: “Ah, Zé Maria é chato, velho, fica perturbando aqui”, mas pô a torcida é isso, se a gente perder o fundamental... A gente vai ficar ali de coadjuvante na festa que a Urubuzada está dando o maior show? Que a Raça, às vezes, brigava com a Urubuzada, porque a Raça está brigando com a Urubuzada. Há muito tempo a Raça falava: “vamos tentar acabar com a Urubuzada”. E eu falei: “Não vou fazer isso”. Chama-me para acabar com a Força do Botafogo, mas para Rubro-Negro? Não me chama para isso, não.

B.H. – Eles estão ocupando espaço da festa que a Raça tinha a hegemonia antes, não é?

J.F. – Eu penso da seguinte forma, eu posso até ser leviano, mas assim: A Jovem do Botafogo mingou. Você viu que ela mingou e perdeu o espaço dela ali no meio. Agora é a Fúria. A Raça não chegou a esse ponto quando a Urubuzada cresceu no primeiro, segundo e terceiro anos porque, tradicionalmente, aquele canto ali nos jogos é o canto das sombras, [tudo empurram para lá]. Então começou a encher ali, mas sempre enchia por causa da Raça. Os caras que estavam indo não estavam indo por causa... Nos últimos dois anos que eu falei que a Urubuzada foi criada, se o Flamengo fosse do lado de lá da UERJ, não sei se hoje a Raça teria hoje a mesma população, porque a Urubuzada está dando show. Sou da Jovem, vou ser sempre da Jovem, não vou mudar. “Ah, vai para...?” “Não vou!” Eu sou da Jovem, vou ser sempre da Jovem, mas tenho que baixar minha cabeça e tirar o chapéu para quem está fazendo um trabalho pelo Flamengo. Eu estou na Jovem, mas meu namoro é o Flamengo, é uma característica da torcida Jovem. Eles estão fazendo um puta trabalho. “Ah vocês estão



sendo ajudados por A, por B ou por C”. Mas eu não estou preocupado com o que está acontecendo na gestão dos caras, eu estou preocupado em cada jogo ter uma novidade. É mosaico, é eu não sei o quê, que é balão, é uma festa bonita, que é isso o que todo mundo quer ver, então começou a encher, a vir família de novo. “Ah, não, então vou ter que ir para Urubuzada porque lá pode ir mulher, pode criança”. “Na Jovem, não! Família para cá”. Eu falei: “Porra, eles querem o quê? Ficar aqui um monte de maluco, fumando”... Eu falei: “Essa porra vai acabar, quando bater o martelo e começar a [engabelar] alguns...” Mas ninguém leva fé. Só vai levar fé quando começar realmente aparecer as coisas, quando botar em prática o que tanto falam de estatuto.

B.H. – Bom, a gente explorou bem a coisa interna da torcida. A gente segue aqui uma sequência um pouco das relações da Jovem para fora das torcidas do Flamengo que você abordou. Realmente é um ponto interessante da Urubuzada, eu colocar uma nova peça no tabuleiro do jogo das torcidas, essa correlação de forças, depois a hegemonia.

J.F. – Porque é o seguinte: As lideranças tanto de Jovem quanto de Raça, da Urubuzada e da Manguaça, a gente se entende. Na época de ter pancadaria às vezes com a Raça Jovem, aquela época de 1994, 1997, eu me lembro que a minha mãe: [“Toda você aparece.”] Separando aquela multidão, parecia aqueles seguranças de baile funk. Eu andava, nego parava de brigar. Eu tentava separar, mas eu sempre me entendia com o Paulo, nunca briguei com Paulo. Sempre nos entendemos. Mas quando você lida com massa é complicado, às vezes o cara vem brigando de longe num trem, tocando porrada desde Santa cruz até aqui.

B.H. – Isso tem a ver com o crescimento dos pelotões, dos monitores, desses sub-poderes das torcidas?

J.F. – É, todo mundo quer se auto intitular: “Eu sou da Jovem.”. Aí fala: “Ah, eu sou o cara de São Gonçalo.” Tem tipo um líder em São Gonçalo, tem um líder em Niterói, líder da Zona Sul, hoje em dia tem vários líderes, tem cacique pra cacete. Agora para resolver os problemas, somem os caciques e ficam só os índios com cara de bobo [Risos]. Não tem um para botar a cara, então é complicado.

B.H. – E que cresceu muito com a entrada um pouco do funk na torcida.

J.F. – O Funk eu considero benéfico porque trouxe algumas músicas, trouxe algumas letras até engraçadas na época. O funk acontecia e tinha esses bailes de briga, country, coleginho, chapa house. Aí houve a proibição municipal e aí “vamos brigar onde?” Porra, qual o lugar que tem mais espaço? É o Maracanã! E isso refletiu no Maracanã. É o que eu digo: “O funk foi um mal”. “Ah, mas...” “Mas foi uma mal neste momento!” O que foi coibido na época, se generalizou. Mas hoje melhorou muito. Ainda existem alguns pontos para tentar melhorar, mas são mínimos. Hoje os problemas são outros. Acho que tem mais a vaidade envolvida, o espaço. Com a Urubuzada eu me dou bem. Viagem para Libertadores. Viaja eu, viaja o Vítinho, o cara da Raça, todo mundo viaja junto. Cansei de ir para Peru, México e todo mundo junto. Eu seguro a bandeira da Urubuzada e eles seguram a da gente, não tem esse negócio. Eu estou levando a instituição. Agora quando fala com as massas: “Ah, que fulaninho da Ilha da Urubuzada deu na cara de não sei quem” Aí começa a porrada e é complicado e difícil. Não é fácil você tentar ser o mediador de um monte de malucos e ser o mediador no hospício é complicado. [risos] Ser mediador no meio de um grupo, pô todo mundo tem razão, então o errado sou eu que estou tentando mediar? Eu sou o errado da parada e tem que deixar a porrada comer? Então é complicado.

B.H. – A gente quer explorar um pouquinho agora a vivência dentro do clube porque a Jovem chegou a esboçar na época do Niltinho, na época do Léo, o Presidente Betinho. Então como é essa relação com o clube? E hoje como é? Enfim como foi construída a Jovem, como é o dia a dia, treino, enfim, essa interação?

J.F. – Olha a gente teve... Eu comecei, como eu falei com vocês no início, eu tive a minha vida em um clube pequeno, praticando esporte e tudo, mas como torcida organizada comecei a estar mais presente no clube momentos antes de assumir a presidência e sendo presidente. Até porque ser presidente da torcida vem gente para sentar com o presidente, falar, cobrar, pedir alguma coisa, entendeu? Então, eu antes de ser presidente [eu me via demais] na Gávea, em algumas festas, [várias reuniões], eu comecei a tentar me inserir, mas no meio do clube, não só como visitante, mas como torcida, como representante da Jovem junto com eles lá. Na época era o Cleber Leite o presidente. Na minha opinião, o pior presidente que teve. Ele foi excelente para os funcionários, era um cara que sempre honrou lá porque eu acho que o maior desrespeito é você botar um quadro social de funcionários e ficar devendo cinco, seis meses o cara que lava roupa, que fica ali na roleta do clube. Jogador ganhando os *cacetes* e não pode atrasar porque senão eles ficavam fazendo boicote no campo. Então nessa época nessa parte do clube andou bem com o Cléber, mas ele é um pé frio do cacete. [risos] Não ganhou nada

com ele, ganhamos só Taça SBT, só porcaria. [Risos] Nessa época o Vasco foi campeão, o Botafogo também. Todo mundo se deu bem e só a gente que não. Ele tinha um time milionário, Edmundo e Romário e não ganhamos porra nenhuma [Risos]. Deixou um rombo, ali a marca Flamengo começou a ser uma marca sem crédito e saiu e um abraço. Aí depois veio o Edmundo e eu peguei a transição Cléber-Edmundo quando eu fui presidente. Edmundo até a sua primeira gestão foi tranquilo e ganhou. Ganhou do Vasco, foi bicampeão, depois foi tri do Vasco na Copa dos Campeões e isso para povo que se lasque, pode roubar o mundo, mas o Flamengo está ganhando. Mas depois fez uma desgraça ali, quebrou tudo e recebeu esse impeachment, então assim.

B.H. – Ele compunha com as torcidas, não é?

J.F. – O diferencial do Edmundo. Eu não peguei ele, eu peguei o Cléber, infelizmente. Se eu tivesse pego um pouco do Edmundo, eu não sei se algumas coisas que aconteceram com as torcidas vinculadas ao clube aconteceriam, que é a famosa fase de dinheiro e foi ali que começou um desarranjo total, mas voltando com o Cléber... O Cléber nem me atendia. Às vezes ele mandava a resposta pela secretária da secretaria. Contato com a torcida parece que os caras têm lepra, nem recebe. Tudo sempre correu bem, nunca precisei dele para nada, mas... Teve eleição para Edmundo concorrer, o Márcio Braga e tal. O Edmundo foi um candidato a presidência lá na Jovem! Pô, nunca sentou lá. É aquele negócio, como todo bom safado é malandro, bom de lábia. Então o cara foi e meteu o papo, mas pelo que eu fiquei sabendo, ele sempre foi homem no que falava, sempre cumpriu. “Se puder ajudar em uma viagem, vamos lá”. Sempre no que ele falou, ele nos recebeu e cumpriu. Então assim, diferente de muitos presidentes que não recebiam, estou falando da minha vivência. Lá atrás se [não recebeu o Léo] é outra coisa. Estou falando pela minha vivência. Então o Edmundo era uma pessoa muito boa, mas já não era mais presidente em, 2000 2001, já era o Snoopy. Na época da 2º gestão dele, foi a época que ele fez a lambança total, e com isso rolou umas ingerências do clube e a torcida, não é? Eu não vou entrar em pormenores, mas injeção de grana... O que entrou de dinheiro na torcida naquela época... Se fosse para torcida, a gente estaria bem melhor em estrutura, poderia até ser uma gaviões da Fiel, não é? Hoje em dia poderia ter uma quadra, tem muita coisa que poderia ser como bloco, botava um monte de coisas, mas os interesses pessoais foram mais altos, começaram até as brigas, “Ah, quero ser presidente”. O Snoopy: “aqui não vai ser”. Começou a briga pelo poder, mas não pelo status, mas pelo capital. Entrou dinheiro... Por mim voltava todo mundo em 1987 todo mundo na arquibancada no Maracanã, bandeira dentro, eu era feliz e não sabia. Teve esses problemas e

a partir dali o clube começou a ficar... A Jovem começou a ficar mais famosa porque o Edmundo abriu essa porta, quando tinha uma coisa, às vezes ele chamava a torcida e perguntava o que achava do jogador. Aí a gente dizia: “uma merda, Edmundo, não faz essa porra aqui não”. Mas teve outras que ele entubou a gente, umas contratações merdas que ele botou na época lá. Mas tudo bem. Ele abriu essa porta e ele saía, foi o impeachment, depois veio o Helinho. Helinho já fechou a porta e não recebia, aí ficou aquela coisa, meio um desarranjo. Em paralelo com o Flamengo, a gente apoiou a Patrícia Amorim, na primeira candidatura dela lá atrás, ela veio, tanto que a Patrícia veio e me conheceu, conheceu o Snoopy e ela pediu ajuda, ela foi nadadora... Eu falei: “Se tiver, tem que ser alguém que seja do Flamengo, alguém que foi campeã pelo Flamengo”. E nós a ajudamos na campanha. Ela foi eleita. Todas as campanhas dela, a gente a apoiou. E a de presidente a gente apoiou e depois teve um problema que pularam para outro lado. “Aí que vergonha! Só fazem vergonha esses moleques”. E apoiaram outro candidato, mas tudo bem. A relação com a Patrícia, hoje, com a torcida Jovem do Flamengo, está sendo boa. A Patrícia infelizmente não está dando sorte, eu acho. Também está sendo uma pé frio do cão, não ganhamos nada esse ano. Mas, eu vou no clube hoje em dia e muita coisa está sendo mudada e ela está fazendo uma gestão de reestruturação, de limpeza, porque tem muita sacanagem de muitos anos que foram atrelados. Nego passa, geriu, vai entrar o próximo? Segura esse pepino aí! Então ela está segurando o pepino de alguns e está resolvendo. Então com a torcida ela está tendo uma boa relação, não digo que ela está atendendo, mas ela tem uma boa relação. Ela atende na medida do possível, às vezes ajuda as pessoas com relação a ônibus, viagens, isso tudo. Eu não tenho reclamações, alguns reclamam da falta de sorte que a gente está tendo este ano. A gente teve *tudo* ano passado. Esse ano a gente não teve nada, basquete... Só o Diego Hipólito que ganhou, mas, porra, a gente não vive de Ginástica Olímpica, não é? A gente tem que ter algo no futebol, mas tudo bem. Eu tenho por mim que se a gente conseguir uma classificação boa - eu espero que a gente consiga uma sul-americana -, e G4 se der título, pô, beleza, vamos seguir. Mas a relação está sendo boa. Hoje em dia eu nem estou mais dentro do clube, não estou na Jovem, eu estou, eu estou... Deu branco.

B.H. – Ftorj?

J.F. – Ftorj é outra dor de cabeça. Essa história é complicada para burro. [Risos]

B.H. – A gente quer falar sobre isso daqui a pouco. [Risos]

J.F. – Hoje em dia eu estou... E deu branco. Eu não estou mais no cotidiano da torcida Jovem. Eles só me ligam de lá quando tem um problema. “Porra, quando é que não tem um problema?” [Risos]. Mas eu não estou mais no cotidiano. Às vezes eu vou lá para clube, pego a minha mulher e vou para lá, vejo a Patrícia e vejo lá a torcida no acesso tanto a Jovem quanto a Raça, como a Urubuzada. Eu acho legal, a torcida também tem que tomar espaço, a torcida eu acho que não tem esse conhecimento, a gente está à frente do maior clube, é complicadíssimo! A Patrícia está com um pepino ali e para criticar tem um monte, para chegar e sentar lá do lado e “me ajuda aqui” ninguém quer botar a cara. Nego só quer falar: “Está errado”. Que contratou errado e que botou o Zico. “Ah, que o Zico era uma coisa, o Antunes era outra.” Meu amigo, eu quero ver resultado. O povo vive de resultado, o Flamengo vive também, então vamos aguardar, mas eu estou vendo que a relação está tranquila em relação ao espaço que a gente construiu com a Patrícia em 2000, a minha cara e a do Snoopy. O Snoopy depois veio a falecer, mas toda a relação dela com a torcida Jovem, ela fala assim: “sou torcida Jovem”, é porque a gente construiu. Eu construí essa confiança com ela na palavra. Eu tenho agregado da base com os meus pais a palavra. Sob o meu comando – vou falar sob a minha gerência – a Jovem fazia isso, depois da minha gerência fez besteira, eu tentei ajudar, essa molecada quer fazer isso e aquilo, mas a gente sempre honrou, sempre fomos corretos com a Patrícia como ela foi conosco, ninguém deve nada a ninguém.

B.H. – Então do ponto de vista estrutural, é uma relação de apoio, em relação a torcida do clube em época de eleição e essa contrapartida que seria ingresso e estrutura de viagem, como é que é isso? É revenda?

J.F. – Essa parte de ingresso, ultimamente... Porque o Edmundo, aí que eu falo teve um problema muito grave. Nos anos anteriores a ele, no Cléber eu pagava ingresso, sempre paguei. Ganhava a final. Tipo, pagava uma parte e ganhava outra, beleza, é bom porque agrega. Às vezes chegava com a mesma quantidade de ingresso para uma final, tinha que multiplicar igual pão, peixe, não tem como! Mas o Edmundo já na gestão do Márcio, depois do Novak, ele usou essas coisas assim: “para torcida não ficar me enchendo o saco eu vou dar ingresso”, então voltou aquela coisa do “0800”. Porra, beleza então, eu não me lembro assim do numerário, assim de quanto, mas, às vezes, eu chegava lá e pagava, jogo assim pequeno era R\$1,00 por peça e clássico era R\$3,00. Eu ia lá à federação e buscava 100, 200, 300, eu fazia o cálculo, pagava em cheque e quando sobrava, eu ficava desesperado porque o cheque ia cair e eu não tinha vendido, ia sobrar. Às vezes faltava, mas com o Edmundo, não. O

Edmundo nesse ponto, pelo que eu vi não tinha miséria. “Ah preciso de R\$3000”, “Toma”. Não tem problema. Aí começou “que o ingresso é caro”. Nos tempos de 87, tudo era tão baratinho, o ingresso no Maracanã, era não sei quantos mil cruzeiros, era merreca. Qualquer um tinha. Bebia um refrigerante e tinha o ingresso do Maracanã. Hoje em dia não é bem assim, hoje você vai ao Maracanã com a família e gasta mais de R\$100,00 mole! Às vezes, filho de colo não paga, mas se tiver mulher e filho grande já vai de cara quase 100 reais, fora estacionamento, comida. Então isso tudo veio “0800” com o Edmundo e eram quantias enormes de ingresso, quantias *enormes*. Teve uma vez até que aconteceu uma cena engraçada. O Snoopy me ligou e disse: “Pô, Zé, tem como eu ir aí no Leblon? Buscar os ingressos do Vasco e não sei o quê”, “Passa de carro e traz aqui para sede.” Eu falei: “Está tranquilo.” Aí eu passei lá na sede, o Edmundo: “Oi, presidente”. Edmundo, se desse 5 minutos e ele te pedisse em casamento, você aceitava. [Risos]. Ele tinha uma lábia aquele maluco, ele era perigoso, chegar com mulher perto dele, ele podia roubar. [Risos] Era perigoso aquele cara, mas é beleza, aí ele falou “vai lá buscar com o Lúcio da tesouraria”, fui buscar e estava o Paulo, que falou: “Estou indo para Evaristo, me dá uma carona” e eu disse: “Vamos embora, Paulinho.” Tinha umas caixas fechadas com 5 mil ingressos para dividir entre a Raça e a Jovem, 5 ou 6 mil, uma porrada. Mas botamos no carro, estou dirigindo, chegou à Lagoa... Blitz. Aí eu disse: “Paulinho você pegou o recibo dessas porras aí?” Ele disse: “Ih, não peguei.” [Risos] “Porra, eu com essa cara, tu crioulo, vamos falar o quê? “Ah, metemos, chegamos na Gávea e nos deram esses ingressos todos?” Ali que eu vi que o Paulo tinha uma coisa do ego que eu nem sabia que existia isso porque na Jovem não tem isso, hoje em dia até tem, mas não existia. O Paulo tinha carteirinha de presidente da torcida [Risos]. Tem carteirinha de presidente? Deixa-me ver isso aqui!” “Ah, não, eu sou presidente da Raça” e eu falei: “Eu sou da Jovem”, mas nem era mais, na ata até era, estava em processo de registro de cartório ainda para passar para o Snoopy. Eu falei “Porra, demorou para fazer isso”, demorou um tempão, aí depois que o Snoopy foi preso em 1983 demorou mais tempo ainda e eu falei: “Gente, eu não sou mais presidente, não, se tiver algum problema eu tenho que sair”, mas o mais engraçado foi conversa vai e vem, “Que isso?” “Ingressos”. Aí abriram aquele olho e queriam arranjar alguma coisa no meu carro, queriam arranjar alguma lanterna quebrada [Risos]. Eu fui muito assim, caxias também, por ser de torcida, andar com o carro cheio de gente de pessoas bem-apessoadas [Risos]. Se eu tivesse um erro no carro era motivo para... Chegava em primeiro de janeiro já pagava o IPVA [Risos], tudo bonitinho. Então os caras procuraram, mas não tinha nada. “Ah, não, mas quem deu esses ingressos para você?”, aí eu disse: “Quer entrar e vamos lá falar no clube, não tem problema” Vocês são daqui da

23”... E a minha família toda é de policiais, eu sou meio a ovelha negra [Risos] “Porra, você é o único marginal”, “Eu sou torcedor, cacete! Tio delegado, parente que é primo, nessa época meu primo era PM, mas não era da 23, aí viu batendo papo e tal, “Ah, pode ir, então”. Eu falei, pô, você não pegou um recibo, eu sou chato com esses negócios, esse amadorismo do Paulo, até do Snoopy. Eu era o chato porque não vou sair com 5, 6 mil ingressos do clube sem um recibo do clube, passei, doei, joguei na cabeça dele... Não interessa, “escreve e carimba” [Risos] porque se eu for parado na rua vou explicar como? Roubei? Comprei? Então era complicado. Foi engraçado esse dia, aí levamos os ingressos, tudo “0800”, imagina o que isso aí não virava? Então foi uma época farta, as torcidas bombavam, tinha festa no Maracanã, mas eu acho que a festa não tinha que ser atrelado a esse tipo de coisa, tinha que ser natural, mas beleza, na época bombou e tudo. Quando o Edmundo saiu... Da beleza foi ao caos. O Helinho chegou, fechou as portas, teve até um problema nas torcidas, teve tiro na Gávea, teve um problema lá e os idiotas ao invés de resolverem como homens, resolveram como malucos, então deu tiro na gaiolinha e arrumou um motivo. Ninguém mais conseguiu ingresso, aí voltou os tempos de...

B.H. – Foi o Bebeto do Flamengo, não é? [Riso] O Botafogo também fechou com a torcida.

J.F. – Aí voltaram a ser os tempos, porra, da época que não existia os ingressos, você tinha que comparar os ingressos. Aí que a gente via quem era torcida, elas minguaram. “Ah, não tem mais viagem de graça?” “Não tem mais ônibus?”, a Jovem continuou, a Raça continuou, mas você via quem era torcedor, eu estava lá, todo mundo estava lá, mas a grande maioria que estava vivendo na vida boa, até hoje não voltou porque no mole todo mundo quer. Viajar de graça, todo mundo quer pegar um ingressinho de graça, do seu, da sua amiga, da sua mulher, da sua peguete, sei lá. Agora quando não tem, então dane-se o Flamengo, “Ah, não vou mais, não tem mais a regalia”. Então foi uma época muito complicada, essa enxurrada de facilidades que geravam dinheiro e gerou divisões dentro da torcida, uns foram ascendendo, outros queriam derrubar, aí começou aquela coisa. A torcida, para muitos que não tem oportunidades em suas vidas, quer arrumar ali dentro – eu acho, posso até estar falando besteira –, mas muitos ali: “Ah, não, na Jovem eu sou o cara”. “Em casa eu sou nada, sou um merda, mas lá eu sou alguém”. Então foca tudo na torcida, mas o que eu vejo também que é triste um meio coletivo geral, não só em torcidas. Eu, se eu vejo que você fez um trabalho, “pô, Bernardo fez um trabalho, um pós-doc, maneiro!” A gente fica feliz pelos amigos, mas na torcida, porra, o olho cresce, se não tiver o santo forte, ganha uma porrada e vem caindo porque o olho é grande. As pessoas olham com inveja, “Ah, se eu estivesse no lugar dele faria

melhor”. Então, assim, é complicado, não vou falar que é da torcida. A vida é assim. Às vezes tem amigo que é assim, mas ali é mais nítido porque a grande população que vive a torcida organizada, muitos vêm de classes não favorecidas, não esclarecidas e as pessoas já chegam vislumbrando uma coisa e às vezes tenta e às vezes acham às vezes não acham.

B.H. – Você até falou da contradição da sua família, que as pessoas são ligadas à polícia, mas tem gente de torcida que é policial. Você citou um aí.

J.F. – Tem, esse foi outro mal que entrou. O famoso grupo de carteira, os que estão habilitados. Torcida organizada, de um modo geral, ninguém é santo, nem eu, nem Frajola que é bonitinho e fala pra cacete é santo. [Risos] Porque quando você sabe de problemas da torcida, “Ah, mas nunca fiz”, mas você sabe, você participa, acabou. Você está ativo ou passivo na história, você está ciente de todos os merdelês que acontecem, está ciente. Às vezes os caras te ligam para perguntar: “O que você acha?” “Eu não acho nada!” Parece que eu sou o grande chefe e não tem isso, mas a gente está sempre ciente, a gente sabe dos bastidores, a gente vive isso. “Eu quero que as coisas melhorem”. Todo mundo quer que as coisas melhorem. Eu vivi um tempo que já existia um problema, bem diferenciado dos dias de hoje, mas existia. Se ficasse só naquilo estava tranquilão, mas teve uma crescente e, porra, eu não sei onde vai parar isso que constatei em 2007 com a perda do Germano, que era um senhor, quarenta e poucos anos e todos que o conheciam sabiam que ele estava debilitado, bebia muito. Pegaram aquele senhor e bateram até matar! Uma boa parte dos ossos quebrados. Quando mataram o rapaz do Vasco, os ossos estavam todos quebrados. Então até onde a gente vai chegar? A gente pensa em eliminar o adversário? Porque se a gente eliminar o adversário, a gente vai ficar o quê? Sem alguém para sacanear, sei lá, é muito louco. Então todo mundo que senta aqui está ciente que ninguém é santo. Então essa época dos policiais, antes dos policiais, a torcida sempre existiu. Alcool no jovem, drogas lícitas ou não lícitas, armas, as armas chegaram depois, mas existiam, quando o cara era policial. Tinha até o Hélio Abreu que era policial, existia já, mas não aconteciam problemas com armas de fogo nos anos 80. Acontecia algo pontual, algo de direcionado como foi com o Dicara, com o [Budi], falam que é bala perdida, mas cinco perderam no [Budi]? Então é aquela coisa. Mas a segurança nos anos 1994, até nos meus tempos a segurança humana e armada era nossa. Todo mundo tomava conta da torcida, entendam como quiser, mas todo mundo. Depois vieram os policiais. Os policiais entraram no esquema da torcida depois que a polícia começou a reprimir essa parte de armas de fogo e tudo. Eles entraram nas torcidas querendo ser donos e não é assim. Você é policial da porta para fora, aqui dentro, você é mais um. Teve vezes da



polícia entrando na porrada na sede, querendo mandar e não vai mandar, tem que ter uma cartilha a seguir, mas é complicado porque colega não prende colega, então complica, porque se o cara fez besteira, “Ah, pô, faz por menos e tal?” E começaram essas coisas de impunidade a gritar. Agora estão prendendo alguns policiais, estão expulsando alguns policiais, mas quando isso ficou gritando em 2000 para cá, que foi quando apareceram muitos policiais fazendo serviços pagos pela torcida... Reprimiram e muitos foram presos, o Snoopy foi preso armado quando fez a besteira lá em São Januário e muitos dos nossos tiveram problemas por causa de armas. É complicado porque “Ah, não pode?” Então tem que ter segurança, porque você está na rua, um grupo de 2, 3 mil pessoas andando e vinha um carro na contramão, largando tiro em você. A bala vai pegar em alguém, a bala ia pegar em alguma pessoa, então ficávamos preocupados. Então qual é a segurança? Botar alguém para contra atacar, mas não é por aí, aí meio que ficou um bang-bang. Anunciado. Há vários bangs-bangs por aí nessa última década de 2000, até 2010 teve vários aí, na Praça da Bandeira, sempre nos arredores, nunca no Maracanã, nos arredores sempre. A Avenida Brasil parece um estande da [Bg] de tanto tiro, é complicado. Depois os policiais foram punidos, muitos se afastaram. Eles queriam valores exorbitantes pela segurança e foram voltando às guerras campais de novo. Hoje em dia você vê sempre moleque, qualquer moleque hoje pode ter uma arma. O nosso meio sempre foi muito engraçado, eu me lembro que eu e o Snoopy com um ano de presidente tinha as reuniões lá no Largo da Carioca ou naquela passarela ali da Petrobrás na Avenida Chile, aí eu estou vendo um moleque pequeno da minha idade, 13, 14 anos, ele estava com uma coisa assim na camisa, aí eu: “Que merda é essa?” Levantei e ele estava com uma faca de açougue tão grande! Ele falava: “Se eu encontrar com os alemães não sei aonde eu vou passar”. Aí eu falei “Me dá essa porra aqui”, dei umas porradas e peguei aquela faca e guardei comigo. Como se fosse adiantar outra coisa, porque ele arrumou outra faca. Ele tinha que ter, eu demonstrar poder de estar armado, aí que eu falei: “Ele quer ascender de alguma forma ou na força ou na posição que está ali ou sei lá”. Mas é fogo, essa parte dos policiais foi outro episódio complicado que aconteceu em todas as torcidas, do Flamengo, do Vasco, do Fluminense e do Botafogo. Todo mundo tinha seu colega polícia que vinha, às vezes nem cobrava, dava uma camisa da Jovem, da Fúria, dava alguma coisa e ele fazia a companhia, fazia a segurança, a pseudo-segurança.

B.H. – Eu fiz esse adendo, vamos voltar depois para a questão da relação da torcida com a polícia, é, mas essa é institucional e tal. Só para fechar a questão do clube, a relação com os

jogadores. Porque a gente sempre vê, quando tem alguém contratado tem o bonezinho da torcida. Como que é? Já tiveram relações mais próximas, como é que é hoje?

J.F. – Não, tiveram relações mais próximas. A relação mais próxima que a gente teve foi a Alexandra, uma componente nossa, tem o mesmo tempo de torcida do que eu, bem antiga já, ela casou com o Hélio, jogador do Flamengo. Casou, tem 2 filhos com ele. Ela é da Jovem, ele era jogador do Flamengo. Foram se relacionar, casaram e tiveram filhos. Essa foi a relação mais próxima entre jogador com torcida, próxima literalmente. Tiveram jogadores que passaram pelo clube, não sei, essa marca da Torcida Jovem do exército Rubro-Negro encheu os olhos, Romário adorava, tanto que o Romário hostilizou a torcida do Vasco, aquilo ali foi o máximo para gente. [Risos] Então o Romário o que você pedisse, se ligasse: “Peixe, o que você precisa a gente está com o exército na sua porta fazendo o que você quiser”. [Riso] Cara, aquilo dali... São coisas que não tem preço, tem pessoas tipo o Romário. O próprio Edilson que veio para cá da Bahia, recebeu o boné da Jovem, cantou, falou. E todo mundo que trabalhou para ele era da Jovem. Então, assim, vai vir para Flamengo, tinham dois, três colegas nossos, que falavam assim: “Ah, não conheço nada, quero motorista” “Ah, vai você”. Deu oportunidade para o cara trabalhar e o cara era nosso, se chamasse para ir a pé, ele ia. Então teve contato, teve uma relação mais próxima. Atualmente, eu não sei. Houve um distanciamento porque a gente teve essa proximidade até... Na época o Cléber não se metia com isso, a gente podia ir lá direto, como também o Edmundo tinha até a voz ativa de falar com o técnico, a gente não ia atrapalhar o trabalho do cara, mas íamos bater um papo: “O time está uma merda, o que a gente pode fazer?” A gente apoiava da arquibancada e tal, mas a relação atual entre jogador e torcida é...

B.H. – E não incomoda ao clube ou ao patrocinador o [fato de chegar contratado]? A propaganda está sendo feita da torcida e não da marca.

J.F. – Não. O único espaço livre em que a gente pode fazer isso é ali. Porque a camisa que o cara vai vestir. Gerou uma época assim. Mas agora a gente tem muita gente nossa dentro do clube, então já vai saber, não só da Jovem, mas de torcida, porque o Cláudio era sócio de lá, o Léo era presidente do conselho fiscal... Por que não botar? Tipo assim: Tudo bem. “Ah, não pode botar”. “Mas por que não?” “Ah, vocês vão botar outra coisa que nem do Flamengo é”. “Mas é patrocinador” “Ah, beleza”, mas está na camisa. Ah, se o jogador não quiser é um direito dele, o cara não é obrigado também. Tem vários jogadores que dizem: “Ah, não, eu quero o da Raça”. Beleza, vai de Raça, então. Mas vai de alguém. Às vezes é da Raça, às

vezes é da Jovem, às vezes são os dois: o cara bota um, depois bota o outro. [Risos]. É. Até ficar bem!

B.H. – Urubuzada vai querer também, eu vi que nas duas últimas contratações era um da Raça e outro da Jovem. Pô, como é? Não tem esse jogo também?

J.F. – Aí é o que eu te falo que a gente perde, porque atualmente o espaço grande é da Jovem e da Raça. A Urubuzada quer ter o espaço, só que a Raça não quer deixar e a Jovem fica nessa [defensiva]. Eu falei: “Gente, a gente não tem espaço no clube”, mas eles têm a arquibancada deles. Para mim a gente perdeu a guerra. Está no clube ali no cantinho, com bonezinho não é nada, na arquibancada, o que a gente fizer, a gente [não] canta junto com eles, isso para mim é vitória, não adianta querer se mostrar forte dentro do clube e na arquibancada não mostrar essa fortaleza.

J.M. – Zé Maria, jogador paga festa? Não vai para esse lado?

J.F. – Não. Tiveram alguns jogadores que na época de final de ano de festas de torcidas, capital, caixa baixo, tinha o famoso livro de ouro, só que os benditos que faziam o livro de ouro sempre mordiam o livro [Risos], o livro tinha que vir com tanto já tinha uma dentada, “Ah, foi muito trabalho, foi trabalhoso” [Risos]. Seu peruano, uma das figuras que já havia dentado, mas está tranquilo, mas, nessa época, os jogadores ajudavam, às vezes davam umas cervejas, umas camisas, umas coisas assim que não eram fixas, celebrava-se uma festa, um evento. As festas da Jovem sempre foram muito típicas, começam cedo e terminam 5 horas antes do previsto. [Risos]. É fogo, cara. Houve um dia um festão, tudo bonitão, correndo bem, fotos anos 80 numa churrascaria gaúcha com o Ramón, com os jogadores, coisa bonita de ver. Aí os caras: “Não, isso é maneiro, mas para fazer bonito tem que ter para os bichos também”. Eu falei: “Tudo bem, bota para os bichos também”. Nego se autodenomina bicho! Então beleza, vamos fazer para os bichos um Churrasco em Campo Grande para vocês se matarem durante um final de semana. Vão fazer uma e você sabe nunca dá certo [Risos].

B.H. – Fica só nos bichos. E a relação com a imprensa, com a polícia? Como é isso? Você falou que...

J.F. – Imprensa particularmente eu falo com poucos. Lá no Flamengo tem o Eric que sempre cobre o Flamengo. Tem o... Ih, agora deu branco, tem um grupo da Sport, tem alguns lá que perguntam algumas coisas sobre a torcida, novidades, sobre o que está achando. Sou super solícito e educado porque os mesmos foram comigo e foram corretos de botar alguma

declaração oficial ou até declaração pessoal como torcedor do Flamengo. Mas têm uns que, eu não vou citar, eu nem recebo, que já vem chegando e sai porque, sabe? Tem que usar a matéria para vender, para chamar, mas saiba fazer isso, não invente e nem deturpe! Tinha isso, hoje mudou muito, hoje em dia não tem mais problemas. Em uns os anos aí que era complicado. Só vinham falar de problema, nós estávamos fazendo várias coisas maneiras, mas só queriam saber dos problemas. Eu falei: “Pô, o que é isso? Você só bota a cara para falar as besteiras e não das coisas boas?” Mas atualmente pouco está... Porque esses últimos dois anos – depois a gente vai para aprofundar esse negócio da Ftorj –, porque esses dois anos, 2008, 2009, final de 2008, 2009, 2010 o perfil de quase todas deram uma mudança em relação aos cânticos. Algumas coisas melhoraram e tem muita coisa para melhorar, mas melhorou bastante. Até a relação com o GEPE e até a imprensa. Depois que as coisas melhoram, tudo fica favorável, tudo conspira a favor, então esses problemas da imprensa e até com alguns que eu não chamo de repórteres e sim de canalhas, em momentos ímpares, tomaram o que era deles, escreveram besteira, então segura a consequência. Mas ultimamente a imprensa está bem tranquila. Quando tem besteira, chove. Isso faz parte, tem que mostrar, querem ser os primeiros e tudo, mas estão sendo corretos. Quando você liga e precisa de um apoio, ligo para “O Dia”, para “O Globo” e peço. Aí eles fazem. Mas arrumar um espaço para mostrarem algo bom era um canto de página, uma linha, era um pedindo, pedindo e não conseguia nada, mas hoje em dia está tranquilo. Está calma a relação, mas tirando alguns que eu pontuei, eu não me sinto à vontade porque você não sabe com quem está lidando na imprensa, é muito mutável isso. Então os caras que estão aí há alguns anos eu ainda falo, bato um papo, “tem alguma novidade?” Aí eu solto. Tem que entender que o cara está trabalhando, para quem eu não conheço, é difícil eu dar espaço. É difícil porque não sabe o que vai vir, tem que ter indicação. O peruano abre a boca para todo mundo, “Ô, peruano, você bota a cara para tudo, cara! Para todas as pessoas [risos].” Aí nego fala o que quer. Ele fala: “Mas assim você está na mídia”. Mas eu não sou assim, não. Está na mídia bem, mal [Risos], aí não dá, estou fora.

B.H. – E esse estar na mídia não tem uma retaliação depois porque você bota a cara, fica visado, aí tem a contrapartida das outras torcidas. Sabe que é você e tem ameaça e tal? Tinha uma época de invasão de sede, “vamos lá pegar o bandeirão, não sei o quê”, tanto que as saídas das salas do Maracanã tinham a ver com as invasões.

J.F. – Não. Quando eu assumi estava bem fervendo em 1998, 1997... 1996,1997,1998, até 2000 estava aquele negócio preocupante. Eu era uma liderança nova, assim jovem, minha

cara, para o *métier* das organizadas em geral, era pouco conhecida. Eu me lembro que logo no primeiro ato meu e do Snoopy foi meio uma bravata heroica porque a gente assumiu final de 1997 para 1998, aí o Edmar: “Segura esse pepino, porque eu já segurei, agora é contigo e tal”. [...] Você vai perder mulher, vai perder um monte de gente. Aí segurei esse pepino. Estava tendo um jogo da final ou semifinal do basquete Flamengo e Botafogo na General Severiano, aí tinham faixas, os caras falavam toda hora: “Aqui vocês não entram”. E eu respondia: e “Vamos pesado”. Até que a gente foi, até que me mandaram, por esses dias, um vídeo pelo Youtube que eu nem sabia que existia! Está lá eu, careca entrando, usando 12 por um, tralálá, aí acabou o jogo, nós invadimos, brigamos com o segurança. Entramos no território, o nosso tesão era entrar e vai botar nossa bandeira lá e conseguimos. A primeira coisa a gente entrou um grupo. Foi um ônibus lotado com 70 pessoas e eu de carro atrás com Snoopy, aí quando eu cheguei, eu falei: “Gente, não bate em ninguém porque pode ter um alvinegro na rua” e nego queria pegar todo mundo e eu falei: “Não, não vamos bater em ninguém”. “Vamos entrar, vamos botar nossa bandeira” e acabamos com o jogo literalmente. [Risos] Eu não sabia que ia acabar. Acabar não no sentido de acabar com a partida, mas o Leandro foi acender um rojão, eu acendo para ele, ele jogou na quadra, era para jogar nos caras e ele jogou na quadra, Meu Deus do Céu, deu um merdelê só na época. [Risos]. Desculpa.

B.H. – E isso na época acontecia. Tem que trocar não é?

J.F. - Gente do Céu.

[FINAL DO ARQUIVO 2]

B.H. – A gente estava falando, você estava comentando das invasões e em específico do basquete, da General Severiano que vocês entraram e a Rosana queria...

R.T – Eu queria falar um pouco dessa época das salas, do portão 18, enfim desse momento e um pouco dessa ideia da torcida como a mais temida, enfim criou-se, conseguiu na verdade...

J.F. – Assim, esses slogans foram aparecendo com algumas atitudes e atos foram feitos esses anos aí, mas o portão 18, [o bar] do 18, o famoso [bar] onde a Jovem se concentra é nosso, sempre foi e sempre será nosso, embora hoje em dia, na prática, estamos nos reunindo no [Bellini] atualmente, mas sempre foi nosso. Engraçado que nos anos 80 todo mundo entrava

por aquele portão, todo mundo, Vasco... Entrava ou junto, entrava na frente, não tinha aquela coisa... Existia problema, mas era aquele negócio, era bem diferente. Hoje em dia não consigo enxergar um portão único para entrar todo mundo junto. Pode até ter, mas vai ter que ter um aparato total para evitar qualquer tipo de problema, mas são tempos assim muito bons de lembrar porque, sei lá, se é que pode se dizer assim, de dentro do problema existia a ética em uma briga, existia! É ética a palavra correta? Não sei, mas existia um limite. Acho que existiam um limite. Hoje em dia eu vejo as coisas sem limites. O interessante era ir lá ao esqueleto pegar os caras, invadir, e botar os caras para correr, existiam os conflitos naquela região porque ali eram duas massas se encontrando de times adversários. Só que existiam limites. Como eu te falei, se corresse, caísse, se quebrasse... “Ah, apagou? Então deixa esse morto-vivo aí”. Era uma surra: “Ah, demos uma surra no fulano”. Hoje em dia a surra é para matar. Hoje em dia, a cabeça da pessoa é um troféu. Eu não sei até onde vai, atualmente é isso.

. T. – Os limites se perderam. É isso, hoje?

. F. – No cotidiano... Hoje em dia a gente fala junto com a Ftorj, às lideranças, todo mundo. Quem está nas lideranças das torcidas atualmente, até esses jovens da Jovem, tem o Claudinho na Força, tem o Campinho na Young, na Fúria tem o Gustavo Noy. Todos têm essa preocupação de que é o deles que está na reta, começamos por aí, as “cabeças” são eles. Só que as bases não estão nem aí. Quem está ali no pelotão: “Ah, quem vai segurar é ele”. Não tem punição e nem retorno imediato, a gente pega às vezes uma coisa acontecendo na arquibancada e cansaram de falar assim “Ah, tem que ajudar a polícia a pegar e identificar”. Cansamos de fazer isso, mas o que adianta o cara ir para um lugar, ser julgado e no jogo seguinte ele está de volta? Eu tenho família, tenho mulher, tenho mãe, sei lá, todo mundo que está ali eu não... Tem pessoas de boa índole e pessoas de má índole. Eu não vou [saquear] a pessoa, “ah [saqueia] esse cara aí”. Não vou fazer isso. A torcida é para todo mundo entrar ali. Se for menor tem aquele critério de pai autorizar, autorizar a entrada, assinando e tudo, só que é estranho, é complicado isso, sabe? Eu não sei, os limites estão... Eu vejo na molecada, “Ah não, fulano de tal mora em não sei onde”, sabe? De querer aparecer, querer pegar, aquela coisa de querer fazer o nome em alguma coisa ou em alguém, em algum ato, roubar uma bandeira, ou é bater em fulano de tal. Hoje em dia se você fica muito na mídia eu acho que você está meio que livre. Há uns anos atrás não, quando eu fiquei na mídia como presidente, a minha cabeça ficou à prêmio aí, porque foi uma época que a gente perdeu um colega nosso [Down], lá do Centro, que foi morto no Dona Marta. Ele estava em um baile, os caras do

Botafogo o viram, aí falaram para todo mundo: “Ah, esse cara era do morro tal” e acabaram matando ele por engano, mas o pessoal da Jovem do Botafogo quis botar essa “pilha”. Eu, particularmente, falo que sou da Zona Sul, a minha maior rivalidade maior é o Botafogo. Quem mora na Tijuca é a Força Jovem do Vasco, aí foi coadjuvante, desculpa você falar agora (Risos). Quem morava em São Gonçalo tinha problema com o pessoal da Young, que é a maior... Em São Gonçalo! Nos anos 90, Niterói e São Gonçalo tinham 10 ônibus esperando, era uma galera em São Gonçalo. Então o pessoal de Niterói tinha problemas com a Young. Mas no grande Rio mesmo era a Força, na Zona Norte e baixada; E na Zona Sul era a Jovem Botafogo, então a minha rivalidade maior foi com eles, dava mais gosto de brigar com eles porque era “na mão”, na praia, onde tinha problema, onde a gente se encontrava resolvia, então aí começou uma guerra que fizeram isso com o [Down] e isso não ficou barato, e a gente ficou assim de 1998 até os anos de [2000]. Foi uma guerra, pegavam um, pegavam outro e valos lá! Não estou falando em morte, estou falando de pegar fulano e beltrano e ficou assim. Então a minha cabeça meio que ficou à prêmio nessa época, a do Snoopy também, mas era uma coisa que a gente não tinha, o remédio era: Não podia passar de 24 horas. Pegavam um moleque nosso e o prazo era de 24 horas para eles também, era um troco.

B.H. – E essa proximidade geográfica, vocês se conhecem, sabe onde mora, por isso que eu perguntei da retaliação, vira uma coisa de galera de rua, de gangue, um pouco nessa dinâmica de resposta.

J.F. – Eu até brinco com o Gustavo, o Gustavo é até mais novo de torcida. Um cara interessante que poderia falar da História, não sei se vocês vão ter interesse em convidar, era o nosso doutor da Ftorj. Foi um dos fundadores da Fúria, é um dos antigos do Botafogo é o Gunta, de Gutemberg, apelido Gunta. Então com o Gunta eu cansei de falar várias paradas e a gente conversa porque nós temos quase o mesmo tempo de torcida, o Gustavo é mais novo, mas eu sempre falei assim: “Eu tenho no meu cartel aqui no meu histórico, eu acabei com o Rajah.” O Rajah não tem mais aquela caveira. Acabou! Acabou aquela palhaçada de pendurar a camisa da Jovem no portão, acabou! Porque a gente descia a porrada em todo mundo. Tomávamos as camisas de volta e voltava. Aí o que aconteceu? Houve uma revolta no prédio, mandaram pintar aquela caveira, a gente conseguiu tirar aquela imagem, que coisa deliciosa falar isso [Risos], tirar aquela porra daquela caveira - desculpa falar assim - aquela caveira incomodava, está certo Zona Sul é nossa, aquela coisa territorial. Mas era um pouco mais grave porque a gente perdeu um amigo nosso, então isso ficou uma coisa muito latente. E foi na época em que entraram as armas de fogo e era tiro e foi complicado. Não adianta

dizer que foi uma época de paz porque não foi. Eu estava em uma época bem diferente de que é agora. Quem senta aqui ninguém é santo, todos tiveram alguma participação passiva ou ativa em torcida organizada.

B.H. – E teve um inquérito tentando interditar como fizeram em São Paulo a Força Jovem e a Jovem Fla, não teve uma época, nesse final?

J.F. – Em 1996, quando quebrou o placar, o Marcelo Alencar fez um decreto que proibiu, ficaram oito meses... Eu tenho outra coisa, aí já é um histórico positivo da minha gestão, o Léo era advogado e eu falei: “Pô, Léo, não pode entrar com camisa, não pode entrar com bandeira, com faixa, ferrou!” Porque a gente não tinha como mostrar nossa a marca e descaracteriza, não tem como. O bando continua indo, a galera continua indo, então era complicado. “Vamos fazer alguma coisa? Vamos fazer mandado de segurança?” A gente fez o mandato de segurança, a gente entrou, fomos a todas as instâncias e conseguimos um mandado de segurança. Aí em um Flamengo e Botafogo que era o clássico que eu amava, eu liguei para o desembargador Mello Tavares, eu tenho todos esses documentos guardados com muito carinho. A gente fez o mandato e aí na hora de falar com o desembargador, aí tem aquele disfarce, não é? Eu tenho minha farda de jogo [Risos], aí botei a roupa bonita, gravata, parecia, aí entrei [Risos], aí eu entrei, o Léo falou: “Vamos lá falar com o desembargador”. O desembargador olhou o pedido e disse que estava muito bem fundamentado, “Parabéns, vou deferir, em parte, o pedido de vocês, vou impedir os fogos de artifício porque pode ter função dúbria de jogar no campo e fazer a festa”. Ele cortou duas coisas, liberou em parte: ele liberou as faixas, bandeiras, camisas, liberou tudo. “Eu sou tricolor e assim estou liberando em parte para não dizer...” “Ninguém é perfeito”. Aí o Léo disse assim: “Você não abriu a boca para falar nada, você abriu para falar besteira, para dizer que ninguém é perfeito!?” [Risos]. O cara levou na esportiva, graças a deus. Liguei para a Raça e falei: “Paulo, sapato, bota tudo na Kombi”. “Beleza”. A gente chegou, eu liguei para Teresa, liguei para todo mundo das torcidas, eu liguei para Fla point, “Vai que está com tudo segurado já”. Aí chegamos no Coronel Coutinho que é o comandante do sexto, - o comandante que toma conta do Maracanã agora - aí chegamos com bateria, apertando o som, aquela coisa e ele disse: “Está maluco? Pode sumir com essas porras daqui”. Aí eu peguei bonitinho, desdobrei, mostrei, ele olhou: “Vamos conversar ali no meu gabinete”. Aí o Léo pescou a malandragem que ele queria me puxar para canto e meio que travar ou cagar para ordem do desembargador, aí o Léo chamou a imprensa e conseguimos uma liminar [Risos], aí o cara bufando, não é? “Qualquer problema que acontecer a culpa é desse desembargador”. Conseguimos. O mais engraçado é



que a gente chegou, metade do Botafogo *todo* cheio, eu avisei, não é? [Risos] e nada do Botafogo, eles não levaram, eles não estavam esperando. Só que de última hora o Júnior – um paraibão lá grandão -, ele participou dessa coisa, eles botaram uma faixa tão ridícula, tem coisas que o dinheiro não paga, não é? [Risos] Eu olhei aquilo e falei: “Cara, está ótimo”. Depois ele desceu, eles vieram putos e foi um jogo inesquecível aquele, foi um jogo! [Risos].

R.T – Fala um pouquinho desse clássico que eu amava [Risos] que era o Botafogo.

J.F. – Por que amava? Os nossos problemas das torcidas da Zona Sul sempre passavam por eles, era uma coisa mais pessoal. Tinha o baile do Manequinho, até hoje [...] baile funk eu via o Manequinho pouquíssimas vezes. Então era a torcida Jovem do Flamengo contra a Jovem do Botafogo inteira brigando no Manequinho, era aquela coisa bem bairro mesmo, tinha lugares que a gente não podia andar e eles também não. Eles só iam à praia do Leme porque se eles passassem por Copacabana, cacete neles, ficavam só naquele canto. Era uma coisa bem territorial mesmo. Até falávamos assim: “No Leme eles tinham liberdade”, eu disse assim: “Pô, você mora no Leme?”, “Não, mas pô...”, “Não tem moral!”. No Leblon eles não pisavam. No Leblon não tinha essa coisa, porque era uma grande galera, em Copacabana, na rua República do Peru, era uma grande galera. Então...

R. T. – Interessante essa questão territorial, não é? Como é forte. Mas e o Vasco?

J.F. – O Vasco como eu te falei teve uma participação não muito intensa na Farma de Amoedo. Estou falando de território em Ipanema, na Zona Sul. Eu passei por uma série de retaliações, porque eu estudava no Pinheiro Guimarães na Mendes Silva perto do elevador do Cantagalo, que tem ali agora. Então eu era meio pato novo, eu não estava conhecido no circuito dos cabeções, era o Léo ainda na época, era toda galera e eu era só mais um cara da Jovem, ali era reduto dos caras. Eu falei: “Gente!” Teve um dia que eu fui à reunião deles me sentindo mal com aquilo. Depois eu e um colega meu ficamos conhecidos. Aí a gente falou: “Semestre que vem vamos sair”. Aí a gente saiu. Por quê? Era muito difícil, vou ter que falar as besteiras, então vou falar: Essa época que eu estudava lá era o Wells Fargo no Leblon, era o nosso quintal. No Wells Fargo só entrava quem a gente queria. Se entrasse quem a gente não conhecesse, era cacete na entrada e nem entrava. Era massagem na entrada e vai embora! Então, nessa época, os caras da Farma queriam, era o point da nossa época o Wells Fargo, fervia ali no Leblon, o baixo Leblon. A gente conseguiu... Tinham coisas boas ali, o Resumo da Ópera que perto da Cruzada, então as coisas boas dos jovens, a gente curti, era ali. Então

os caras da Farme não podiam vir ali porque sabiam. Os caras do Botafogo nem pensar porque era couro neles! Nessa época eu estudava perto da Farme e as bestas começaram a ir no Wells Fargo e se pegar estou fodido segunda-feira, quando eu for estudar. Aí aquele negócio de acordo entre cavaleiros, a gente não faz nada com eles aqui e eu não tomo retaliação na segunda-feira. Mas quando eu saí de lá, na primeira vez que eles foram ao Wells Fargo, pau neles! Aí eles não voltaram mais. Acabou essa história de Força na Zona Sul, foi muito pouca, foi muito restrito. Tiveram problemas, sim, algumas vezes. Eles foram à Copa de 1994 e na comemoração eles deram um tiro e pegou no Edmar que foi nosso ex-presidente. O tiro pegou na cara! Ele perdeu os dentes todos, até hoje ele tem chumbo no céu da boca que ele não conseguiu retirar. A Força nunca teve problema com briga, mas por arma de fogo, eles implementaram isso com mais intensidade, teve o [Budi], o [DiCara], foi uma coisa que veio mais intensa da parte deles.

R.T. – Mas era um jogo ou é um jogo...

J.F – Não. Esse jogo foi da Copa do Mundo.

R.T - Mas é um jogo, um encontro entre o Flamengo e Vasco, era um jogo importante, que mobiliza, não é?

J.F. – Ah é claro. Mobiliza. É o jogo que mais mobiliza efetivo para... É o jogo que todo mundo... É como eu te falo, nesses anos que eu vivi o primeiro pelotão era enorme. Então a gente ia para o Vasco, mas o Botafogo era a nossa coisa. Agora o Vasco sempre teve a mesma mobilização, mas a gente sabia que o problema ia ser ali, no máximo, perto ali da UERJ, o couro comendo e depois a gente ia voltar e não ia ter mais nada. O negócio era ter alguém, a gente esperava para dar o tempo de os caras chegarem de Botafogo para passar na hora que eles estavam chegando, era uma coisa bem molecada, “Vamos passar lá agora porque eles devem ter chegado agora”. A gente passava e era de lei quando chegava na altura da FGV, “Apaga, a luz piloto!” Apagava a luz e eles lá, malandros, o primeiro ônibus que não apagar a luz nós vamos quebrar [Risos]. Era tudo mapeado porque assim: “Apaga a luz” era meio que um código, os caras tacavam pedra. Parava ali na altura da curva da São Clemente, a porrada comia naquelas ruas ali, mas era porrada, não tinha esse negócio. Era porrada. E boom! Depois chegava a polícia e segurava metade do pessoal: “Desce!”. Fiquei um tempo indo lá. “Ih, menor”. E “libera”. Aí ficava nessa negócio, era uma coisa bem territorial. Eles não queriam que a gente passasse lá e a gente passava por lá, era uma coisa bem de marcar território, é uma coisa assim... Eu me lembro com saudade. Trouxe muitas

preocupações para a minha mãe. Ela ficava louca em casa, eu chegava com barriga aberta, cabeça aberta de pedrada, repara que todo mundo usa boné ou cabelo grande porque se raspar, as cicatrizes todas aparecem [Risos], mas ainda sim tem sorte de estar inteiro, de estar bonitinho, tiveram colegas, como eu falei, que levaram tiro na boca, corte na orelha, é complicado.

R.T. – O risco faz parte, não é?

J.F. – Faz parte do Jogo.

B.H. – A emoção, não é? A excitação...

R.T. – Essa excitação que...

J.F. – É esse momento assim do “vamos passar”, aquele grupo, todo mundo junto, e “vamos passar”. “Ah, mas não pode passar”. O ato de passar por cima ou de querer entrar no território, era aquela coisa do *proibido*, que tinham várias coisas proibidas naquela época. O que era proibido? A droga era proibida, mas os moleques metiam a cara, quem gostava. “Ah, é proibido...” Nego queria! A Jovem tinha esse perfil de fazer o que ninguém metia a cara e fazia.

B.H. – “Aquilo que a sociedade repudia é aquilo que eu vou fazer”.

J.F. – É. É por isso que eu estou te falando, o Snoopy tinha esse perfil. Quem olhasse via. Ele era um cara gente boa, boa praça, se dava bem com todo mundo e tal, mas “a polícia deu uma ordem”, ele: “A polícia é o cacete!”. Eu já era aquela coisa: “polícia é o cacete”, mas eu era malandro: “Está certo” e fazia tudo certinho, “vamos fazer tudo diferente”, botava aquela cara, e fazia aquele teatro e fazia tudo diferente! [Risos]. Tinha outro momento Zé Maria da minha vida de estar vivendo em um turbilhão da Jovem, sendo o presidente na época. Quando fazia tudo errado eu era o primeiro a ser puxado em casa, a polícia vinha: “Cretino” e trazia ali, eu: “não deu para segurar”, “Como não deu para segurar?” Era aquela coisa bem dissimulada, mas faz parte do show [Risos] porque, em certas horas, até a polícia foi dissimulada conosco, fala uma coisa e faz outra, promete uma coisa e não cumpre. Então assim: É um *teatro*, a vida é um teatro nesse meio, claro que precisa mudar algumas coisas. A Polícia fingia que tomava conta e a gente fingia que acatava as ordens, era um mundo de fingimento, era um grande teatro.

B.H. – Você falou do policial bufando com a decisão e o Léo chamando a imprensa e o cara não pode falar o que ele quer falar.

J.F. – Ele queria me chamar no canto e falar “me dá isso aqui”. Ele ia falar alguma coisa para tirar o brilho da nossa vitória, ou poderia até ter liberado uma ordem direta acatada por um desembargador, “ah, então beleza”. Eu até falei na época com o desembargador, ele me disse “ele não está louco de querer impedir uma determinação minha”. Aquilo me deu um gás... Eu vou com tudo, leva tudo! “Ah, mas não cabe”. “Leva todas as faixas na mão”, eu queria levar tudo, a gente levou tudo ao Maracanã. Botou tudo no dia e o lado de lá, nada! Uma faixinha pequenininha do Botafogo, micro! Que não dava isso aqui dentro da sala aqui. Que delícia, cara! [Risos]

R.T. – Você está falando da Torcida Jovem do Botafogo, pensando com essa mudança, não é? Com o surgimento da Fúria, um pouco essa relação ficou mais apaixonada?

J.F. – Engraçado que eu botava uma pilha, é uma coisa que eu puxo, depois que eu conheci o Kunta, a Ftorj, eu entendi quais foram os reais motivos da fusão da Jovem Botafogo com a Fúria. Mas o nosso *métier* fala que foi a nossa gestão, a gente acabou com eles. [Risos] A gente minou. Nessa época o Roberto, o Júnior que eram as lideranças do Botafogo, não foram tão ativos na resposta, eles faziam uma coisa e a gente dava resposta *imediatamente*. Aí esperava, uns meses depois, eles davam a resposta, a gente, no dia seguinte, dava uma resposta. Resposta até suprimi-los. Em outros eventos que teve aí a gente os botou em uma situação bem constrangedora. Então assim segundo o que o Kunta me passa da formação da Fúria, que eu não posso nem falar – ele que vai falar se for o caso – é que aconteceu coisas ligadas ao financeiro, coisas de posição de líder, está sendo massacrada. “Ah, vamos gritar!” “Não, não vamos fazer nada”. Aí o que acontece? Os caras estavam só mamando, crescendo e fazendo outras paradas e a torcida está minguando, apanhando nas ruas, então vamos criar outra. Foi isso que eu entendi. Aí criaram a Fúria. Só de saber que eu tive uma participação nisso não tem preço para mim! [Risos] Não tem preço porque é uma torcida que particularmente eu tenho... Por que essa raiva? Não é só por causa disso. Em 1991 quando a gente foi campeão estadual teve uma briga na Santa Clara e teve porrada, tiro e o caramba e esse dia eu virei tapete, eu nem me lembro como eu cheguei em casa. Eu me lembro que eu tinha marca na cara, no corpo e aí o que aconteceu? Eu caí e virei bola de futebol de salão. Eu acordei meio aéreo e cheguei em casa, a minha mãe quase me deu uma surra. “Já que você apanhou e não chorou, não vai chorar aqui também não”. Com o Botafogo. Tomei a surra do

Botafogo. Outro erro que eu tive foi com o Botafogo, os embates que eu tive eram com o Botafogo. A raiva cresceu com o Botafogo! Então, assim, o Vasco era coadjuvante na *minha* ótica. Mas com a torcida, o Vasco era a mesma coisa! A mesma sede por causa do [Dicar], quando os caras entraram no Maracanã segurando o caixão do [Dicar], porra, foi uma coisa que a porrada comeu na arquibancada, a polícia tentando segurar e a gente tentando quebrar. É complicado os caras fizeram cerimônia fúnebre simulando que o Dicar estivesse dentro do caixão, então assim, são coisas que mexem com o emocional coletivo da massa. Porra! Nego ficou louco.

.H. – Agora um aspecto interessante em relação a polícia com essa medida que vocês conseguiram voltar com o material para poder torcer. Porque a política naquele momento era justamente seguir o modelo de São Paulo, proibir, tal fechou e até hoje eles não têm bandeira. A faixa voltou.

J.F. – Pelo que o Léo me explicou, a maneira como eles fizeram essa lei, esse decreto, eles não amarraram, deixaram várias pontas. Nós pegamos uma dessas pontas, o artigo quinto, fundamentamos algumas coisas e conseguimos. Em São Paulo, os caras ajustaram e até hoje os caras ficam louco, independente de ser uma torcida ligada à nossa. “Pô, como vocês fizeram, mano?” “Porque aqui tem cabeça, aí só tem jegue aí” [Risos], porque o grande potencial das torcidas de São Paulo são outras estruturas, a Gaviões já teve quadra, é uma potência, Torcida Jovem dos Santos tem, do Palmeiras também. Então, ali são empresas, escola de samba, torcida tudo ali. Uma coisa tão simples, eu não sei... Eu não posso falar porque eu não sou advogado, não sei o que pode fazer para voltar a ter bambu, a botar bandeira lá, eu não sei, mas acho que falta vontade de um grupo sentar e de quebrarem as vaidades, unir todo mundo, Corinthians e, juntos, pedirem isso. Na época eu fiz isso, em 98, eu fiz pela Jovem, Torcida Jovem do Flamengo, se hoje em dia eu fizesse isso pela Jovem. Hoje, nos parâmetros de hoje, eu não ia conseguir nada. Eu acho que eu não conseguiria nada nos dias de hoje. Qualquer desembargador: “Veta esses marginais, veta isso aí! Esses marginais que não prestam, veta!” Na época não, foi tudo fundamentado. Eu fui lá todo arrumado, o Léo que também já foi presidente de torcida, hoje é advogado. Um cara de torcida fez uma coisa tão bem fundamentada, pleiteando o *justo* porque a gente não queria nada demais. A gente queria botar nossas faixas e bandeiras, acabou! E conseguimos isso. Hoje em dia, eu não sei se conseguiríamos, só conseguiria reestruturando, esquece as vaidades, vamos sentar aqui na mesa e vamos tentar requerer, estou falando da Ftorj, aí pode ser que consiga. Também é difícil com esse negócio da copa, todos esses jogos que estão

planejados aqui para Rio de Janeiro, eles estão querendo problema, então até com a Ftorj e todas as torcidas do Rio juntas está difícil, está complicado, não está fácil não. Silêncio assim, gente! [Risos]

B.H. – Não, não, tem vários pontos. O que eu ia estava argumentando o que eu acho interessante é isso. Aqui, esse lado da festa acabou sendo possível graças a essa medida. Lá não foi possível, mas eles encontraram essa brecha na reconversão em escolas de samba, então eles lá têm mais estrutura como torcida e empresa e aqui talvez seja mais amador, mas, por outro lado, o espetáculo no estádio é mais bonito, tem sinalizadores...

J.F. – Porque eles estão até copiando algumas coisas nos últimos dois últimos anos aqui. Eles estão cantando algumas músicas sem o palavrão, o próprio mosaico eles levaram com bexiga, bolas, eles fazem o mosaico do Palmeiras... Então, assim, eles estão tentando ser torcida desse tipo. Lá, a parte empresarial... O material é de primeira, vende tudo.

B.H. – Sede, quadra.

J.F. – Tudo. Mas essa parte de torcida eu acho que os grandes caras que tinham lá na Gaviões, cada um tomou o rumo de suas vidas e essa eu não sei, não posso responder o porque eles não estão bem na arquibancada porque os problemas lá são bem diretos, toda hora tem problema em São Paulo, toda hora tem gente morrendo, é Metrô, é periferia, então é complicado. Como aqui também, só que, às vezes, não aparece. Às vezes morre lá em Bangu e pensam que é tráfico. Não! É bala de torcida. Está morrendo, mas não aparece. Lá, o pessoal vive muito a torcida. Esses caras lá em São Paulo vivem muito a torcida. O final de semana é isso deles. Aqui tem outros lazeres no Rio, aqui só nos clássicos que se mobiliza, o torcedor do Rio não é um cara que vive a torcida. Lá tem quadra por causa disso, tem o samba, eles vivem aquele *métier* em São Paulo e só sobra aquilo para eles. Aqui tem uma série de coisas, tem a praia, aqui no Rio nós somos privilegiados com um monte de coisas naturais, do povo em si, é uma opinião minha, entendeu? Porque, aqui nas torcidas, a gente não vive 24 horas. Vivem 24 horas quem? Quem é da diretoria, os líderes que estão sempre se falando, mas viver como vivem, da cabeça aos pés, todo fantasiado, que é uma coisa natural deles, não é? Aqui só... Nem a Jovem! Com a Jovem eu fico danado que eu olho assim várias fotos de Orkut, gente chegando aos jogos, o único que está de camisa sou eu, o outro sem camisa, ou a camisa amarrada na cara feito ninja. Eu fico olhando... Eu tenho o maior prazer de usar a minha camisa! Me dá prazer entrar em São Januário com a camisa. Para que vou entrar sem a camisa? Então eu não vou, pô! Entrar com essa camisa vermelha e

preta naquele lugar horroroso para tentar dar uma melhorada no ambiente. [Risos] Pô, isso que me dá prazer, sem isso vou fazer o quê?

B.H. – Então vamos explorar essa parte. Vamos destacar alguns pontos que seria legal: a relação com a polícia, como dinâmica de policiamento, essa migração dos problemas que eram dentro do estádio, e foram migrando cada vez mais, a ponto de, hoje em dia, não dar mais para ter essa capacidade de dar conta de todo perímetro urbano, a questão das viagens, as alianças e fechando a Ftorj.

J.F. – São assuntos que pegando um por um você vai falando. [Risos]

R.T – Esse é o plano. [Riso].

B.H. – Esse é o plano e a gente poderia explorar vários pontos, por exemplo, os símbolos da Jovem, os símbolos políticos, figuras.

J.F. – Eu tenho uma opinião muito particular a isso. Eu entrei, tinha a jovem como a torcida do Flamengo, lá você tem tudo: Vários credos, raças, classes, está tudo misturado ali. Dentro do nosso quadro tinha judeu, tinha cristão, tinha tudo. Só que as pessoas postam essas bandeiras com cara de satã, mas nem sabe da história, porque eu sou um cara que questiono. Eu acato, o povo quer, bota. Fazer o quê? Mas não é uma parada legal, tem a bandeira do sétimo pelotão, daquele ditador Mao-Tsé-Tung, pega para ver quem é. Teve uma vez que teve um jogo: Flamengo e... Já faz tempo, foi em um jogo de 1997. O cara me levou uma bandeira do Hitler, ele abriu, a gente falou: “Fecha isso”. Tomou o que era dele, rasgamos. Não sabe! “Porque ele foi um cara que matou...” E daí? Todos os outros ditadores têm na jovem, eu questiono isso. Eu sou meio contra. “Ah, isso aí é marketing”, entendeu?

B.H. – Teve a bandeira da Palestina que eles fizeram, não é?

J.F. – É, teve da Palestina. O primeiro pelotão é o pelotão da Palestina. Hoje em dia, na Zona Sul, tem bandeira da Palestina. “Eu falei: Gente!” [Galera da zona sul], anos atrás. Bota a bandeira da Palestina? As bandeiras da Palestina ao lado da bandeira do não sabem o quê, do lado da do Sadam que já morreu. Eu questiono, tem tanta coisa para você idolatrar, botar como bandeira... Por que nunca fizeram com a cara da tia Helena? Porque nunca fizeram com a... Fizeram com a do Germano, ele morreu e fizeram com ele, ótimo, foi merecido. Sei lá... Algo como a Urubuzada fez, como a Raça fez, com a cara de todos em 1988, é legal! Porque, assim, elegeram umas pragas que não ajudaram em nada na nossa fundação e “ah, mas

mostra poder”. Então pensa em alguma coisa que mostra poder, um nome bom de poder que não precisa. É uma opinião própria, opinião minha, se eu falar isso lá: “Ah, está maluco”, então quando você é minoria, você se cala. Eu não vou questionar, mas eu sempre bati nessa tecla: Pô, Sadam? Porra, eles botaram até o Che Guevara! Qual é a ligação? Eu sempre busco a ligação.

B.H. – Corrija-me se eu estiver errado, porque em 1989 quando você estava começando na torcida foi a primeira eleição para presidente direta depois de tantos anos e a Força Jovem apoiou o Lula, algumas pessoas... O Roberto que depois foi do PCdoB. A Jovem, através do Léo, tinha uma relação com o PDT e apoiou o Brizola. Tanto que o “lálálá Flamengo” vem do “lálálá Brizola” que passava na vinheta eleitoral e a partir daí teve uma relação aí, você deve ter conhecido lá o João Cláudio, que era do PDT.

J.F. – Está afastado.

B.H. – Enfim, tiveram umas figuras que depois compraram essa relação com o PDT que tinha essa ideia dos símbolos anti-imperialistas. Então, eles começaram a fazer essas coisas de Cuba, Fidel, Che, Aiatolá, não tem um pouco essa história?

J.F. – Aiatolá Khomeini, tinha até música, cânticos, a gente batia na cabeça. [Risos] Era até engraçado porque a gente cantava a música, batia e depois começava a porrada, brincadeira lálá e a porrada comendo, “a benção”. Nessa época, eu me amarrava. Para um garoto, tudo é festa. Mas depois que você vai entender... Tudo bem, eu já vivi, eu estou ali junto, faço parte do grupo, não vou questionar. Mas se eu for botar ponto a ponto, por que Aiatolá? E aí? Eu sou Flamengo, o que me liga nisso aqui é o Flamengo. O que é? Falando no João Clóvis, tem até um tempo que eu não falo, não o vejo. Ele está afastado, até por problemas internos nossos ele se afastou. É um cara inteligente, politizado, um cara até... Se estivesse presente poderia até ser mais um braço para tentar ajudar essa nova geração, até ter mais direcionamento em alguns pontos dentro da torcida, entendeu?

B.H. – Ele faz História na UERJ.

J.F. – Oi?

B.H. – Ele está fazendo História na UERJ.

J.F. – Ainda? [Risos] Porra, ele fazia isso quando era presidente. Ele está fazendo o quê? Doutorado em História? Porra. [Risos]



B.H. – É possível. [Risos]

J.F. – Ele trancou uma época, ficou afastado. Na época da torcida ele deve ter trancado, ele deve ter tido seus problemas. [Risos] Fazendo ainda na UERJ?

J.M. – Tudo que o cara falou de bom aqui foi por água abaixo agora.

B.H. – Mas acredito que tenha vindo um pouco desse núcleo inicial, embora hoje não tenha muito sentido e até você não vê mais essas bandeiras, tem vindo muito menos do que tinha, não sei se tem alguma coisa com a própria polícia porque começaram a sumir os cânticos de “vou dar porrada na PM”, talvez símbolos politizados hoje não sejam bem vindos. Não sei se isso teve relação direta com a polícia?

J.F. – Não, isso vem imposto pelo [Gus Melo] na época Capitão do Bope, ele entrou e chamou todas as lideranças e o presidente na época era o Vaquinha? Eu não sei – “Ah, vai lá” e sempre eu ia porque ninguém queria mostrar a cara. Era um cara com farda e você também estava com farda, não falava nada demais, mas ele falou: “Não quero cântico assim, assim assado”. “Ah, não...” “Se cantar, eu vou tirar.” Ele veio na repressão: Cantou? Ele tirava tudo da arquibancada, prendia tudo. Foi bem complicado, mas depois, com o tempo, conhecendo, trabalhando com ele em alguns pontos, as coisas andaram, melhoraram bastante. Essa relação da torcida organizada com o GEPE, com a polícia militar... Porque todo mundo., na hora que tem um problema, a torcida organizada é crucificada junto com a PM. A PM facilitou, então a PM entra junto para ser crucificada. Então se juntar para fazer uma parada legal, a imprensa não vai falar assim: “A PM foi efetiva”. Não. Ela só vai falar na hora que errar, então tanto a polícia quanto a organizada elas vão para às páginas policiais, aí são uns “marginais incontroláveis” e a polícia que facilitou ou não teve *competência* de controlar. Elas sempre culpam, mas não culpam outras coisas: Estruturas, organização, acesso do ingresso. Tudo bonitinho com o ingresso na mão, mas para entrar é um *curral*, gente fazendo empurra-empurra, demora não sei o quê.

B.H. – Spray de pimenta.

J.F. – Spray de pimenta. É por isso que eu falo que tem uma série de coisas que a gente questiona.

B.H. – Você falou do [Gus Melo], o GEPE foi criado em 1991. Você lembra assim um pouco desses caras que foram os cabeças?

J.F. – Eu me lembro... Engraçado que eles... Eu me lembro de todos os comandantes. Na época que eu tomei à frente e negociar com eles cara a cara, todos eles, eu sei. Mas na época que eu era garoto, eu não tinha... Teve o Braga, o Marcelo, o Gus Melo. Antes do Braga – me esqueci do nome – mas, assim, tem alguns. Eles não se esquecem de você, mas eu me esqueci deles. Teve uma época aí, em 2000 ou 2001 a campanha que o Garotinho fez de triturar as armas no Aterro do Flamengo? A gente foi a favor. A gente pegou umas armas lá e vamos doar, botamos as armas lá e vamos quebrar! [Risos] Fizemos panfleto apoiando a atitude. Aí quando eu estava andando, passei por um coronel, que eu nem me lembrava, e ele: “Tudo bom, Zé Maria?” Eu respondi: “Tudo bom”. Ele: “Não está lembrado de mim, não?” Eu: “Não estou lembrado”. Ele: “Fazem merda, quem se ferra sou eu e não se lembram?”. É assim mesmo. Ele contou alguns episódios do Bariri de policiamento. Eu falei: “Oi, tudo bem!”. Ele falou: “Ah, que bom que a torcida está tentando melhorar.” Eu falei: “É difícil, mas estamos tentando fazer nossa parte.” Aquele bate papo. Eles não esquecem não. Eu, hoje em dia, também não esqueço. Bato o olho uma vez, eu tratei... É engraçado, ele me pegou assim: “Oi, tudo bom? Está vendo só? Não se lembra! Se eu tivesse algum problema contigo eu ia te pegar agora!” Eu falei: “Que isso coronel! Para que esse rancor no coração?” [Risos] Aquela coisa... Mas a relação melhorou.

B.H. – E o João Marcelo que ficou muito tempo. Como é que era relação? Que se estabeleceu um sistema de punição... Se brigasse no jogo seguinte, não entrava faixa.

J.F. – Olha, as coisas melhoraram - opinião própria também - mas o João Marcelo foi o cara que ficou mais tempo, o GEPE, atualmente, é um grupamento que é exemplo para várias polícias do Brasil, até elogiado em [alguns lugares]. Um modelo de buscar de acompanhar, de revista e tal. O poder público tem muito que melhorar o grupamento, ou transformá-lo em batalhão, eu não sei, porque são poucos ali, mas eles já conhecem. Às vezes, no olho, eles já sabem: “Esses caras não vão saltar no trem, eles vão descer na São Francisco Xavier e vão brigar”. Quando vão descer, já tem um cara do GEPE ali sabendo. O cara, no olho, já sabia! O GEPE, no início dos anos 90, antes de virar GEPE, era o sexto, com o sargento Machado... Tinha uns caras que, no olhar, - “Não, nós vamos ficar por aqui” - ele sabia que a gente estava mentindo e quando a gente ia brigar na rampa lá em cima - porque antigamente você entrava por cima também, na arquibancada - “Eu sabia que vocês vinham para cá e toma-lhe borrachada para a gente voltar”. [Risos] Ele sabia! Porrada de borracha, era o cara que já sabia do métier. Então o Marcelo, ele melhorou muito, mas eu não gostei da gestão dele porque era Botafogo, começou por aí [Risos]. Começou com esse problema. Mas ele não

cumpria o que ele falava, a partir do momento que ele entrou. O Braga cumpria. Eu peguei uma época com o Braga, então era complicado, mas ele falava uma coisa e cumpria. Na medida do possível, eu tentava cumprir também, a torcida estava fervilhando. O Marcelo falava alguma coisa e ele não cumpria. Quando estourava uma bomba, ele sempre jogava na nossa conta. Ele falava eu ia apoiar a nossa... Ele sempre tirava o dele da reta. Ele adorava uma televisão para falar, mas atuar mesmo, não gostava. Alguns gostavam dele, não estou brincando não, mas o time pesava para ele. Não estou fazendo a história do coitadinho, não. E nem os caras do Botafogo são coitadinhos, mas com o Botafogo [o quente era na porrada] e a torcida do Botafogo tranquila, era nítido isso. O Gus Melo era Botafogo, o Luís Otávio, que entrou depois, agora, é tricolor, mas os caras eram policiais. Ele era policial, e também era Botafogo e pesava isso no clássico. Era nítido! O ápice foi em 2006 que teve a final da Copa do Brasil. A gente ganhou do Vasco e teve aquela porradaria na arquibancada e eu me lembro de estar falando: “Bota o pessoal aqui, o negócio está meio quente.” Só que não existia! Pô, eu sempre estava ali para pegar os policiais meio nervosos. “Ah, tira isso, tira aquilo, não precisa fazer isso, não precisa fazer aquilo.” Às vezes, eles já chegavam com a pimenta, com spray, com a porrada. Nesse dia, a gente estava ali, tudo festa, tudo bonito, querendo comemorar, querendo fazer tudo. E os caras querendo bater, reprimir e foi um PM lá e entrou no cacete aquele dia. O Marcelo no campo ficou fazendo radinho, aquelas coisas “Não, porque são todos marginais”. Mas tudo bem. As atitudes, não aprova, mas ali era festa, tinha que comemorar. Mas polícia da forma como ele entrou na arquibancada, com uma porrada de mãe, cheia de criança. São Januário estava cheio! Tudo bem que era Jovem, Raça, mas era muita gente e pimenta daquele jeito? Naquele dia eles entraram como se estivesse em meio a uma briga, mas não tinha nenhuma briga no dia, não tinha nada. Aí abriu aquele clarão, bomba, aí teve aquele problema todo que apareceu na televisão. Passou isso, Marcelo veio, prendeu todo o nosso material que, até hoje, está preso no GEPE, alguns sumiram, foram aparecer na torcida do Vasco. Eu falei: “Como é isso?” Foram vendidos pela PM. Hoje em dia, são coisas que eu pego e jogo no ventilador, eu estou ali para isso. Cadê o material que estava na sala do GEPE? Ué, sumiu? Como sumiu? [Está com a cautelar todo bonitinho.] Apareceu no ar uma vez, a faixa nossa de cabeça para baixo. Aí na hora eu entrei e peguei o Léo, joguei isso dentro do clube, porque o clube tem no estatuto, tem por direito, uma imagem do Flamengo, porque o tanque tem escudo do Flamengo. Não pode ter uma imagem vexatória ainda mais no [próprio] território. Aí o clube ligou para o comandante da PM, ligou para o Secretário de Segurança, rapidinho a faixa apareceu. Como ela apareceu? Devolveram o material. O material foi vendido por alguns policiais do GEPE que foram afastados, o

Marcelo tinha envolvimento. O Marcelo: “Pô, vamos ficar tranquilos porque não quero levar coisas”. Eu estou falando coisas aqui, porque eu estou botando a minha cara para falar porque, assim: ele cresceu muito o GEPE e tem o mérito de ter melhorado o efetivo, mas a gestão dele também foi horrível. Ele foi um péssimo comandante. Mesma coisa o Gus Melo. Eu tive contato direto com ele, ele tinha aquela coisa bem do Bope. Ele falava e você ouvia, não tinha como contra argumentar, até tentar ter uma troca com o Gus Melo foi fogo, não é? Mas, assim, cantou polícia, PM... “Prende o material”. No final do jogo ele liberava, ele foi meio que oprimindo, aí a gente foi mostrando com atitude, botando a minha cara, o Frajola. Outros... Aí foi tranquilo. Através dele, foi em 2008 que ele entrou? Foi, foi em 2008. Porque antes dele era o Marcelo, em 2007, não foi?

B.H. – Acho que foi. Foi esse período que o Chiquinho esteve à frente da Suderj.

J.F. – É. Foi 2007. Em 2006 teve a Copa do Brasil o Marcelo continuou, aí teve o problema do Germano em 2007. O Germano morreu, aí entrou o Gus Melo, aí entrou com esse discurso bem duro. Aos poucos foi pegando os contatos e tal. Aí teve uma reunião do GEPE, foi todo mundo, todas as torcidas estavam lá. Eu falava, a gente falava alguns erros, algumas coisas que podiam melhorar. Ele falava: “Pode isso, isso e isso não pode mais”. Aí acabou a reunião, eu levantei e falei: “Vamos esquecer um pouco as vaidades porque todo mundo está se ferrando”. E falei com o Campinho que estava presente... Era o Claudinho? Não, não era o Claudinho que estava na reunião, não. Era outro cara. Era o Claudinho que estava querendo assumir, na época, em 2008 já. E estava nós, a Fúria, os caras do Botafogo. Eu falei: “Cara, está tendo uma pressão aqui do Gus Melo vamos tentar se juntar para... Não adianta ficar berrando que ‘Ah que você não botou sua faixa aqui, ah porque o rubro negro não entrou aqui, teve gente do Vasco comparando ingresso falsificado’”. “Se a gente berrar junto, a gente vai berrar melhor”. E teve isso nos anos 80, era outra vida o Seu Armando, “[...]”, João Carlos... Os tempos eram outros. Hoje é bem complicado, então eu sugeri isso: “Vamos marcar uma reunião lá na Cinelândia?” “Ah, a Cinelândia é tua sede”. Eu falei: “Na Cinelândia, no Amarelinho, pode ir lá!”. Nego foi meio cabreiro. A primeira reunião de todas as torcidas e tal. Achei engraçado que a gente chegou no Amarelinho e aí sentei – eu, idiota – fui eu, Marcelo Vale, chamei os advogados para uma orientação de como abrir de novo a Astorj ou Ftorj, como vamos criar isso? Chamei o Vaca, chamei o Fábio e mais um, éramos quatro. Ficamos lá. De repente, lá na Rio Branco, vem uma galera! [Risos] A galera do Vasco. Aí passou um tempo, outra galera chegando, a do Botafogo. Eu falei: “gente, estamos fodidos, se os caras baterem na mesa, vai virar isso aqui”. Ia na pureza! Como eu

marquei embaixo da minha sede na Álvaro Alvim já vieram com tudo, todos preparados [Risos]. Aí não tinha cadeira para sentar todo mundo [Risos] no Amarelinho, era aquela galera, aí chegou o pessoal do Botafogo, do Vasco, o Fluminense foi o último a chegar. Devem ter visto de longe que dava para ir [Risos], chegou por último. A primeira reunião foi tipo umas 40, 50 pessoas. Só via os caras problemas. E eu: “Ih! Vai dar problema”. Aí a gente botou na mesa, eles toparam e compararam a ideia. Eu falei: “Pô legal!” As lideranças. Só que as bases falaram: “Está maluco, Zé Maria, sentar com esses filhos da puta?” Porra, eu estou pensando, eu odeio todos eles! A gente se odeia, todo mundo cresceu se odiando, mas não adianta se odiar e amanhã ou depois fechar a Jovem, fechar a Força, acabar com o que a gente gosta aqui. E aí? Vamos tentar manter alguma coisa, e eu sei que vocês não vão querer pensar nisso agora. Eu não pensaria se eu tivesse a idade que esses moleques têm, de 20 anos. Emocionados, querem tirar o seu prejuízo, querem fazer alguma coisa. Mas foi complicado. A gente tentou, foram várias reuniões a gente criou o livro, ata, assinou... “Vamos botar Astorj?” “Vamos embora”. “Vamos [fazer diferente] porque a Astorj é uma coisa que não deu certo”. Eu falei: “Não, deu muito certo!” É que não teve mais função depois do início dos anos 90, quando as coisas começaram a fervilhar e nego chutou o balde - coitado do Seu Armando – velhinho... [Risos]. Sério! Porque nego passava por cima da autoridade do Seu Armando. Porra, todo mundo que tinha ali, os medalhões da Astorj, não tinha o poder com a molecada, até o próprio Léo perdeu o controle. Aí o Léo saiu da Jovem para o [Ator Fla]. Então a gente criou isso. Na prática, está difícil, em palavras de homem na mesa dos líderes, se comprometer a fazer umas coisas relacionadas a jogo, de ida, de volta, de trajeto. Tipo assim: o Flamengo e Vasco sempre tinham uma tensão no ar. Qualquer coisa para evitar possíveis tensões. Se alguém quebrar essa regra, não teria uma punição porque a Ftorj não tem como punir nada em ambos, mas é uma coisa que mostra que não tem homem, tem safado – aí você mexe nos brios- tem moleque. Para não perder essa coisa do ego, estão cumprindo. E junto com o GEPE auxiliando, acompanhando... A gente chamou o Gus Melo. O Gus Melo viu, todo mundo junto, sem polícia, sempre ia para GEPE, cheio de polícia em volta, ele falou: “Caraca! Maneiro e tal” até que começou a fazer esse tipo de acordo com o GEPE. E as coisas, de 2008 até agora, teve problema? Nos últimos dois anos, teve problema, nada relevante. Tipo “Ah caraca, a pancadaria que teve em 2006”. Na arquibancada não teve quase mais nada. “Ah, mas teve um problema no Engenhão no acesso”. Mas o problema foi no acesso. Nego chegou, não tinha bilheteria aberta. Não só a torcida porque ela também teve culpa. Tem culpa? Tem! Mas e o acesso, a entrada, por que estava fechado ainda? Uma série de coisas ajudam a ter o problema.

B.H. – Um incidente que teve coincidiu porque a gente entrevistou o Frajola na Sexta e no Domingo teve Fluminense e Vasco e teve aquele incidente com alguém, que se não era uma cabeça, era um diretor da Força. Esse tipo de acontecimento também complica a situação de vocês.

J.F. – Complica. Isso que eu falei. “Frajola, a gente estava com uma marca legal, porque assim: Flamengo e Vasco, sempre tinha problema lá em Santa Cruz. Mas as imediações do Maracanã até com o GEPE segurando, estava legal, cara. Agora acontece essa cagada, aquele da Quinta da Boa Vista, na descida de São Cristóvão, morreu um cara igualzinho como morreu o Germano: Na base da porrada, mataram de paulada até matar! Pô! Eu falei: “Gente, para tudo!” Mas, assim o que fazer? É o que eu estou falando: as lideranças estão comprometidas. O Campinho deu as explicações e disse que achava que foi a Young. A Força Flu querendo parar. Mas é a base! Era o cara que chegou de trem lá de São João, é uma galera! E aí? Caiu um corpo “eu também quero chutar e bater”. Aí não tem esse limite. Agora qual a solução? A Ftorj não está ali para apontar: “Ali estão os culpados”. Mas tem que ter a punição! Se não tiver punição você banaliza a morte de uma pessoa. A do Germano... O Germano foi espancado até a morte a menos de 100 metros do Fórum. Onde tem um monte de câmera ali. Passou no Fantástico. Pergunta-me, agora, o que aconteceu? Eu acompanho, eles conseguiram desqualificar o homicídio qualificado e botaram para rixa como se fosse consequência de morte, ou seja, os caras nem cadeia vão pegar! Aí criaram uma frase: “Sem justiça não há paz, Deus é juiz, então somos a lei.” Era um slogan de guerra! Mas o que é isso? Identificaram nove no vídeo, identificaram os pontos. “Ah, mas desses nove, três estavam batendo e quatro estavam perto”. Beleza, esses quatro aqui segura uma formação de quadrilha - não sei, eu não sou... - e os outros três respondem... Alguém tem que segurar! Morreu uma pessoa! E vai ser uma rixa? Não vai ter nem cadeia? Com todos os identificados? Mesmo este rapaz que se apresentou no jornal, um cara da torcida do Fluminense dizendo que participou. Se apresentou sozinho. Você está maluco? Sei lá, mas ele se apresentou, só assim... O Rafik morreu em 2005 na Serra das Araras, [à foice]. Eu estava nesse jogo, ali foi um total de despreparo do Marcelo, total erro e uma das coisas que mais me fizeram ter mais raiva, foi isso, porque todo mundo com os ingressos. A gente e parou e falou: “Toma o ingresso”. Todo mundo com ingresso, não tinha ninguém que: “Ah vou viajar e lá dou um jeito” Não, todo mundo que entrou conosco, com ingresso no bolso. Pegamos o ônibus e fomos subindo a Serra das Araras, aí a gente deu uma pernada no Marcelo. O Marcelo marcou tantas horas no Maracanã e a gente subiu 2 horas antes. A gente está

tranquilo até então. Aí teve uma parada maldita na subida da Serra das Araras que nego desceu, roubaram cerveja, eu tive que descer e dar umas porradas nos moleques lá. Qual o prejuízo? Tantos reais. Pagamos. Porque, assim, eu não sou o salvador da pátria, não sou padre para catequizar ninguém. Nego vai e, às vezes, rouba. É um inferno! Mas se eu estou presente eu vou lá e pergunto quando deu? “Ah, deu R\$ 200”. Eu pago. E “esquece isso, desculpa alguma coisa”, tentando amenizar a besteira que nego já fez. Aí nessa hora chegou o Marcelo e falou: “Vocês fugiram da escola.” Enquadrou todo mundo, falou para todo mundo se juntar. Aí não me lembro se eram cinco ou seis ônibus e começamos a subir em direção a Volta Redonda. Chegando lá, passamos um rádio, e só tinha uma viatura. E atrás dele, eram duas viaturas, eram três viaturas para seis ônibus. Tudo bem, vamos embora. A gente desceu com a Jovem e de repente ele parou no meio da estrada e falou vão ter que descer. Falei: “Descer para onde, Marcelo?” “Ah não, recebi uma ordem agora do comandante de Volta Redonda e fecharam o estádio.” Eu falei: “Como assim fecharam o estádio?” “Ah está lotado.” “Como está lotado? Todo mundo com o ingresso. “Ah, é ordem e vocês vão ter que descer.” Aí foi bem naquele trevo onde começa a subir tem o trevo para descer, foi bem ali. Nessa hora, começaram a subir dois ônibus da Fúria, passa um, passa outro, “Olha os caras aí” Aí os policiais: “Voltem! Para o ônibus”, segurou tudo em paz, de repente o major: “Agora desce vocês.” “Como é?” Desceram dois ônibus e nenhum policial com eles, aí desceu um, dois. O nosso era o último vindo lá atrás. Eu gosto sempre de ir com o pessoal da diretoria lá atrás porque a gente vai vendo se eles vão fazendo besteira, se fizer besteira a gente já desce e dá um tratamento neles e volta para ônibus. A gente olha: “Está tudo bem, vamos embora”. Quando chega perto do estádio a gente assumiu à frente, até para poder organizar. No caminho, eu até prefiro ir à frente porque eu vou vendo. Para trás, se fizer besteira eu estou indo embora. Vou vendo para identificar quem são os capetas que vão fazendo as besteiras. Fomos seguindo e pá. Eles desceram: Um, dois ônibus desceram. Nós éramos dois ônibus grandes, dois micro-ônibus e mais uma van. Aí desceu o micro-ônibus, o meu e veio o carro do major Marcelo atrás. Aí começou a descer e, de repente, engarrafou. Eu falei: “Engarrafar na Serra das Araras?” De repente, “tralála”, “bum bum”. Abre!! Eu abri. A Serra das Araras, para quem já passou por lá, era aquela coisa do mapa, tem todo o desenho da estrada. Lá embaixo estavam dois ônibus da Fúria parados. Os caras arrancando galho, tirando pedra. Estão esperando a gente passar. Nego foi, parou o ônibus e desceram a pé. Aí teve aquela guerra campal e a gente desceu atrás, quando a gente desceu...Eu desci e demorei para chegar ao ponto de encontro de uns 5min a 10min. A gente desceu um pedaço, aí no micro ônibus tinha vários caras, o tráfego estava grande: Carro, caminhão e tal. Passou

o ônibus, passou outro e “engarrafou na Serra das Araras, como é isso?” A gente desceu correndo. E o major Marcelo ridículo de gordo não conseguindo ir atrás da gente, ele vindo atrás correndo. Resultado: Chegando lá estava o ônibus da Fúria quebrado, eles tacando fogo dentro do ônibus, o pessoal correu, o outro ônibus que estava parado foi embora com superlotação, o pessoal se pendurou porque a porrada começou a comer e quem ficou para brigar, brigou. Quem correu, correu e teve gente que fugiu. Eles falaram que o ônibus quebrou ali e eles pararam para esperar. Mas não, a gente olhou e eles já estavam se preparado para guerra ali. E a bendita informação de negócios de rede de comunicação, Orkut e celular, depois que a gente ficou sabendo: Tinha nego nosso, da Jovem, que era amigo de alguém da Fúria e falou: “Ah, estamos descendo”. Então para! Aquele negócio meio marcado e teve todo aquele merdelê, dizendo assim. Quando a gente chegou, a galera pulando, comemorando. Botamos os caras para correr e blá-blá e porra, que isso. Foram comemorando: “Pegamos e botamos os caras para correr”. Aí eu falei: “valeu, valeu, valeu”. Tudo bem. Aí chegou o major Marcelo com a língua para fora, todo com a camisa para fora, correu gordão como ele era. “Vocês estão malucos e está todo mundo preso.” Encosta todo mundo que eu vou chamar reforço para levar vocês até o Rio de Janeiro. Até aí tudo bem. Eu: “Porra”. Ele enquadrado todo mundo. Perdemos o jogo e eu falei: “Recolhe os ingressos que eu vou entrar na justiça.” O meu amigo: “Eu paguei pelos ingressos, como que eu paguei e não vou poder entrar no estádio?” Aquela coisa, aquela medida sem saber do Rafik. De repente, saiu do meio do mato, um dos moradores daquelas casinhas, aí chegou para major Marcelo e falou: “Tem um garoto machucado lá em cima.” “Machucado lá em cima onde?” “Ele estava lá em cima, mas arrastaram para cá” Até aí eu nem imaginava o tamanho da besteira que tinha sido feita ali, aí o policial chegou lá, o Major Marcelo veio bufando, entrou no ônibus: “Cadê o Zé Maria?” Estou tranquilo, perdeu o jogo, mas estou tranquilo. Ele me pegou e disse: “Vem ver o que os seus filhotes fizeram” Aí mostrou o Rafik todo desfigurado por foice e tal. “Que isso?” “Não, mataram o rapaz à foice aqui e agora você vai segurar tudo.” Eu falei: “Como é? Eu cheguei junto com o senhor correndo” e, pô, teve toda aquela história. Depois a gente foi aprofundando os fatos, teve a briga. Corre para lá, corre para cá, corre atrás de um, nego foi pegando. Teve uns três ou quatro que ficaram *bem* ferrados de porrada, não morreram, mas *bem* ferrados e o Rafik morreu. Foi à óbito e as bestas que fizeram, ainda carregaram o corpo para estrada para mostrar que fizeram. Foi por isso que os bichos do mato - como chamam os caras que moram à beira -, olharam e viram aquilo. Senão o Rafik nem ia ser achado. Se fosse onde pegou, nem achado, seria. Ia ser pelo cheiro dos urubus comendo. Foi aquele negócio, prendeu todo mundo, éramos umas 200 poucas pessoas.



Todo mundo passou a noite em Pirai fazendo aquela coisa de identificar quem tinha passagem, eles separaram. Eu sempre fui tranquilo, nunca tive nada. Aquela coisa: “Eu vou te ferrar”. “Mas eu estou tão vítima quanto você.” “Ah não sei o quê”. Aquelas histórias. A investigação foi muito bem-feita, muitos ali colaboraram, eu não podia colaborar muito porque não sabia, mas quem estava nos ônibus, identificaram. Prenderam, o cara está preso até hoje o que cometeu esse assassinato, foi preso. E nas nossas bases: “Ah, mas alguém [caguetou] o cara, x9 o cara, tem que ser cobrado”. Eles mataram o cara e não podiam [caguetar]. Então é fácil falar aqui, quero ver falar na frente do delegado ou do capa preta para falar isso: “Eu não vou xnovear o cara”. Eu não sabia realmente quem era, eu não estava no ônibus e não fui os primeiros a chegar lá, mas foi uma senhora investigação, eles pegaram todo mundo e conseguiram prender. Ali teve uma punição, foi mostrada para todo mundo na época: “Prenderam, 15 anos de cadeia, está preso”. Aí passaram dois anos teve o Germano. Teve uma punição?

Acabou a fita aqui.

J.F - Meu Deus do Céu.

[FINAL DO ARQUIVO 3]

B.H. – Só para fazer a sequência, você estava terminando de contar o caso do Rafik. No caso do Germano não sei foi uma retaliação direta porque disse que era um jogo entre Flamengo e Vasco de basquete, mas que tinha o pessoal da Fúria.

J.M. – É tinha cara, mas nego fala muito. “Ah, você tem um desafeto com o Mauro” – O Mauro da Fúria. Aí saiu em todos os jornais que eu e ele marcamos esse encontro assim. Veja que absurdo.

B.H. – Você estava nesse jogo de basquete do Germano?

J.M. – Estava. Eu fui até indiciado como testemunha a favor da vítima, até os próprios idiotas me chamaram porque assim as imagens aparecem em tudo, porque eu estou vindo na frente, tem um problema todo, a gente se evadiu na Antônio Carlos. Só que o Germano estava na antiga By Marius, esqueci o nome daquela boate, peguei a Almirante Barroso e ali era um número bem desproporcional, a gente estava com 50, 60 pessoas que na minha ótica *dava* para encarar eles, mas nego preferiu correr, mas tudo bem. Até eu corri, [inaudível] a gente recuou e eles vieram uma estratégia deles, eles nos cercaram ali na Praça da XV e a gente foi

recuando até quase a Cinelândia e o que eu achei mais curioso é que eu estava no corre-corre, no desfecho final de correr, eu olhei assim tinha um grupo grande, 20 correndo atrás. Aí ao invés de seguir pela Almirante eu entrei na Debret, aí continuei olhando para trás o maior número veio atrás de mim e passou uns pouquinhos para outro lado. O negócio é comigo. [Risos] Sério, eles queriam pegar alguém com nome, olha ele ali, então vamos pegar. Tudo bem que eu dei de cara com um policial, aí falei que estão querendo me roubar, aí parou, eles correram e voltaram. “Ah, pegaram o Germano em não sei onde.” Então aquela cena dos manos que eu não gosto nem de lembrar, é... Na hora que você vê isso sabe, eu sou uma pessoa muito mais equilibrada, estou uma pessoa muito mais consciente desses problemas. Eu faço parte de um grupo que tem problemas, mas quando você vê uma pessoa assim que considerava referência, um cara que era Flamengo, amante do Flamengo naquelas condições, o que você pensa? Pensa em fazer pior, não vou ser hipócrita, o troco tem que ser pior. Mas, não tem ninguém do quilate do Germano ali do lado deles, então tem que ser uns 20 deles, aquela coisa irracional falando, mas não adianta se for pensar dessa forma e é sempre assim um querendo vingar o outro, vingar o outro, vingar o outro.

J.M. – Bola de neve.

J.M. – Bola de neve, mas eu te juro que assim o que ia rolar nosso processo. Enterraram o Germano, a gente enterrou o Germano no dia... O dia agora não estou me lembrando. Mas a gente enterrou o Germano, aí recebi um telefonema da portaria do prédio da sede. A polícia veio aqui meteu o pé na porta e levou tudo. Eu falei: “Como é que é?” Eles estavam com um mandato de busca e apreensão. Tocou lá e não tinha ninguém, todo mundo estava no enterro do Germano, eles meteram o pé na porta e levaram um computador, levaram até nosso dinheiro, eu falo porque levaram. Tinha um dinheiro lá grande e eles levaram. Levaram referencial de material e ingressos. Levaram tudo. Aí voltamos, chamei o advogado – o Wagner – e falei “Vamos na delegacia.” “Pô, os caras foram lá na sede, tinham um mandato de busca e apreensão”. “Não, está apreendido e nós vamos fazer a investigação da morte do Germano” “Mas, pô, quem matou está lá, não é daqui. “Não, mas tem envolvimento”. “Como é o seu nome?” “Zé Maria” “Ah, teu nome é Zé Maria” aí ele me pegou e me levou lá para cima, botou em uma sala com um monte de investigador. “Ah porque os tantos que foram presos apontaram o seu nome como estando na briga.” Aí eu falei: “Eu estava no dia, estava no evento, mas, sabe, eu estou aqui da torcida vítima.” “Ah, mas falaram que você e o Mauro marcaram isso.” “Porque eu e o Mauro?” Eu não sei se vou entrar nestes detalhes, não, mas o Mauro é um torcedor da Fúria Jovem e ele era da Jovem do Botafogo nos tempos

do Cabeça, o próprio Mauro, Coringa, uns caras bons do Botafogo que sempre tinham embates. A gente gostava dos embates mais leais, os embates ali na mão, mas então o Mauro em 94 ele foi preso por um incidente que ocorreu no Carioca de 94 num baile Funk. Saiu, eles acompanharam a torcida Jovem do Flamengo, na Visconde de Albuquerque eles alvejaram. A gente tomou tiro para cacete. Eu estava no ônibus e eu deitei, passou um passat e ele e o Cabeça deram uma porrada de tiro, tiro pra cacete. Aí na época tiroteio no Leblon, perto do Jardim Pernambuco, aí nego opa, rapidinho começou a caça às bruxas porque no Leblon ali, se fosse lá na Penha mais um menos um, tinha um pessoal do Tabajara, deu a maior repercussão. A polícia foi pegou o Cabeça e pegou o Mauro, prenderam os dois. Eles ficaram em cana quase seis anos. Aí saíram em 1999 no auge da minha gestão, acabando com eles, eles saíram, os líderes. Foi tipo meio que a esperança deles. A torcida do Botafogo estava meio caída, estava quase quebrando para virar para a Fúria, o Cabeça e o Mauro saíram. Essa história é o que rolaram com o Germano. Então teve um Flamengo e Vasco aí em 1999 que eu nem me lembro do jogo e estou lá vendo a divisa policial falando com o tenente que aparecia a bandeira da Jovem. Porque, assim, aparecia bandeira da Jovem e da Força se escondia. “Tem uma bandeira nossa lá”, aí os caras tacaram fogo. Porra, mais uma bandeira nossa que vocês queimaram. Aí eu vi o Mauro na grade gritando e falei: “O que foi, Mauro, não sossegou na cadeia não? Está querendo mais problemas?” Aí veio falar umas gracinhas, trocamos umas palavras gentis um com o outro ali com um monte de policial na divisa e tale e ele me fez uma jura, aí eu retribuí a jura para ele e ficamos naquele negócio, saímos de cena e ficamos vivendo. Num basquete em 1999 numa final Flamengo e Botafogo que nós fomos campeões no Maracanãzinho tinha uma prática que a gente fazia com a PM e o Gepe e a gente fazia tipo galo de briga, tinha atrás do Gepe, no Maracanãzinho, tinha uma salinha no andar superior, aí a gente dava um dinheiro lá paras praças e chama um de lá e chama para mão. Com o Botafogo era coisa de homem e vinha de lá e de cá. É, então aconteceu isso, aí minha cabeça estava tão assim “Ah, a gente quer o Zé Maria e tal” “Ah, eu só vou se for com o Roberto, cabeça com cabeça”. Aí fiquei sabendo que viria o Mauro. Como a gente teve aquela troca de amenidades, juras de lá, juras de cá. Eu falei: “se vier uma hora vai dar merda, vai dar problema”. Mauro veio e aconteceu um episódio que eu não vou citar. Nesse dia entre nós lá, ficou um ranço meu com ele bem importante e aconteceu o troço com o Rafik. Voltando a falar de Germano e fúria de 1999 até 2007 tudo que envolvia Botafogo era eu e Mauro e tínhamos uns acertos para fazer. Ficou assim muita a coisa da mentalidade da garotada. “Ah, o Zé Maria e o Mauro tem uma rivalidade” Nunca levantei essa bola, mas tipo assim nós éramos desafeto e não escondo isso, a gente publicou isso, a gente falava isso nos

jornais, mas nada tão incisivo. Então teve esse negócio lá e o Mauro tudo que tinha algo com o Flamengo, ele queria participar porque o Vasco e o Botafogo a gente tinha certa amizade. Um respeito, uma amizade que se junta para quem vier com o Flamengo. Então quando tinha Flamengo acho que ele dormia do lado e queria vir se encontrar e teve esse negócio e o Mauro estava presente. Então, assim, eu não me lembro do Mauro na briga na Praça XV com o Germano, não me lembro dele na briga porque era muita gente. Tinha muito moleque, muita barra de ferro, você não vai ficar procurando, era pedra chovendo e você tinha que correr para não levar uma no meio da sua cara. Eu não vi a briga, identifiquei um ou outro. Tentamos, mas teve todo esse desfecho. Eu corri e tal, aí aconteceu isso com o Germano. Quando me prenderam, passei na delegacia para buscar o computador, “Senta aqui, Zé Maria, vamos conversar.” Sentei “Ah, não, estão te acusando.” “Estão me acusando? Sou da torcida da vítima.” Estão falando que você e o Mauro provocaram essa briga que marcaram aqui na Praça XV um acerto de contas de 10 anos. Eu falei: “Isso é um factóide que alguém criou e isso foi marcado pela internet” e depois que a gente ficou sabendo que essa molecada “vamos de barca” “e a gente também vai de barca” e fatalmente se não fosse dentro nas barcas ia ser na entrada, ia caindo pela Baía de Guanabara, isso é fato. Então, teve esse negócio estrategicamente de guerra, mas muito mais bem estruturados, eles se prepararam, mapearam de onde saíram, ficamos sabendo que tinha gente no Amarelinho e estão com 50 cabeças e vão sair pela Rua Araújo Porto Alegre. Quando a gente chegou na Praça XV eles vieram por ali, tudo já, foi aquele susto, mas voltando a falar do Mauro. Prenderam uma galera. O que aconteceu? Bateram no Germano e ele ficou desfigurado, morto, e aí a gente chegou lá e já tinha uma viatura que chegou e já tinha enquadrado uns 40 moleques e já estava liberando, a sorte que um senhor da By Marius, o restaurante, acho que ele era juiz ele fez alguma coisa, puxou a carteira e disse: “Quero todos esses aqui em cana, em cana todos eles”. Aí os caras tiveram que chamar ônibus, porque eles já iam liberar. O Germano estava aqui e eles já estavam a 50 metros do outro lado da rua evadindo e eles foram pegos se evadindo. Então segurou esse pessoal, prendeu todo mundo. Nessa hora a união de Vasco e Botafogo acabou porque aconteceu o seguinte chegou lá na delegacia, “De quem é a culpa?” Tem um morto, alguém tem que segurar esse pepino. O delegado começou a empurrar, “Tem um pepino desse tamanho para vocês aqui. Quem é que se apresenta?” Ninguém se apresenta, com morte, não é? E todo mundo, “Não, essa briga era do Zé Maria e do Mauro.” Esqueceram que o Mauro estava ali como amigo com eles e tiraram todos da reta e deixaram no Mauro e aí apontaram para mim como se fosse um dos caras que marcou isso. Aí por isso que me agarraram e me levaram. Aí eu falei: “Não. Negativo.” Até que me levaram no tribunal, fui

prestar uns esclarecimentos, o juiz lá: “Ah, mas você marcou”. “Eu não eu não marquei nada.” E foi aquela coisa, ficou aquele desarranjo. Eu reconheci o Mauro nas imagens, tudo filmado pelo Fórum, pela câmera da Cet-Rio, uma câmera da PM, e engraçado que eles não mostraram a PM no local, porque na hora que estava tendo o embate chegou um carro da polícia lá, com dois policiais com pistola e com fuzil, mas se eles dessem uns tiros para alto ou ameaçassem, acho que não chegaria aquele desfecho. Os caras entraram no carro e foram embora porque tinha muita gente, o Vasco tinha mais de 100, 200 pessoas e a gente era um grupo grande e era um dia de feriado na cidade, então era complicado, estava tudo deserto, poucas coisas funcionando, meio vazio e tudo e me [arolaram] com o Mauro, aí cargas d’água, anos se passam, eu e o Mauro rivais durante anos, mas a rivalidade cresceu depois que ele fez essas juras para mim, na divisa. Porque fez uma vez, vai ter que fazer essa jura, mas fui encontrar com ele no tribunal. Eu sentei e fui lá prestar meu depoimento. Eu não vi o lance de quem bateu no Germano. Eu estava no outro ponto e não vi. É mole na posição que eu estou, “Porra, Zé Maria, você tem que chegar lá e apontar cinco, seis...” Eu não vi o que aconteceu, aí eu aponto cinco, seis e eles me mostram uma outra visão lá e vou pegar um perjúrio porque menti. Eu não vou, “ah, quem eu vi foi fulano, sicrano, beltrano, então esse aí eu vi que participou”. As imagens estão aí do problema, não sou eu que vou falar, as coisas estão claras. Antes disso tudo pelo que eu fiquei sabendo do Mauro ele não é mais de torcida, ele parou e hoje em dia através do blog me manda abraço. Ah, porque assim ele poderia ter me sacaneado, me ferrado. Ele se ferrou em 1998 quando pessoas do Botafogo acusaram ele e ele acabou sendo preso na época do Carioca, na época que eles fizeram besteira no baile Funk. E eu tinha a faca e o queijo na mão e ele já era reincidente de um crime de um mesmo potencial de arma de fogo de um 121, podemos dizer assim, de um assassinato. Eu fui justo e a minha intenção não era botar o dedo na cara de ninguém. Uma coisa que eu aprendi problema da rua se resolve na rua, então não vou ficar “prende ele”, se prender é porque deu mole ou apareceu na televisão e foi preso, mas hoje em dia me passa rádio, o Mauro. Eu perguntei: “O que você quer, Mauro?” Hoje em dia não tem mais essa inimizade, eu pensei que fosse morrer. Eu imaginaria qualquer coisa na minha vida, menos que este cara que era meu desafeto importante da minha história de torcida, não sou amigo, mas ele me manda abraço através do [inaudível] porque ele morou no Leme. “Ah, o Mauro te mandou um abraço.” Eu mandava ele para merda, não quero saber dele [Risos] e era aquela coisa ele estava no calor da emoção quando fez essas juras para mim, eu também na época estava na emoção, fervilhando e tudo é momento. Eu olho para trás e tudo que eu vivi, vivenciei e estou vivendo podem mudar, algumas coisas podem mudar, é só querer, ter um grupo que queira,

mas a grande maioria não quer. A grande maioria está feliz como está. Não mexe, eu quero ver como vai ficar se entrar a gaiola, quem é vai continuar e quem não é vai picar a mula como aconteceu anos atrás, quando acabar os ingressos nego sai. Quando acabaram algumas coisas que acham bom para torcida, nego sai e fica quem gosta. Vou continuar lá no meu cantinho vendo o jogo junto com os outros coroa, vou lá de vez em quando e outro dia o Ricardinho aparece, lá no Maracanã e foi a maior festa e muitos desses moleques nem sabem que é o Ricardinho, então assim é bom demais, mas tem que mudar.

B.H. – Você acha que a Ftorj está sendo uma tentativa?

J.M. – Não, pô, a gente conseguiu fazer isso sem a ajuda de ninguém, sem a ajuda de nenhum o poder público, aí chega no seminário de 2009 com o ministro, “ah, tem que fazer a educação com você no estádio visando.” A gente colabora com isso, não cabe a torcida fazer isso. Isso é uma estrutura que cabe fazer total botar o pessoal organizando e os torcedores comuns em outro. Meu escudo que mostraram lá em Brasília foi ridículo, uma gaiola. Esse perfil já estava estigmatizando.

B.H. – Em São Paulo eles tentaram fazer isso no Parque Antártica e não funcionou.

J.M. – Porra, que isso. Só com esse perfil tem que se mudar, assim é fato Copa do Mundo, olimpíadas, olimpíadas dos militares, então tem um monte de coisa que ninguém quer fazer feio, beleza, a gente está aí para ajudar. Esse processo aí de maturação de 2003 a gente nem foi chamado. Acho que o apoio de vocês pesquisadores é fundamental com dados e perguntaram a vocês? Acho que também não. Eles fizeram ao Deus dará. Se vai dar certo ou não vamos ver. Era um progresso e torço para que dê certo. Algumas coisas precisam de ajustes. Mas, eu não consigo ver com essa política atual que mantém a gente ali. A gente está aqui para ajudar. Sozinho a gente juntou os homens e vamos fazer a Ftorj e para ter um representante porque assim eu fui eleito e fiquei até surpreso porque na hora de escolher um presidente vai dar merda. Natural, só que na hora alguém puxou o fundamento. “Zé, ah, tem que ser você.” Unânime! [Risos] É difícil no molde atual de torcida, cheio de vaidade que não senta no lado de a, de b, e de c, na hora fiquei surpreso. Fizemos e montamos. Agora a gente vai a alguns lugares para debater, falar o que estamos pensando, a gente escuta legal, nossa, mas e aí? Tem que se mudar muita coisa, até na cultura do torcedor tem que se implementar o lugar, informar e assim tentar e começar a mostrar quem errou, o que está acontecendo, começar a divulgar quem errou, aí sim as coisas começam a andar.

R.T. – Como os componentes reagiram a essa orientação?

J.M. – Porra, no começo teve até briga. “Ah não” Eu nem falo mais, desculpa, eu estou cavalo do sete de setembro, andando e fazendo M na pista [Risos]. Porque eu sou Flamengo e os caras que tem esse pensamento pequeno, não estão nem aí para torcida e para Flamengo. A maioria, a maioria não, aponto três pessoas que não vou nem apontar porque não merecem nem serem citadas, são três pessoas que nunca vi carregar uma bandeira, nunca vi com camisa da torcida, nunca vi na Gávea cantar ou para protestar, então não era nada. Não tem um histórico de briga, histórico de merda, todos esses três têm e aí? A torcida não é só isso. Ah, mas o cara é bom, a guerreira aí. Guerreira tem que botar a cara para a, para b e para c, não é só é guerreiro para guerra. Todo mundo tem seus problemas, o próprio Noy falou: “o Zé Maria é inimigo de anos aqui no Botafogo e estão sentados do lado, cara”. O próprio Luntra que era um dos fundadores da Fúria sentou comigo na mesa e conversando falou: “Você me deu um soco na cara” E aquela coisa de ranço existe. Eu falei “Gente, vamos esquecer os ranços, recolhe o retrovisor e olha para cá. Vai ter problema no caminho, isso é fato, mas recolhe”. Se ficar olhando para cá, aí a gente não anda para frente e vai acabar. Valeu as lideranças aí atuais compararam a ideia, mas já começou a dar problema em 2008, de 2008 não teve mais nada. 2008 não teve... “Ah, teve problema no acesso e na final, foi a final do Brasileiro” E foi problema de organização junto com a torcida e com a polícia, mas não foi problema de briga de organizada, teve pontuais, deve ter tido em Niterói, mas nos arredores deu uma melhorada, palavra dos líderes pelo menos em alguma coisa, claro que ainda tem muita coisa para fazer.

B.H. – E desse seminário acabou também que vocês fizeram contato com lideranças do Brasil até para linkar com os nossos dois últimos pontos que são as viagens e as alianças.

J.M. – Cara, eu me crucifico, com esse link me crucificaram porque teve um lance em São Paulo que foi ministro e tudo. Teve reunião com ministro e polícia federal. Quando eu cheguei ao Aterro eram vários homens de preto e óculos escuros, gente, estão pensando que isso vai ser uma guerra aqui, mas foi tudo tranquilo. O mais interessante é que após essa reunião, aí chegou o Pantinha – que é o Presidente da Gaviões – vamos continuar nosso papo, nosso fundamento lá na quadra. Todo mundo foi para quadra da Gaviões. Todos. Vasco, Flamengo. Sentou-se sem nenhuma polícia, começaram a falar, papo de torcida aberto, “Pô, tem que parar com essa palhaçada de tiro na estrada”, colocaram todos os problemas que acontecem no Brasileiro na mesa. Porra, foi legal o Cruzeiro quer fazer e com

“você não quero nem papo, não teve problema, a gente conversou como homem ali, ajustou, fizemos alguns tratos ali que não foram cumpridos pelo Corinthians e não vou entrar nesse mérito, mas fizemos alguns tratos que melhorou. Eu, Flamengo e Atlético recebemos a torcida do Atlético Mineiro na rampa com a Ftorj, com a Jovem, aí nego “não vai fazer isso tem que socar a cara.” Alguém tem que ir para Cristo, vou botar minha cara lá junto com o policial, comandante do Gepe falava tranquilo, chegaram bem. Então se chegar assim é porque estão bem, não vai ter problema na estrada e nem aqui. Aqui se vazar alguma coisa, problema de extra em estado não posso te garantir, não. Eu falava isso sem saber se um idiota da Jovem ou da Raça, ou do que for quisesse dar um tiro em Caxias, eu botava a minha cara, assim vamos tentar. Houve palavra de homem na minha torcida e neste ponto eu fiquei feliz, houve palavra de homem na torcida do Makula. Não teve sacanagem pelo menos nesse ano. “[...]” Teve problema do Vasco e o Corinthians não fizeram a parte deles, mas a gente tentou fazer por aqui, o nosso dever de casa a gente tentou fazer, mas, tem muita coisa a se fazer, mas essa aliança Ftorj junto com o Gepe, palavra de homem, das lideranças tem andado, esse negócio andou, acelerou porque em São Paulo estava meio complicado, meio descontrolado. Toda hora era briga, morre um lá e cá, então eu não sei se esse negócio foi votado rapidamente para dar um freio, mas o freio vai para todos, mas acho que o foco era mais para São Paulo e eles lá não se ajustam, tem a MTO, a MTO está proibindo, então senta e cria outra, a Ftorj pode usar, cria, mas eles sentaram e se reuniram, lá na sala do presidente ninguém se acha, então, desculpa, é um pensamento muito ali de ato, você tem que pensar ali na frente. A Gaviões quer ser sempre a primeira em tudo porque é a maior, porra, não é por aí. Quando eu fui para Brasília duas vezes e me pediram pedido de dilação de prazo para tentar oferecer [inaudível], a gente pegou umas mudanças que nos foram implementadas e olhou “Pô, vai ferrar aqui e aqui” porque a gente não bateu nisso tudo, bateu no filho do governo, não é nem do governo que está sendo criado ali. A gente pegou, um ou dois artigos, pegamos nosso advogado, o Kuntra, o Vagner, fizeram umas sugestões de mudança de lei lá em Brasília e pediram as comissões de esporte e pedimos dilação de prazo. Pedimos 20 dias de audiência com o Orlando e ele aceitou, recebeu, a gente levou as propostas lá, aí ele olhou e assinou e depois chegou a resposta, valeu o empenho, mas não adiantou de nada. Cavalos de sete de Setembro porque assim ali quem escreveu aquilo, tinha que ter o apoio de vocês pesquisadores, até uma pequena colaboração das torcidas organizadas, pequena da polícia militar, do setor de inteligência e de uma série de “[...]”, pensar em fazer tudo junto, um trabalho coletivo. Eu não sei como foi feito lá fora, eu li algumas coisas, lá na Inglaterra foi um trabalho que todo mundo se juntou, aí pensou e deu um jeito, acha o caminho e é por aí,



espero que dê certo. É uma medida que tende a melhorar o ambiente do futebol, o cenário esportivo, mas vamos ver como vai ser aplicado, esse negócio de cântico, “ah, mas vai cantar” Como vai ser isso? Para eu entender. [Risos]

R.T. – Vai incentivar? [Risos]

J.M.- Não sei. Eu tive uns debates assim em pouco tempo, até o pessoal que estava respondendo pelo judiciário tem que ter o bom senso da parte do pessoal, o bom senso é o remédio para tudo no que tange a este assunto. Bom senso da polícia, das lideranças e tal e todo mundo cumprir com a sua parte o negócio anda. Agora as bases que são os problemas, só que parece exemplos, “ah o fulano de tal que mora perto da minha casa foi fazer besteira está em cana”, “ah está em cana?”, Nego ou para de ir ou não faz mais. Mas, tem que ter exemplo, se não tiver exemplo não tem resultado, é opinião minha, pelo menos eu acho isso.

R.T. – Você se vê longe mesmo da torcida em algum momento, em outra vida?

J.M. – Não me vejo assim.

B.H. - De se Aposentar?

R.T. - É assim paixão perigosa, organizada.

J.M. – Assim, particularmente eu já estou aposentado. Eu vou lá ao jogo e quando vejo que tem problema eu meio que saio porque antes eu ia e tal e “perguntava o que houve e tal”. Se você não desmamar e quando eu me afastei foi assim em abril – eu nem posso dizer que estou recuperado – [Risos], mas assim em abril eu cortei. Fiquei dois meses sem ir em jogo, mas você tem que dar um corte e se afastar, esquecer e aí teve aquela mudança do Gepe, só estou com a Ftorj e mesmo assim estou representando, mas o *métier* da torcida jovem eu até nem quero me meter mais lá, eu entro assim e a visão de um monte de coisa que tem que ser vista, a molecada não quer saber de fazer material, quer saber de fazer besteira, então eu sou mínimo na nova mentalidade ali, então eles são a nova gestão, beleza. Então tem que segurar a nova gestão, quando tiver problema tem que segurar, aí vão falar “Zé, vem dar um apoio aí” e eu vou dizer: “Negativo, agora você não é homem? Segura aí”. Pensem, cresçam, mas caiam e abracem o problema ou a vitória. Sempre tinha alguém para dar o amparo, na hora todo mundo se junta para fechar e em 1998 quando juntou eu e [inaudível] dizendo que ia fechar, que não estava dando mais e tal, aí [inaudível] pegou, teve esse negócio em 2005 com o Rafik, a reformulação de tudo e tal, e o Bodão está levando. Assim sempre tem um grupo

de malucos que segura. Eu espero ter um grupo de malucos que venham e segurem e continuem levando isso. Porque a torcida Jovem está aí, vai fazer 43 anos neste ano, sabe, mas infelizmente muito do perfil atual não tem mais do perfil que se fundou. Tem algumas características que se mantém de 80, acho que não tem quase nada do que se fundou mesmo, só perfil contestador, mas tipo assim só espero que não acabe, a gente torce. Eu passei por ali, dei meu suor, sangue e todo mundo que passou por ali tentou dar o seu melhor. A gente torce para que não acabe como essas manifestações populares através das leis, a gente tenta manter uma coisa, só tem que ter algum tipo de freio para tudo que está acontecendo. Porque é um absurdo o que aconteceu. Aí quando vocês entrevistaram o Frajola, no Domingo aconteceu um negócio desse menos de 500 metros do Maracanã morrer ali perto do quarto batalhão em menos de 500 metros de distância e ninguém viu e nem sabia de nada e viu então, sabe. Se não tiver uma punição com isso porque mataram o cara, então vamos matar outro ali e é assim a vida está muito banalizada, está muito banalizada mesmo.

B.H. – É impressionante como a gente volta aos pontos problemáticos da sociedade. É chover no molhado. É a violência do futebol, violência no futebol que é um reflexo que a torcida acompanha essas transformações da sociedade e aí a gente volta para pontos [inaudível]?

J.M. – É, só estou falando da torcida. Bota no Flamengo uma grande coletividade. Você vê tudo na Torcida do Flamengo, claro que você vê tudo na torcida do Vasco, assim você vê cada coisa. Vê personagens, umas pessoas esquisitas, tudo assim num grupo e aí nos 90 minutos. Está todo mundo na mesma sintonia e, no momento de ira, está todo mundo na mesma ira. É uma coisa fantástica assim, por isso que quando eu peguei o livro para ler – eu estou no meio – e você não percebe e alguns falaram “Está maluco?” e eles começam a retratar e você fala “Caraca, é isso mesmo”, mas é interessante e bom ter estes tipos de estudo, porque é um comportamento de um grupo de uma população específica. Alguns estudam favelização, outros estudam a evolução do homem, a Antropologia, então assim é interessante, mas quando nego lê esses livros, “[inaudível]” nego pensa que vai ler só sangue, só quer saber, não quer saber o que é História. Quando eu achei tua tese eu falei “Caraca, tem muita parada” e fui fuçar e cansava na frente do computador [Risos] e tinha muita coisa que ninguém sabe e muitas coisas eu fiquei sabendo, coisas que ele buscou de 69. Caraca, show de bola, é tão bom se atentar, claro que não tem como implementar nos dias de hoje, muita coisa mudou, mas tem que ter coisa característica daquele tempo, senão, você perde a razão. A torcida Jovem é o quê? Não é mais nada, é um grupo de maluco que só quer saber de

Sadam Hussein, de fazer essas coisas e fazer besteira, mas eu tenho fé [risos] As coisas podem mudar.

B.H. – Mais algum ponto?

R.T. - Não

B.H. - Na verdade tem vários pontos, da próxima vez vamos marcar 7 horas da manhã [risos].

R.T. – Se a gente fosse fazer um balanço, nossa, ainda teria sempre mil coisas.

J.M. – Eu nem botei várias anotações. [risos]

B.H. – Bom, são quase 13 horas da tarde e vamos encerrando o depoimento tão franco.

J.M. – Eu espero que eu tenha colaborado com alguma coisa com vocês, mas se precisarem de alguém mais, eu posso indicar alguém do Botafogo. Posso até falar com o Claudinho da Ftorj para arrumar alguém do Vasco ou da Jovem.

B.H.- De início a gente pensou as lideranças da Ftorj e enfim estamos com vários projetos e acho que é o início e do lado de vocês quem puder colaborar, ser mais interventores neste jogo aí [Risos] que até 2016, pelo menos vai estar muito forte. Então você falou que os pesquisadores têm que ajudar mais.

J.M. – Eu acho que alguma coisa vai mudar na marra. Eu não sei por que vocês não estão seguindo isso há um tempo porque isso é uma coisa já antiga e esse problema vem crescendo, não vou dizer que foi drástico, não está incomodando, mas quando incomoda o filho de alguém importante aí aparece ou quando é algo que grite aparece.

R.T. - Mas às vezes também como a interpretação é diferente das interpretações comuns, muitas vezes também não é tão valorizado, não é? Que problematize que vejam outros elementos. A interpretação que a gente faz às vezes não dá muito ibope. [Risos]

B.H. – Eles querem que vá referente a isso, um bando de marginal.

J.M. – Teve um problema com um garoto...

R.T. – Então há um desinteresse, acontece.

J.M. – Teve um problema com um garoto em 2000, 2001 que foi morto na Abolição. Diogo Villas Boas e até hoje está para julgar. Tem uns quatro ou cinco rapazes da minha torcida.

Um até já morreu, que era o Snoopy que estava preso e estava como mandante, aí você vê “Caraca, o garoto morreu em 2001”, eu não me lembro se foi 1999, 2000, eu não me lembro. Foi por engano. O cara estava com camisa de torcida e ele morreu por engano. Ele era Botafogo e estava com a camisa do Vasco, aí passou um carro e deu tiro e matou o garoto. O mais difícil assim é aquele negócio, eu já perdi muitos amigos nesse meio, amigos que a gente segura na mão, muitos conhecidos eu perdi nesse meio de torcida. *Muitos*. Outro dia eu estava brincando com o Vagner na Zona Sul, não só como líderes de torcida, a gente que a gente botou e que se foi, aí a gente foi catando uns nomes assim e chegamos a quase 20 só na Zona Sul, aí de torcida fomos contar um, dois, três. O que levou um deles foi para tráfico, morreu com a polícia, tudo foi meio que direcionado, foi para um lugar que não devia e morreu. A gente perdeu os conhecidos lá na Jovem e bota assim nos dedos foi um *monte*, mas, assim, essa do Germano mexeu muito comigo porque era uma pessoa que entrei com ele garoto, o Índio que morreu de causas naturais, mas são pessoas que você olhava como referência e cara hoje em dia não tem mais ninguém e assim eu e o grupo de mais poucas pessoas somos a referência, caraca, uma referência assim e eu estou vendo que não tem mudança, não tem nada melhorando, isso me deixa um pouco triste, mas o que me deixa encasquetado, eu fiquei muito triste com esse negócio do Germano, mas uma coisa *pior* foi o que eu já fiz algumas vezes, que foi ir na casa da mãe dar a notícia e é horrível. Uma mãe fala assim, já levei vários tapas na cara. [O entrevistado começou a chorar]. Eu sou o culpado, eu sou o presidente, então eu sou culpado, mas eu não fui a responsabilidade nessas horas, porque é complicado, chega lá o filho dela saiu, morreu atropelado, mas foi no jogo, aí depois que eu tomei duas tapas na cara, já me preparava para terceiro, aí fiquei mais malandro, tirava a cara, você ganha culpa, mas não vou fugir, não incentivei. As besteiras que eu, Zé Maria, fui de fazer, fiz, às vezes vinham 300 comigo, às vezes o moleque morria lá em não sei onde, mas caía a culpa em cima de mim, culpa da instituição porque está com a camisa da torcida, então é muito difícil. A mãe desse Diogo, quando na sala de depoimento, eu estava lá era presidente nessa época, eu estava saindo da presidência e entrou o Snoopy, é tivemos uns cinco arrolados lá para responder. Ela: “Ah você é o presidente da torcida” – já era mãe de um adversário, mas era uma vida. Nos meus 20 e poucos anos eu estava meio maluco, meio do gás. Quando eu passei a ver essa realidade de amigos próximos, eu falei “Caraca, tua vida não é nada”. Basta você estar vivo, mas amanhã pode ser eu e tudo, mas olhou assim “Você é um rapaz tão bonito, estou vendo que você tem estudo e tal, por que você está nesse negócio?” “É paixão e tal”. “Mas essa paixão tirou a vida do meu filho, meu filho nem era apaixonado, ele estava vestindo a camisa de um amigo e tal” e ela falou: “Posso te fazer uma

pergunta e me responde com sinceridade?” “No que eu puder ajudar”. Esses cinco que estão sendo julgados, não é? Eu falei: “Estão.” “Algum deles é o culpado?” “Cara, eu não sei, realmente eu não sei, pode ser que um deles estava ali”. Mesmo se você soubesse o corporativismo de defender sua galera, eu sei que tem um culpado. Eu sei que tem um culpado, mas eu não sei quem é porque eu não estava lá, mas como é que eu falo isso? Se eu falo, eu viro o salvador da pátria de uma família, mas por outro eu morro no dia seguinte. É complicado.

B.H. – Entre a cruz e a espada.

J.M. – É complicado, então assim esse negócio da morte, quando eu levei a notícia para mãe do Down, até hoje ela pensa que está desaparecido, o corpo não apareceu, é horrível esses depoimentos de filhos desaparecidos, volta e meia. Já está velhinha e andando com a foto do filho na mão na rua, ele foi desaparecido, pegaram ele, torraram naquela churrasqueira do Santa Marta que hoje em dia está pacificado, mas nessa época era tráfico, cheguei lá tacou tudo, cinzeiro, copo, eu e Edmar “Espera aí [inaudível]”, é complicado. Então, assim, minha mãe sofreu muito com isso, a minha mãe odeia o Flamengo, eu falo “Não fala para mim porque eu amo o Flamengo”, mas, tipo assim, é uma coisa que mexe com toda a sua vida. Eu estou porque eu gosto porque não tem nenhum benefício financeiro, porque eu passei por uma boa situação e saí com a mesma. Hoje em dia as pessoas ascendem e só obedecem, não vejo erro porque hoje em dia é organizado, uma microempresa, um monte de coisa que movimenta, se der para as pessoas crescerem com isso, legal. Mas, nunca precisei, sou fisioterapeuta, trabalho na minha área, estou tranquilo, mas essas coisas assim de perder amigos, referências mexe muito, são um dos fatores que não fico mais com o mesmo tesão de ficar, vou lá pelo Flamengo, às vezes via o Germano já velho cantando e puxando a bateria, porra, isso aí e a torcida Jovem, isso aí é o Flamengo, porra, agora o cara morreu e até parte da minha diretoria, da minha torcida não está correndo atrás de ver o judicial, sabe, assim deixaram frouxo. Por que agora vou ficar também me exasperando? Sabe, acho que quem viveu, viveu, eu tive as minhas vivências, eu tive as minhas passagens aqui. Errei, tentei as coisas que possam servir de espelho para alguns jovens aí e na época eu estava em ascensão, mas foi um momento que, sabe, agora estou fazendo contrário, tentando remediar, vamos melhorar esse negócio porque eu não sou o mentor da coisa, não sou o mentor de nada. Eu já entrei num grupo que eu tinha ranço, que queria cobrar e cobrava depois que entrou e assim a bola de neve foi crescendo e aconteceu assim com um vizinho amigo teu e assim foi, perder essa referência que foi o Germano, perder o Índio agora em causa natural e perder outro

rapaz, o Guerreiro. E, porra, ver amigos, ver mães que eu tive, [encarar] para falar algumas coisas assim é complicado, é complicado mesmo, mas vivemos e esperamos que as coisas melhorem, estou sempre para ajudar, quer ajuda para fazer algo de bom me liga, agora para problema pequeno imediatista assim, eu estou fora. As pessoas que não querem ser ajudadas, aí você fica lá puxando e ela eu não quero, então quer não posso fazer mais nada.

B.H. – Muito obrigado, Zé.

J.M. – Muito obrigado vocês.

[FINAL DO DEPOIMENTO]